

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto
Monteiro Lobato

N. 68
AGOSTO
1921

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. - São Paulo

Secretario: *Moacyr Deabreu*

SUMMARIO

O MOMENTO	<i>L.</i>	385
PRINCIPIÓ DA RELATIVIDADE	<i>Pontes de Miranda</i>	387
A REPUBLICA NEGRA	<i>Povina Cavalcanti</i>	395
O FILHO	<i>Aurelio Domingues</i>	399
HISTORIA CONSTITUCIONAL DO BRASIL	<i>A. Carneiro Leão</i>	403
O POEMA DO MAR	<i>Menotti Del Picchia</i>	410
FABULAS EM PROSA	<i>Monteiro Lobato</i>	412
IDADE MEDIA	<i>Paulo Setubal</i>	424
JOHN CASPER BRANNER	<i>Suzan Branner</i>	427
A AMIGUINHA THEREZA	<i>Ribeiro Couto</i>	436
DEVOÇÃO E FIGURINOS	<i>João Leda</i>	440
BIBLIOGRAPHIA		448
DEBATES E PESQUIZAS		457
RESENHA DO MEZ		461
ARTES E ARTISTAS		472
NOTAS DO EXTERIOR		474

S. PAULO.

1921.

RIO.



REVISTA DO BRASIL - RUA BOA VISTA, 52 - CAIXA, 2-B - S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANJEIRO - 25\$000; - NUMERO AVULSO - 1\$800.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e APORMOSEADOS, com A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois meses assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar damno algum á saude da MULHER. — "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa. Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS DE PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de uma Caixa 8\$000, pelo Correio mais 2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO

Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro.
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

GRAVIDEZ

Evita-se usando os *Pessarios Americanos*; são inoffensivos, commodos, de effeito seguro e antisepticos. — Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000., enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO —

CAIXA POSTAL N.º 1.724
RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Cientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Deffluxos, Bronchites Catarraes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Astmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. — Rio de Janeiro



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4



LOTERIA DE S. PAULO

Em 16 de Setembro

60:000\$000

Por 9\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE



OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

—S. PAULO—

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: AFRANIO PEIXOTO MONTEIRO LOBATO
N. 68 AGOSTO 1921
EDITORES: MONTEIRO LOBATO & COMP. — SÃO PAULO
SECRETARIO: MOACYR DEABREU

O MOMENTO

Ha uma vaga na Academia de Letras. Não era caso de candidatar-se para ella um candidato natural da mentalidade brasileira? Esse, por exemplo, em quem se reúnem todas as sobreexcellencias do attico — e tem, como historiador, o rigorismo de Tacito, como humorista a invenção de Luciano, como tribuno a precisão de Eschines, como satyrico os relampagos de Swift, como estylista a rispidez de Voltaire, e como homem representa a convergencia final da varonilidade dos tres Andradas?

Esse Martim Francisco Ribeiro de Andrada cujos setenta annos significam uma vertical jamais oscillada em momentaneo desaprumo?

Ha deveres nacionaes. O maior é a glorificação dos heroes. E quem mais heroe que quem Martim Francisco nasce e durante setenta annos Martim Francisco se conserva?

Ha crimes nacionaes. E não é dos menores esquecermos que os Andradas vigem e viçam unificados no Martim Francisco de hoje.

Bem sabemos que a moral evoluiu. Que vale o habil, o manhoso, o reptante. Que vence o sorriso, a pilula doirada, o actor. Que ser inteiriço não é credencial de valia. Que ter espinha dorsal insubmissa á gymnastica das curvaturas não é recommendação. Que não apoiar com amens, não subscrever, não adherir, não jantar nem ser jantado, não acocorar-se é crime. Tudo isso sabemos, como sabemos que é peccado mortal ser maior que os outros e trazer erguida uma cabeça que pensa por si.



Mas... em homenagem ao passado, á moral e á cultura mortas, que lindo não seria coroar de louros officiaes as cãs do varão incorrupto que não quiz, não ponde, não soube adherir e na mesquinhhez de hoje ergue seu vulto como marco isolado duma grandeza que se foi!

É que opportunidade mais propicia do que esta em que sae dos prelos o seu CONTRIBUINDO, segundo volume da serie de participios — RINDO, VIAJANDO, FALANDO, RECORDANDO — na qual lega ao Brasil a licção do seu estylo, a força da sua dialectica, a acuidade da sua visão, o atticismo da sua graça, o aprumo da sua attitude na vida? Setenta annos de estudo, meditação, observação de homens e cousas entesouraram nelles a essencia de um pensamento e o apuro de uma linha moral que teriam o applauso carinhoso de Cicero e o louvor ardente de Plutarcho.

Haverá lance mais adequado a solemne declaração academica de que o merito real inda é benemerencia?

A verdadeira riqueza de uma academia não são os patacos que lhe enchem a caixa senão o ouro das grandes mentalidades que a compoem. E é errar lamentavelmente deixar a nossa de enriquecer-se com a figura imponente do solitario de S. Bernardo, o Andrada livre e sobranceiro que não pede, não adhere, não janta, não se republicaniza...

L.





PRINCIPIO DA RELATIVIDADE

GNOSEOLOGICA E OBJECTIVA

POR PONTES DE MIRANDA

O principio da relatividade está a base de pensamento moderno. E' o germen inextinguivel e fecundo, que deu ao homem a consciencia da sua humildade e da sua grandeza. Primeiro foi na theoria do espaço e do tempo que se mostrou ⁽¹⁾. Quanto ás propriedades e qualidades, ha a grande lição de Helmholtz ⁽²⁾. A Mach ⁽³⁾ e a Stalle ⁽⁴⁾ devem-se considerações magistraes. A existencia objectiva dos seres é-nos dada pelas relações entre elles. E' impossivel formar o conceito da coisa em si, que bem mereceu versos de Goethe:

Um sie keine Ort,
Noch weniger eine Zeit,
Von ihnen sprechen
Ist Verlegenheit.

Não podemos elidir o real que envolve as coisas e lhes dá a objectividade, nem a nós mesmos, que as sentimos e descrevemos. Por isto, desde Protagoras se diz que o homem é a medida de todas as coisas, *πάντων χερμάτων μέτεον ἀνσεωπος*. E' impossivel a existencia de verdades independentes do sujeito: não seriam conhecimento. A propria igualdade dos sujeitos que pensam é apenas uma

(1) H. KLEINPETER, *Die Erkenntnistheorie der Naturforschung der Gegenwart*, Leipzig, 1905, pag. 6. — L. LANGE, *Die geschichtliche Entwicklung des Bewegungsbegriffe*, Leipzig, 1886; — *Das Inertialsystem vor dem Forum der Naturforschung*, Kritisches und antikritisches, Leipzig, 1902, passim.

(2) HELMHOLTZ, *vorträge und Reden*, vol. I, pag. 321.

(3) ERNST MACH, *Populärwissenschaftliche Vorlesungen*, Leipzig, 1903, 3. Aufl., pag. 263-286.

(4) B. STALLO, *Die Begriffe und Theorien der modernen Physik*, Leipzig, 1901, pag. 187.

pela utilização dos conhecimentos já conquistados; o seu fim não é apenas uma hypothese: a da igualdade gnoseologica dos homens. E é por esta razão que, a despeito de serem melhores os methodos objectivos, o fim de toda a sciencia é a convicção subjectiva, e não a certeza objectiva (5).

A sciencia economiza a experiencia directa, evita o esforço pessoal. E todas são assim, porque todos os nossos conhecimentos são empiricos, inclusive as verdades da physica e da geometria. Foi o que mostrou Ernst Mach na mecanica e na theoria do calor, e hoje se reconhece em todo o mundo scientifico. Que somma de experiencia economiza uma simples lei como a da gravitação ou a da refração!

Que poupança não ha no systema do investigador da historia natural! O mesmo acontece, diz Kleinpeter, a quem pertencem taes interrogações, com a grammatica, com a sciencia juridica, com a da linguagem, etc.: o mistér da sciencia não é outro que o de nos servir na aquisição do saber, encurtar e desempear o caminho pela utilização dos conhecimentos já conquistados; o seu fim não é conter a sabedoria, mas firmar-se na obtenção della; não é armazenar conhecimentos fragmentados, e sim um guia para conseguirmos o saber, — como os livros de receitas, não encerram os manjares, (6) mas apenas as indicações para os fazer.

Até pouco, procuravam-se distinguir das sciencias da natureza as do espirito, por serem de ordem differente os factos que constituem o objecto dellas. Mas havia nisto o erro de se definir erradamente o que se entende por facto: tudo que experimento, faço ou suscito é facto; e se excluíssemos o que se opera dentro de nós procederíamos mal, pois que iguaes phenomenos em outrem não são internos para nós, e elles, como o proprio sujeito, em que se dão, podem ser estudados objectivamente. Tudo que pode ser conteúdo de consciencia é facto.

Somente o que nos dá sensação ou representação são elementos do nosso mundo: assim, para os seres, não o proprio ser, mas as cores, o som, a consciencia, o espaço, o tempo, é que constituem taes elementos. A coisa, o ser, é um symbolo de pensamento para um complexo de sensação de relativa estabilidade (7).

(5) Com a velha lição de KANT, diz H. KLEINPETER, *Die Erkenntnistheorie der Naturforschung der Gegenwart*, Leipzig, 1905, pag. 9: "Subjektive Überzeugung, nicht objektive Gewissheit ist das einzig erreichbare Ziel aller Wissenschaft". Sobre o conceito e a sua função comprehensiva (Funktion des Zusammenfassens). — JOSEPH PETZOLDT, *Einführung in die Philosophie der reinen Erfahrung*, Leipzig, 1900, vol. I, pag. 256 e seguintes. — GUSTAV F. STEFFEN, *Die Grundlage der Soziologie*, Jena, 1912, pag. 6: "Die Wissenschaft bildet die Wirklichkeit aus einem materiale nach, das wir Begriffe nennen".

(6) H. KLEINPETER, *Die Erkenntnistheorie der Naturforschung der Gegenwart*, Leipzig, 1905, pag. 11 e 13.

(7) ERNST MACH, *Die Mechanik in ihrer Entwicklung*, 8. Aufl. Leipzig, 1921, pag. 459: "Die Empfindungen sind auch keine "Symbole der Dinge". Vielmehr ist



O objecto do conhecimento são relações, e não seres. Nunca apanhamos caracteres objectivos inherentes á realidade, mas relações entre os phenomenos: somente isto é que colhemos quando notamos a luz, a massa, a força, a energia, etc.

Espaço e tempo não podem ser senão relações e como é preciso dar conta delles (a despeito da ordinariedade da geometria de tres dimensões), após os trabalhos de Minkowski, Schlich e Einstein, cogitou-se da possibilidade de uma physica não subordinada á geometria vulgar.

De modo que á theoria da relatividade de Einstein, no que supõe a escolha de coordenadas, por motivos de commodidade, ainda mais aprofunda a nossa convicção da relatividade do conhecimento humano. Nesta obra (*) haverá ensejo para verificarmos quanto é fecunda a nova theoria, e como, integrada no movimento intellectual da philosophia geometrica, serve á regeneração do pensamento nos dominios das sciencias sociaes.

Sendo tres as coordenadas verifica-se que ha mudança do eixo de x quando se passa do systema terrestre para o de éter; y e z persistem os mesmos. Que fez Lorentz? Subordinou as esquações electromagnéticas á transformação de coordenadas, afim de obter a nova formula: em vez de t , quantidade que differe delle por um multiplo de x , isto é aquillo a que chamou *tempo local*. Era puro artificio de calculo, dir-se-á, mas artificio que, generalizado por Einstein, satisfiz as condições de Poincaré (1901) para uma theoria electromagnetica do movimento (dar conta das experiencias de Fizeau, subordinar-se ao principio da conservação da energia, ser compativel com o principio da igualdade da acção e da reacção e explicar a experiencia de Michelson e Morlay), viu transformarem-se sem difficuldade as equações de Maxwell — Hertz e respectivos calculos, e não se oppôs á dinamica do electron. O eclipse total de 29 de maio de 1919 veio provar o desvio de $1''74$, segundo Einstein, e não $0''87$, segundo Newton. Pela nova theoria da gravitação de accôrdo com o principio da relatividade generalizada, a trajectoria de Mercurio foi mais esclarecida. Harmonizam-se as leis physicas com a revisão das noções de espaço e tempo. E' natural que isto se dê: trata-se de traducção mais geral, mais vasta.

Quando Einstein prova o peso da luz e, pois, a sua submissão á gravitação, de maneira a tomar a figura dinamica que exigem as leis (desvio do raio luminoso nas vizinhanças do sol) e ser relativa a propagação rectilinea, quando procura dar significação real ao

das "D'ng" ein Gedankensymbol fü einen Empfindungs komplex von relativer Stabilität. Nicht die Dinge (Körper), sondern Farben, Töne, Drucke, Räume, Zeiten (was wir gewöhnlich Empfindungen nennen) sind eigentliche Elemente der Welt".

(*) O autor refere-se ao livro, de que o presente escripto é simples fragmento de capitulo.



tempo *local* de Lorentz (x, y, z coordenados, x a do deslocamento, sendo o tempo *local* diferente de t por um multiplo de x) e, *pela* concepção da quarta dimensão do mundo "espaço-tempo", Minkowski, em 1907, reputa obscuras as noções até então vigentes e separadas de espaço e tempo, de modo que somente subsistirá a união dellas, — são de feito admiraveis os novos recursos com que se enriquece a physica, a astronomia, a theoria do conhecimento. As quatro coordenadas, em vez de tres, conduzem a formula mais elevada e mais geral, que é a do proprio principio de relatividade: as leis physicas conservam a mesma forma para todos os systemas de eixos rectangulares do universo de quatro dimensões. Trata-se, pois, de generalização do pretenso principio de relatividade de Newton; mas Einstein vem extendê-la a *todos* os phenomenos. A imagem tetradimensional do mundo synthetiza as theorias einsteinianas.

O principio de relatividade deve ser mais geral ainda, — devemos procurar a diferença de tempo nas realizações biologicas e sociaes, — o tempo *local* das especies e dos grupos humanos. Isto nos poderá explicar muitos phenomenos que resistem ás explicações. Mas para conseguir taes formulas muito terá que lutar o espirito humano, contra os preconceitos, que o rodeiam, e contra as obscuridades da materia, que irá estudar. Dos dois empecilhos, nenhum é maior que o outro.

Quem vê o individuo não conhece o Homem; o homem é individuo-social, não existe senão na sociedade: será tão anomalo vê-lo só pelo milagre de extravagante abstracção do que o cerca, do que o compõe, do que o penetra, como livrar da lei da queda dos corpos qualquer porção de materia. O investigador que passasse a vida inteira a estudar, no microscopio, a cellula animal, não conheceria o carneiro, ou a borboleta, cujas partes viu. Porque o animal tem órgãos, formas, que transcendem (digamos assim) a estrutura da cellula. Ver o individuo "só" é ver, menos do que a cellula, que já é aggregado, ao passo que o homem é unidade da vida social, como o atomo para a materia. Se varia a estrutura social o homem varia nas mais intimas manifestações da vida religiosa, moral, economica e juridica. O preanimismo e o animismo são impenetraveis pelo ser da idade actual, logica da humanidade. O tempo *social* actúa como o tempo *local* de Lorentz e Einstein: tambem elle differe de t por um multiplo de x , ou, melhor, é a nova dimensão minkowskiana.

Chronologicamente, as theorias de Einstein pertencem a datas differentes: o principio de relatividade especial a 1905, o de relatividade geral a 1915 e a gravitação ao periodo seguinte (1915-1917). O segundo tem o merito de abrir novos horizontes á physica mathematica. O espirito não se satisfaz com a verdade scien-



tifica, se moldada na secca abstracção dos symbolos mathematicos, como diz A. S. Eddington, na recente obra sobre *Space, time and gravitation* (Cambridge, 1920), mas não nos parece, como a este autor, que seja indispensavel tornar intuitivas, representaveis pelos meios ordinarios e imagens familiares, taes concepções revolucionarias. São apenas pedagogicamente necessarias, opportunas; o homem acabará por se familiarizar com ellas e considerar, não como as *unicas* possiveis, porém como *espécimens* das possiveis, as concepções tradicionaes de espaço e tempo. Para a theoria do conhecimento, é innegavel a importancia das idéas de Einstein: separaram pela maneira mas completa que até hoje se conseguiu, o que depende do observador e o que depende do mundo exterior nos acontecimentos que examinamos. O “espaço-tempo” concreto, de quatro dimensões, torna-se systema de “linhas do mundo”; porém não se tire dahi que não apresenta a menor objectividade, como pretendeu Wildon Carr, nem tão pouco que seja o principio ultimo da sciencia: poderá ser ultrapassado, como a physica newtoniana, a de Fresnel-Maxwell e a do energetismo. A relatividade está no conhecimento e em todas as coisas. Pela comparação anatomica dos olhos de varios animaes, podemos saber que nem todos vêem as mesmas formas e qualidades. A propria toxidade é relativa: a belladona mata o cão e o homem, posto que seja inoffensiva para a cabra *Batrachios*, passaros e insectos apanham abelhas, a despeito do aguilhão. Onde quer que haja organismos o que mais importa conhecer é o complexo organismo \times meio. Os proprios elementos dos organismos estão sempre, e necessariamente, em relação mediata ou immedita com o conjuncto dos outros elementos. A interacção é o factio perenne do mundo. Como, pois, limitar a applicação do relativismo ?

Na physica classica e na mecanica de Newton, analyticamente, o tempo é um parametro unico t (variavel independente). Ao systema absoluto Σ , obtido pela escolha de um ponto ligado a estrellas fixas, são referidos os movimentos; e a rotação da terra em relação a elle é que nos dá o tempo t . Na recente theoria, o tempo não é analyticamente representado pelo parametro unico t ; introduz-se parametro especial a cada systema, de modo que são tantas as variaveis quantos os systemas. E' a representação polyparametrica. Pela analogia com as coordenadas homogeneas, chama-se ao novo algorithmo — derivadas homogeneas; e á operação especial — aberração, como antes se falava de translação, de rotação e de deformação. Ora, não podemos deixar de reconhecer em tal posição *livre* (digamos assim, porque se libertou de certos preconceitos) fecundo criterio para maiores e mais profundas indagações dos phenomenos, inclusive biologicos, sociologicos, etc.

Conforme a temperatura, effectuar-se-á com velocidade varia-



vel a multiplicação das colonias bacterianas. E' um elemento novo, o calor, que vem actuar nos calculos; e o tempo biologico será relativo a elle. Ora, se nem todas as leis sociologicas são leis synchronicas, está claro que devemos considerar *concreta* e não *abstractamente* o tempo: não será t , mas o tempo local, segundo Lorenz; ou a quarta dimensão de Minkowski. Conforme a lei de van't Hoff e Arrhenius, a 20° operam-se as reacções chimicas tres vezes mais depressa do que a 10°. Assim, a 20°, a formiga marcha tres vezes mais depressa, e uma planta cresce a triplo. Segundo E. W. Seyster, os olhos de uma mosca *Drosophila*, a 10°, apresenta tres vezes mais facetas que os do mesmo insecto a 20°. A lei é a mesma e é preciso contar o elemento temperatura. Aos sociologos cabe a difficil tarefa de procurar as applicações sociaes da lei de van't Hoff, que tornará claros certos factos hoje reputados escapos ás leis sociologicas. São os pretendidos casos de excepção.

Comprehende-se quanto se pode esperar das theorias da relatividade.

Desde a luta de Kant contra a arte vã da dialectica (8), que vacillam em seus fundamentos certas doutrinas. Quando Mach formula o seu modo de pensar, que Petzoldt encontra em Goethe e Avenarius (9), já leva outros recursos, que não possuía Kant e as duas theorias são inconfundiveis (10). O que a nova philosophia pode trazer ao futuro da humanidade não podemos prever. Na theoria da relatividade segundo Einstein está a victoria do relativismo philosophico; nem mesmo concepções que exijam aos movimentos relativos, pelo menos, movimentos absolutos de corpos entre si, como a de Höfler (11), podem apresentar fundamento scientifico para a theoria do conhecimento, e apenas insistem em erigir o *a priori*. Para as aceitar seria preciso presupposição de um espaço metaphysico, v. g.; o euclidiano (12). E á sciencia não cabe fazê-la; não lhe seria necessaria a fixação do movimento absoluto, — apenas lhe é admissivel o conceito delle, como correlativo e restricto ao conceito do movimento relativo (13). Tem-se na thoria

(8) KANT, *Prolegomena*, Ausg. v. Kirchmann, 1878, pag. 130. ERNST MACH, *Analyse der Empfindungen*, 6 Aufl., 1911, pag. 24 e 38.

(9) JOSEPH PETZOLDT, *Das Verhältnis der Machschen Gedankenwelt zur Relativitätstheorie*, appendice ao livro de ERNST MACH, *Die Mechanik in ihrer Entwicklung*, 8. Aufl., Leipzig, 1921, pag. 491.

(10) FRIEDRICH ADLER, *Ernst Machs Überwindung des mechanischen Materialismus*, Wien, 1918, pag. 33.

(11) HOFLE, *Studien zur gegenwärtigen Philosophie der Mechanik*, Leipzig, 1900, pag. 133.

(12) JOSEPH PETZOLDT, *Das Verhältnis der Machschen Gedankenwelt zur Relativitätstheorie*, appendice ao livro de ERNST MACH, *Die Mechanik in ihrer Entwicklung*, 8. Aufl. Leipzig, 1921, pag. 495.

(13) JOSEPH PETZOLDT, *Die Gebiete der absoluten und der relativen Bewegung*, em *Analen der Naturphilosophie*, 1908, vol. VII, pag. 29 e seguintes.



da relatividade forma intermediaria entre a pura descripção e a explicação causal, entre a nova physica phenomenologica e a velha physica mecanica; não lhe falta, pois, como pareceu a Helge Holst (14), a descripção causal (kausale Beschreibung).

Ideologicamente o que se vê é a velha luta entre o pensamento mais racionalista e o mais empirico como bem notou Petzoldt; e não ha negar o valor de tal disputa bem como da propria theoria da relatividade para a theoria do conhecimento (15). No final, conciliamos o que é verdade, posto que colhido em fontes diversas, e concebemos o mundo real como absoluto e relativo: absoluto, em sua imposição, em seu *dar-se* (16); relativo, quando considerado em correlação funcional com o nosso systema nervoso central, que é parte delle.

Muito nos illude a divisão didactica das sciencias: crêmo-las independentes, e todas se entrosam e entreauxiliam, como os factos do universo, que constituem o objecto dellas. Uma grande descoberta na physica ou na chimica tem o seu tanto de comprovador ou de rectificativo na theoria do conhecimento, quando não actua nas outras disciplinas pela directa importancia do que affirma. Posto que haja sciencias que se retardam, não pode ser muito grande o retardamento, porque o estado geral do conhecimento a arrasta em sua carreira. O aperfeiçoamento dos methodos, o apurar das pesquisas e a exactidão das soluções não pode fazer-se ao mesmo tempo em toda a extensão do saber, nem supportaria o espirito humano a totalidade universal da sabedoria. A sciencia requer espiritos altissimos para que integralmente se desenvolva. E esses não os tem a natureza. Os proprios genios são seres incompletos: falta Bacon em Shakespeare e vice-versa; Mach, Minkowski e Einstein não surgiram num só. Os tres revolucionam a physica e a theoria do conhecimento, e muita vez se sente o pensamento de um, a nascer, esquivo e tenue, nas paginas do que o precedeu, e nem sequer entre Mach e Einstein a continuidade se faz em linha recta: ha entre elle dezenas de mãos que conduziram tijolos para a construcção sumptuosa e audaz.

Vejamos quanto é fecundo o principio philosophico da relatividade gnoseologica e objectiva. A primeira noção da vida celeste, que podia ter o homem, era do movimento do sol: elle "via" o sol

(14) HELGE HOLST, *Die kausale Relativitätsforderung und Einsteins Relativitätstheorie*, em *Det Kgl. Danske Videnskabern. Selskab. Math. fys. Meddelelser*, Kopenhagen, 1919, vol. II pag. 11. Contra: — J. PETZOLDT, *Kausalität und Relativitätstheorie*, na *veitschrift für Phys.k.*, 1920, vol. 1, pag. 467.

(15) SELLIEN, *Die Erkenntnistheorie Bedeutung der Relativitätstheorie*, Berlin, 1919, pag. 22-23.

(16) BERTHOLD KERN, *Das Erkenntnisproblem und seine Lösung*, 2 Aufl., Berlin, 1911, pag. 202. As expressões de J. PETZOLDT, intraduzíveis no vernaculo, são maravilhosas no alemão: "absolut in ihrem unabänderbaren Gegebensein, Sichaufdrängen, Vorgefundenwerden auftritt".

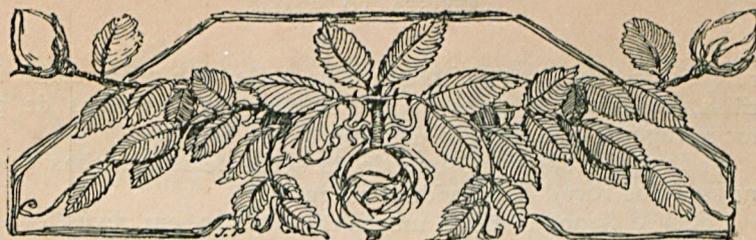


mover-se, e estava certo disto. Com a supposição da immobildade do observador, Ptolomeo coordenou os phenomenos do céu em systema. Que é que nos vem libertar do jugo de tal empirismo? E' o principio de relatividade: se o espaço não é realidade absoluta, podemos tomar outro ponto para a medida do movimento (exemplo, o centro de gravidade do systema solar e eixos que passem por estrellas fixas). As complicações do systema de Ptolomeo desaparecem; ha maior harmonia, maior simplicidade na explicação, que exclue as coincidencias fortuitas, puras obras do acaso. Pode affirmar-se segundo a nova theoria, que a terra gyra em torno do sol. E' o dominio de Copernico e Galileo. Mas vimos que a relatividade criou a outra solução e esta fecundidade não deve parar. Quem pode saber se a terra gyra exacta e realmente em torno do sol? Se o espaço é relativo, como assegurar a verdade da figura que a terra descreve? Basta que se imagine qualquer elemento de relatividade do espaço para que valha como simples synthese do conhecimento humano actual o que ao vulgo já parece verdade absoluta. Entretanto, posto que relativa, serve para provar que a immobildade da terra é mentira. A generalidade é que prestigia a lei; quanto mais universal, mais objectiva. Na physica, pensa-se no principio da conservação da energia, depois no de Carnot — Clausius (tendencia ao equilibrio thermico, que importa negação categorica da reversidade). A conciliação delles parece advinhada em Kant, que distinguia, nas analogias da experiencia, duas condições necessarias á sciencia racional da natureza: permanencia de uma substancia através do tempo; successão de causa a effeito, conforme a ordem objectiva, irreversivel do tempo.

O criterio philosophico que nos dá o principio da relatividade é o mais fecundo que possa haver. A despeito do scepticismo, que parece implicar, é a elle que se devem conquistas memoraveis da intelligencia humana. Para os espiritos discursivos literarios, certamente será desconfortante e como que lhes impõe a descrença em todas as investigações e em todas as idéas. Para os espiritos scientificos, não; que a sciencia é um ansiar e sabe transformar em conhecimento util a propria descoberta da fragilidade, da irresistencia e do erro dos seus conhecimentos. A intuição que dirige o ideal do sabio não é a de que terá a verdade, mas a de que, com os seus ingentes esforços, pode cada vez mais aproximar-se della.

Rio, 1921, janeiro.





A REPUBLICA NEGRA

POVINA CAVALCANTI

(Da Academia Alagoana de Letras)

NUM minuto, estávamos aprestados.
Conquistando ao piso e ao resfôlego das alimarias o solo areento, a cavalgada partiu.

Não nos dava ansa a imaginação de aplicar tento á realidade.

O epico fulgôr das tradições ulcerava a alma de curiosidade e os dominios do Zumbi, através dessa ardente visão, soiam apresentar o encantamento de irresistiveis phantasmagorias...

Em porfia com a imaginação, a realidade venceu.

D'ahi por diante, seguimos, então, em terra firme.

Tremia no ar scintillante a luz do sol e aquarellava-se a montanha verdoenga, esfumada á distancia de uns froixos tons de oiro.

A excursão á sede da Republica palmarina era objecto de uma forte e indescriptivel ansiedade.

Dir-se-ia que naquelle vivo painel da natureza o perfil da historica montanha se desenhava debruado de profundos e insondaveis mysterios.

Da vetusta Imperatriz, hoje cidade da União, ás faldas da serra, rumo leste, o percurso não foi escasso de interesse.

Approximadamente um kilometro de trincheira em derrocada por alli se estende, revelando, ainda agora, na mudez granitica de seus alicerces, a lograda defeza, que a Republica tentou oferecer á vigorosa arremettida das forças legaes.

Cerca da muralha e até ás abas da immensa mole tapeçada de verdura, o scenario é de alentada vegetação, com baixos

relêvos de relva na semi-planura do valle, que o Mandahú fertilisa, colleante, d'aguas claras, sombreado nas ribas de pelucia vegetal pelo copado das ingázeiras em flor.

De longe, o dórso mosqueado da serra pelas manchas verde-negras dos roçados, convida á ascensão.

Collea o flanco leste da montanha sinuôso, em revês, ora estirado e comprido, o caminho da chan, antes do entroncamento dos arrastos.

D'um grotão, que se afunda em verdura, bem no meio da serra, um fio d'agua crystallina se philtra: foi com agua assim, virgem do lôdo humano, que se devêram ter banhado os deuses do Olympo...

Deixemol-o para as abluções das azas, que o festejam, multicôres, barulhentas e felizes — ignoradas dos homens.

A subida, além do meio da montanha, vai bem ainda no costado da alimaria.

Até certo ponto — uma casinha de telha e taipa, sem rebôco, alpendrada e perdida naquelles mundos, a gente sobe ao passo do animal cansado.

Lá então, d'olho espraído para baixo e para os horizontes, bebe-se em haustos a luz victoriosa das alturas.

Que bom é subir, galgar o cimo, olhar do alto!

A cidade alveja ao longe: uma casaria branca derramada no espaço, que a visão restringe, amiúda e colora de uma transparente e azulada poeira de sol.

O Mundahú faz ziguezagues de cobra e o espirito está vendo estas coisas, concentrado, cheio da grandeza e do mysterio que ellas significam, quando da casinha alpendrada sáe ao nosso encontro, em mangas de camisa arregaçadas, pés descalços, grande chapéo da palha do ouricury desabado, um homem amavel até á humildade, que nos diz, numa voz cantada:

— Apeiem-se, seus moço...

Não ha bondade maior. No terreiro cacarejam as "creações" e, suspensos á altura d'uma braça os cortiços da casa formigam.

Se demorarmos, teremos do que houver: desde o mel puro da abelha á fava com o franguinho, engordado na sôlta daquellas redondezas. Mas vamos subir.

Começa agora a ascensão difficil. Ficaram os cavallos, desarreitados, presos aos esteios da casa de farinha do nosso hospedeiro.

— Alli não faltaria nadinha; que fossêmos sem cuidados...

E nos deu ainda uma cabaça d'agua pura, apanhada á fonte áquella horinha do meio dia e fria de doer!

Galgamos o arrasto. Arrasto é um sulco de palmo e meio,



mais ou menos, cavado na espalda da serra e já proximo da chan, por onde descem puxadas as madeiras, que se vão cortar á chapada; um corrego aberto no barro vermelho, dentro de um tunel de fôlhas, que as lianas unem ao alto.

Antes de attingir o pico, sente-se necessidade de repouso.

A canseira da escalada é em tudo desoladôra: suba-se a montanha, que foi o historico reducto do quilombo palmarino, ou galgue-se a que se presume ser na vida a das nossas alegrias e dos nossos dissabôres...

Uma vez na chan, o lôgro é immenso, consternante.

Delles, os bravos da Republica Negra, nem um vestigio de vida passada, indomita, bellicosa; nem um trophéo de guerra — um trabuco, ao menos, tomado ás forças legaes de Carrilho ou restos da estacada de páo a pique, onde ainda o tempo conservasse enfiado um capacête guerreiro...

Nada! Só a tradição, a historia e a lenda, pairando em tudo, envolvendo tudo e embalando nos leques donairosos das palmeiras a poesia nostalgica dessa emocionante tragedia libertaria.

Em pouco tempo, sente-se a monotonia da chapada. E quer-se ver coisa menos displicente.

A vista opera então o milagre. E' o panorama, que se descortina do alto, depois de vencidos dois kilometros de capoeira, andados com soffreguidão na explanada intermina; é o abysmo — um valle immenso, pincelado do oiro em petala do ipê florido e regado pelo Mundahú, de rastos, flexuoso, preguicento e lubrico, saciando a terra até á plethora; é a grimpá dos *Dois Irmãos* de uma lenda adoravel, que a gente da Viçosa sabe de cór e o *Taboleiro do Pinto* enorme, colossal, infindavel, como uma grande muralha, que Deus tivesse erguido para destinos ignorados...

Do outro lado, é o despenhadeiro, o flanco ingreme da montanha soberba, por onde se precipitaram no desespero da corrida os arrojados defensôres da Republica.

Inaccessivel, o alcantilado cyclopico da montanha apresenta o aspecto de uma fortificação intransponivel de granito, indigente de vegetação, quasi toda ella, já desbastada ás cimalthas pela acção corrosiva do tempo que, faz pena, ainda um dia tenha de arrasal-a, matando-lhe a imponencia da ossatura gigantesca.

Tinham razões os quilómbolas, quando organisaram a defesa do lado oriental sómente, construindo além da estacada, de que não ficaram vestigios, a grande trincheira, que seria inexpugnavel, se antes della concluida, o paulista Domingos Jorge



Velho, ao som das trombêtas de guerra, não tivesse derrocado a Republica de mais de mil escravos foragidos...

Seria então por ali, pelo flanco mais alcantilado, que teria rolado o corpo do Zumbi, na "cambalhota epica" de seu maior arrôjo, se cá não soubessemos pela bocca do povo — *vox populi* — que o chefe negro fugiu com vida, buscando ainda a liberdade na floresta immensa, que o escondeu.

Mas o destino não é brinco da imaginação.

Faz, desfaz e vai enrolando o novêllo da vida com a arte de uma incomparavel figura de tragedia.

Ao Sueca, o aclamado Zumbi dos Palmares, salvo da vertigem do suicidio, que precipitou a legião dos seus parceiros de commettida libertaria na morte heroica daquelle despenhadeiro, estava reservado outro fim, para que se escrevesse a historia de mistura á lenda, visto como o espirito humano é inclinado por natureza a preferir a mentira...

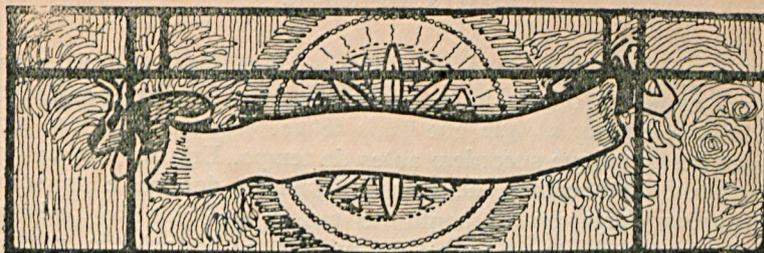
Matou-o um traidor, á margem da corrente de um riacho d'agua pura, no seio de um capão, insulado na caatinga e rescedente á flor copiosa das myrtaceas. Qual fôra o movel da traição e o feitio do traídor é coisa de somenos, para quem nunca se ageitou nesta especialidade literaria de investigações historicas.

O principal é que lá morreu o heróe, á margem da corrente, onde depois a credice piedosa levantou uma capellinha branca sobre um madeiro milagrento, que assignala a cova dos sete palmos desse thaumaturgo posthumo.

Hoje a capellinha tem jús a romarias e nós já lá fomos, em menino, levar a nossa vela benta e dizer, constrictos, a nossa Ave-Maria, em signal de humilde agradecimento á veneravel Santa Cruz do Sueca... (*)

(*) SUECA é hoje um povoado de cerca de sessenta casas, distante da cidade de União trez kilometros approximadamente.





O FILHO

AURELIO DOMINGUES

○ Dr. Guedes Samambáia é um velho medico que já não se occupa de doentes.

Em sua confortavel vivenda, uma casa de celibatario, passam os seus amigos agradaveis serões. Uma yelha criada allemã e um criado portuguez dirigem, numa perfeita combinação de idéas, a casa do Dr., onde não ha, como se diz, uma coisa fora de seu logar. Noutro dia estavamos em palestra na sua salêta de fumar, —um aposento alegre, ornado de reposteiros leves e claros, algumas tapeçarias e quadros de valor; e, assentados em poltronas de vime, olhavamos fora da varanda, o jardim e o fundo verde e longinquo da paizagem... Alguem lembrou-se de pedir ao Dr. Guedes uma historia, um episodio, uma lembrança, emfim, que nos contasse alguma coisa de sua vida passada, de medico clinico. Quasi sempre nol-as contava elle, e bôas. desta vez, não se fez de muito rogado e, excellente narrador que é, contou-nos o seguinte:

“Uma rapariga, a quem eu vira nascer, de quem conhecia bem os ascendentes, casou-se com um rapaz de igual situação social e uniu-os decerto um sentimento que a ambos attrahiu. Uma singularidade, que não fosse outra, logo depois de casados, solidificou aquella união: — era desejo ardente de ambos, desejo que por fim se tornou, por assim dizer, irreflectido, ter um filho. Depois de um anno de casados, consultaram-me sobre o assumpto, pois, esperanças não havia nenhuma. Aconselhei os remedios que a medicina, até onde ella alcança, póde saber. Foram os annos passando e os amigos, que o eram, além de clientes, estavam cada vez mais desanimados, quando, já no quinto anno de vida conjugal, fui chamado uma noite, á pressa, á casa delles e, com grande jubilo de ambos, annunciei-lhes que o que tanto desejavam ia afinal

realisar-se. Nenhuma outra nova que eu lhes dêsse poderia mais alegral-os. Logo o marido pediu-me que não poupasse cuidados medicos á esposa. O que elle mais temia, segredou-me, era um desses desastres que succedem antes de tempo. Era um homem de exaggeros sentimentaes, de uma imaginação doentia e as suas precauções chegaram ao ponto de pensar que o filho poderia nascer morto. E isto veio dizer-me um dia, ao consultorio, lembrando-me que umas das tias da mulher enlouquecera ao deitar ao mundo um filho morto. Temia demasiadamente por sua mulher e recordava, numa previsão sombria de males, outros casos de loucura na familia. Assim discorreu até suggerir-me a idéa de eu, como medico do Asylo de Crianças Abandonadas, poder obter, no caso de seu filho nascer morto, um recém-nascido para substitul-o. Confesso que vi naquelle pensamento uma febre de exaltação; e, comtudo, a questão de substituir um nati-morto por recém-nascido não me appareceu absurda, desde que se tratasse de evitar a loucura de uma creatura por demais sensivel e dar melhor destino a uma criança abandonada, — tanto quanto a nós homens é dado influir no destino de alguém. Por isto respondi-lhe que não seria difficil conseguir a substituição; mas observei-lhe que não se puzesse a dar voltas ao miolo com aquellas idéas impertinentes. E por fim zombei de suas apprehensões descabidas.

“Dir-se-ia, porém, que aquelle homem tinha a previsão do mal. Seu filho nasceu morto. Fui fiel ao que lhe houvéra promettido e obtive o recém-nascido para a substituição desejada. A mulher muito soffreu e não deu accordo de nada do que se passou á sua volta. De resto sobreveio-lhe certa alteração do estado mental que determinou sua entrada para uma casa de saúde. Pouco a pouco o isolamento e um tratamento conveniente foram produzindo os seus effeitos. Um dia, perguntou-me pelo filho e como estivesse tudo determinado, pude trazel-o então á sua presença. Ella chorou, um choro convulso, muito magoado, que se transformou em pranto silencioso. Apertava o filho contra o regaço e beijava-o. Em fim, para encurtar, curou-se e volveu á vida normal em companhia do marido.

Correram os annos, a criança fez-se rapaz e, era guarda-marinha, em viagem de instrução a bordo de um cruzador, quando a mãe adoeceu gravemente e morreu. Fui o medico dos seus derradeiros momentos. Antes de morrer quiz fazer-me confissão duma falta que commetêra e falou-me nestes termos: “Meu caro Doutor, sinto que chegou a minha hora. Quero confessar-lhe um segredo de minha vida. Não posso mais retel-o, devo confessal-o e escolho ao Senhor para ouvir-me, como a um amigo intimo. Julgue-me depois como quizer e, se achar que deve contar o que lhe

vou confessar, a meu marido, conte-o, quando eu já tiver morrido. Quero desabafar. Oiça-me, pelo amor de Deus! O Senhor lembra-se quando nos casamos, o desejo que tínhamos, eu e meu marido, de ter um filho. Como o tempo passasse e as nossas esperanças diminuíssem, pedimos ao Senhor os seus conselhos. Pois bem, com o meu espirito incontido, consultei outros medicos, tomei medicamentos, mêzinhas e remedios ensinados... Por fim, obtive, ás escondidas de meu marido, livros e li, li, até que, em um delles vim a apprender que a esterilidade de um casal nem sempre é decorrente da natureza da mulher. Então uma idéa assaltou-me a mente. E foi e voltou, a mesma idéa. Poupe-me, pelo amor de Deus, de referir-lhe o que se passou... Não quero mais me lembrar daquillo. O Senhor foi chamado á nossa casa e deu-nos a certeza da realisação do que tanto desejavamos. Lembre-se do nascimento de Sergio. Quando o Senhor poz em meus braços o meu filho, senti alguma coisa de que não sei dar a exacta expressão e chorei, chorei... Lembra-se? A maternidade deve produzir alterações no nosso character. Estude isto o Senhor. Quando beijei o meu filho, senti uma consolação e pareceu-me que a minha doença puzéra um véo entre o passado e o que era então o presente. Cerquei o meu filho de todo meu affecto. Fui ás vezes excessiva nas manifestações de meus carinhos e experimentei algumas desillusões. Minha imaginação teve sempre transbordamentos, e mais, bem sabe o Senhor que em minha familia houve pessoas atacadas de loucura. Eu sempre tive um grande mêdo de enlouquecer... sempre...

“Nesta altura a doente começou a manifestar certa afflicção. Eu disse-lhe que se calasse e ella retorquiui:

—“Não, Doutor, ainda não, escute-me ainda um instante. Eu abrevio. Não sei quaes são os seus sentimentos religiosos... Mas não, não lhe quero falar disto... Sinto as idéas se confundirem na minha cabeça... Espére... Não sei o que diga... Quizera pedir-lhe... Sim, diga ao meu marido que me perdôe... Elle não... Sergio não deve...

“E calou-se, de repente, numa ansia profunda. Chamei o marido que se achava na sala visinha e que acudiu pressuroso. A senhora ainda murmurou phrases imperceptiveis e ouviu-se apenas isto:

—“Sergio... não... adeus...

“E morreu. O marido chorava ajoelhado á beira do leito e quasi abraçado ao cadaver da que fôra sua mulher. Num momento volveu-se para mim e disse:

—“Morreu como uma santa, não é meu amigo?

“E beijou o cadaver na frente.



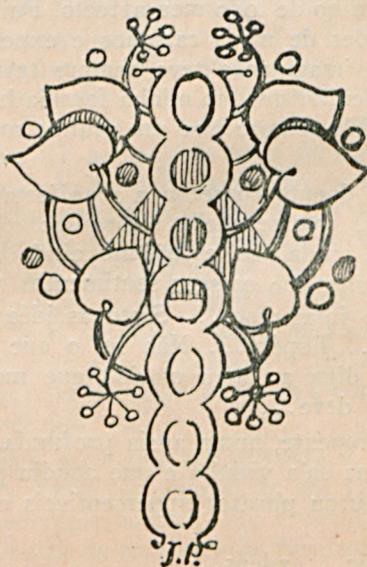
— “Morre como uma creatura de Deus, e que só a Deus cabe julgar.

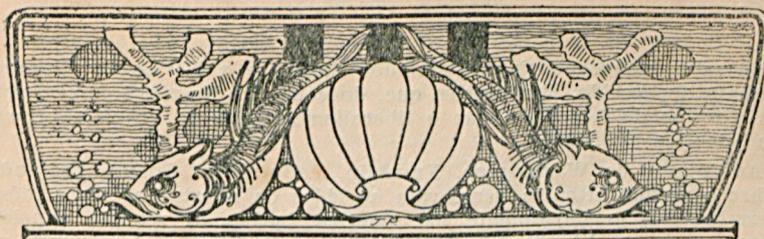
Elle ainda accrescentou:

— “Sinto agora remorsos de, por tanto tempô, têl-a enganado. Para ella Sergio foi sempre o nosso filho tão desejado, o fiiho do nosso grande affecto. Mas, sabe o senhor, que, o que fiz, foi para salva-la talvez da loucura, para tel-a sempre feliz ao meu lado. E o Senhor é testemunha viva de meu sentimento. Que Deus julgue a minha intenção!

“E chorava sempre, copiosamente. Tive-lhe pena, acreditem Vocês, e apenas pude procurar consolal-o com palavras triviaes: “Deus é grande e a sua misericordia é infinita...”

“E fui dispôr um lenço aberto sobre a cara da defunta, onde uma môsca teimava em poisar...”





HISTORIA CONSTITUCIONAL DO BRASIL

A. CARNEIRO LEÃO

Venho de uma das mais agradáveis excursões ao passado da nacionalidade. O meu encantamento devo-o ao companheiro culto e amavel, homem de gosto e de espirito, capaz de vêr, de pensar e de sentir. Partimos do alvorecer do Brasil, dos dias dubios de colonia. Caminhavamos, detinhamo-nos. aqui e ali, acompanhando os incicios, as incertezas, os arrojos e as realizações do espirito nacional. E falo a linguagem optimista do companheiro illustre. Descobrir, naquellas epocas, um espirito nacional é qualquer cousa de muito lisongeiro a nosso orgulho. E', entretanto, interessante e verdadeiro. Representado, embora, por uma elite diminuta esse espirito flue, ininterrupto, desde os Mascates e os Inconfidentes até ao grito do Ypiranga. Desvanece, a validade nacionalista, a visão do scenario que o escriptor retrata magistralmente. Refiro-me ao Sr. Aurelino Leal, o companheiro culto e amavel e á "Historia Constitucional do Brasil" que me proporcionou, do meu gabinete de trabalho, tão encantadora excursão.

O Sr. Aurelino é um escriptor intelligente, claro, conciso; dizendo em poucas palavras o que deseja dizer, elle condensa, nos escassos capitulos do seu trabalho um mundo de idéas e nos desperta um mundo maior de suggestões. E' a segunda vez que escriptor brasileiro, fazendo historia e historia de factos intrincados e concretos, me dá excellente impressão. O primeiro foi Oliveira Lima, na sua esplendida apreciação do "Reconhecimento do Imperio", elaborado, com um material composto de protocollos e tricas de Chancellaria, um estudo pitoresco e encantador. Agora, é o Sr. Aurelino Leal, transformando as hesitações, as lutas e as vagas pesquisas do nosso direito constitucional nascente, num soberbo apanhado da psychologia nacional. Não é a critica do optimo trabalho do Sr. Aurelino, que vou fazer propriamente. E' a evolução do espirito nacional, atravez do nosso direito politico, que pretendo acompanhar, nas paginas graves da "Historia Constitucional do Brasil". Comecemos na segunda decada de 1800. O seculo anterior era ainda a colonia em toda a sua plenitude. Nem Portugal, nem Hespanha se haviam então libertado do absolutismo.



Apenas a independência dos Estados Unidos e a Revolução Franceza tinham apparecido. Era preciso que, do cahos da Revolução, surgissem os direitos do homem e que o liberalismo inglez se republicanizasse na America do Norte.

As figuras de Washington, Franklin, Jefferson e Adams, pairando sobre o mundo attonito, semeavam as idéas de libertação. Essas idéas germinavam, principalmente na America Latina. A reacção napoleonica, sobre os despojos da Revolução, implantava o despotismo na Europa, enquanto, frouxos os vinculos da colonia hespanhoia na America, perpassava, por todo o continente, um fremito de liberdade. São as agitações pela independência sul-americana.

A aspiração de liberdade era geral no mundo inteiro. O proprio Napoleão proclamava-se o libertador das patrias que invadia! Na America do Sul era uma revolução continua. Paizes que lutavam pela independência, povos que se batiam pela sua construcção. Nessa atmosphera de caldeamento político, na qual respiravam soffregos os nossos letrados, a mentalidade brasileira sonhava com alguma cousa de muito liberal para o Brasil. Os ingenuos ensaios dos Inconfidentes mineiros, precedidos pelo ideal confuso dos Mascates pernambucanos, eram o preludio infantil de uma afirmação de independência que a revolução de Pernambuco de 1817 concretizaria numa realização frustrada, mas perfeitamente organizada e construida. A revolução pernambucana, conseguindo manter por dois mezes uma Republica proclamada em quatro Estados: — Alagoas, Pernambuco, Parahyba e Rio-Grande do Norte — prova a força desas aspirações na nossa patria. E' nessa Republica revolucionaria que se vão encontrar os germens do direito constitucional brasileiro. A lei organica, elaborada pelo governo provisório e o seu conselho é claro. Por ella determinava-se a elegibilidade temporaria do chefe do executivo e do poder legislativo, enquanto se fazia o judiciario tambem electivo, ainda que, inamovível e taxava-se a liberdade de culto e declarava-se a egualdade juridica dos cidadãos. No Brasil colonial não era possível imaginar salto mais temerario. liberdade de culto e emancipação eram demasiados para a epoca.

A' desconfiança, criada no seio das classes conservadoras, respondera o governo com uma "Proclamação", evidentemente gongorica, mas muito honrosa para a gente de então: "Patriotas Pernambucanos a suspeita tem-se insinuado nos proprietarios ruraes; elles crêem que a benefica tendencia da presente liberal revolução tem por fim a emancipação indistincta dos homens de côr e escravos. O Governo lhes perdôa uma suspeita, que o honra. Nutridos em sentimentos generosos não pôdem jamais acreditar que os homens por mais, ou menos tostados degenerassem do original typo de egualdade, mas está egualmente convencido que a base de toda a sociedade regular é a inviolabilidade de qualquer especie de propriedade. Impellidos destas duas forças oppostas deseja huma emancipação, que não permitta mais lavrar entre elles o cancro da escravidão; mas deseja-a lenta, regular e legal..."

A nossa historia constitucional não principia d'ahi. Malograda a Revolução a lei organica não chegou a ser executada. E eram demasiados liberaes os principios ali defendidos para servirem de partida á evolução do aspirito constitucional do Imperio. Os germens do nosso direito constitucional foram, porém, brilhantemente lançados por aquella meia duzia de martyres. A nossa Independência, deslocando com D. Pedro I a casa de Bragança, para o Brasil, fez o nosso direito constitucional, que se elabora na Constituinte de 1823 e no Conselho



Imperial de 1824, nascer dos principios proclamados na revolução portugueza de 1820. Mas o direito e não espirito constitucional. Este existia independente de Portugal no coração e na intelligencia de brasileiros educados no espirito francez e nos exemplos democraticos da America. Foi, comtudo, a Constituinte de 1823 que fundou o nosso direito constitucional. A Constituição hespanhola sancionadã no Brasil, em 1821, por D. João VI, foi cousa momentanea e nulla. A colonia moribunda nada nos deu de real. Sómente com a Independencia começa a formação constitucional do Brasil, nação.

Não sei ainda se se poderá chamar espirito constitucional brasileiro. Melhor seria dizer talvez, espirito liberal em busca de se definir e se fixar nos principios mais adeantados do direito constitucional estrangeiro. Nada temos de nosso. As nossas instituições são adaptações. Não sei se adaptações sempre felizes. Eram muitas vezes as applicações dos principios regedores dos grandes povos as nossas necessidades sociaes, muito mais filhas do cerebro de uma classe generosa e culta, do que das exigencias da nacionalidade. E' a razão porque os nossos problemas fundamentaes estão ainda hoje por solver. Tivemos sempre jurisprudencia publica e privada modelares sem correspondencia com a realidade politica, ou social.

Foi, desde aquelles tempos, desvanecedor observar, como o espirito constitucional corria independente da metropole e alheio a sua influencia. Muito mais imbuidos do espirito francez, ou americano e do proprio constitucionalismo inglez os nossos primeiros constituintes fizeram alguma cousa de constructivo. Apesar da trepidação latente do nacionalismo vermelho era, na sua generalidade, intelligente o projecto de então. Quasi todas as instituições modernas lá estavam, diz o Sr. Aurelino Leal. Mas, quem, para legislar, procurou nunca investigar as nossas necessidades, o nosso ambiente, as exigencias sociaes, politicas e economicas da patria? Houve, em todos os tempos, a preocupação de transplantar para o Brasil as melhores instituições. Agia-se como para a elaboração de um povo artificial, capaz de ser regido por leis criadas e reunidas theoreticamente, pela belleza da sua liberalidade. Pretendeu-se adaptar o povo a uma constituição adrede preparada e nunca a constituição ás realidades nacionaes. Se, ao menos, se buscasse fazer a educação politica da patria! Nem o alphabeto procurou-se generalizar nunca!

Caminhamos sempre senhores de uma das mais formosas legislações com um povo que não a comprehende sequer. No Imperio, como na Republica, a divergencia tem sido manifesta. Os proprios homens de governo não comprehendiam as leis que decretavam. Não admira que Alves Branco dissesse em 1841: "a Constituição é uma lei que ainda não está bem entendida". O conhecimento do nosso constitucionalismo, ao envez de nascer de uma observação directa da nossa nacionalidade, vinha directamente das paginas de tratadistas theoreticos. Curioso e elucidativo parece o annuncio de Plancher, livreiro imperial, no Diario do Governo, de 27 de Março de 1824: "A rica collecção das obras que trouxe offerecerá aos brasileiros conhecimentos mui vantajosos do systema monarchico constitucional representativo. Distinguem-se na sua collecção muitos numeros importantes, os de M. Ferrières, de Mad. Rolland, de Riouffe, onde se pódem vêr os horrores produzidos pelas revoluções politicas".

Ainda hoje, em manifesto desaccordo com as necessidades nacionaes, ha commentadores na nossa Carta, que combatem a educação popular ministrada pela União, porque a Constituição não é taxativa a respeito.



E descobrimos ainda monstruosidades liberaes, como as que nos obrigam a conservar no nosso paiz elementos estrangeiros, perigosos á harmonia nacional! Não quero, todavia, regatear o meu entusiasmo aos grandes homens que fizeram o Imperio, nem aos que organizaram a Constituição da Republica. Por certos aspectos a sua obra toca o milagre. Não perdão é que, por um theorismo exagerado, continuemos a fechar os olhos ás exigencias nacionaes. Penso com o Sr. Aurelino Leal, cuja critica é sempre fundamentada e lucida. Escriptor de senso de estadista, elle bem comprehende, que a superioridade de um governo, como a liberalidade politica e social, está mais na educação dos seus homens publicos, do que na excellencia das leis e, ás vezes, das proprias instituições. A Inglaterra foi sempre a prova de que, sem leis escriptas, sem legislações constitucionaes, havendo espirito publico, orientação, cultura e a intuição do justo e do verdadeiro, se governa magnificamente e pôde uma nação gosar da mais ampla liberdade. Quando um povo está em nivel inferior a sua instituição ou a sua legislação, a inutilidade das leis é irrecusavel. Ellas servirão apenas para auxiliar as ambições de dirigentes inescrupulosos.

A formação constitucional do Brasil tem sido a preocupação continua de uma classe culta, patriotica e diminuta. O povo permaneceu sempre extranho a essa elaboração, na ignorancia absoluta e no alheamento de tudo que não tenha sido méra demagogia. E' verdade que a *elite* brasileira tem tido, de ordinario, os melhores movimentos civicos. Entretanto, a Independencia, a abolição e a Republica, como foram conquistadas, provam a despreocupação do povo pelas grandes revoluções nacionaes. A revolta da armada foi, antes de tudo, um movimento de classe, dirigido por algumas personalidades cultas, sem a comparticipação voluntaria, nem pró nem contra, de uma opinião realmente nacional.

Não sei de prova mais evidente, num povo, da falta de identificação com as suas instituições nem da ignorancia das suas necessidades. Ainda a Republica nos encontra nesse estado! Que seria então o começo do primeiro Imperio?

Educação politica ninguem tinha no Brasil; nem o proprio Portugal poude nunca servir de escola. A nossa *elite* mais ou menos malquista com o elemento portuguez e desbordante dos principios democraticos americanos, ou revolucionarios francezes, não estava em condições de elaborar um codigo politico, que fosse, a par de um éco das exigencias nacionaes, um estatuto liberal e logico, no seu tempo. Feita a Independencia em 1822 e eleita a primeira Constituinte, nesse ambiente de liberalismo vermelho, era natural que se entrechocassem o nacionalismo de brasileiros exaltados e o conservantismo portuguez, poderoso. O projecto de constituição que sahiu dessa assembléa foi notavel. Redigiu-o Antonio Carlos. Havia nelle quasi todas as instituições modernas, victoriosas no estrangeiro. Mas, se o intellectual e o democrata andou catando, nas avançadas constituições do tempo, o que havia de mais liberal e mais juridico, o jacobino eivou-o de um nativismo que foi a causa ocasional do Golpe de Estado. As causas reaes e profundas foram outras. — Uma questão de poder. A frase do sr. Aurelino, magistral de bom senso e de clareza, explica o facto, com precisão. "A Constituinte ia organizar o paiz; substituir o regimen absoluto pelo legal e representativo; dahi a julgar-se o unico soberano, a autoridade por excellencia, não ia mais que um passo". O Congresso teve realmente impertinencias irritantes para com um Monarcha do feito de D. Pedro I.



Os que deliberaram que o Imperador entraria descoberto no salão não se poderiam admirar da advertencia acintosa do Principe: "com a minha espada defenderei a patria, a nação e a constituinte, se fôr digna do Brasil e de mim". Era o poder de facto, consciente da sua força e cioso das suas prerogativas. O Principe, educado no absolutismo, desafeito a obediencias legais e impulsivo, por temperamento, era arrogante e voluntarioso, mas para o atrito muito influuiu, sobretudo, a indole desabusada dos Andradas. Não souberam dominar-se. Para a desavença houve ainda um elemento perigoso e irreconciliavel: — a Domitilla. Favorita do soberano ella teria de ser contada como força. Quem ignora o prestigio das favoritas? Poucas criaturas têm tido maior influencia sobre um reino e uma época do que a favorita de Luiz XIV. Mulher culta e artista, lendo, ao Monarcha, em voz alta trechos dos grandes poetas e prosadores do seu tempo, contribuiu enormemente para desenvolver no espirito do Rei Sol o gosto e o amor pelas letras e pela intelligencia. Foi a Musa que, obtendo os favores e as graças do Rei para a cultura da época, muito fez pelo fulgor do Grande Seculo. Mas, longe de mim o desejo de mostrar, que todas as amantes de Imperadores são beneficas a seu povo e a seu tempo. Mesmo porque amar e dar ventura a um soberano não foi nunca synonymo de amar e dar ventura a seu povo. Luiz XV, por exemplo, apesar de cognominado O "Bien-Aimé" não teve a mesma sorte do seu ditoso antecessor, com a bella Marqueza de Pompadour. E, ainda que a nossa Marqueza de Santos não fosse accusada de lançar o Imperio em guerras desastrosas nem de custar milhões ao thesouro nacional, é á favorita de Luiz XV que a pretendem comparar. Devem ser muito longinquas as semelhanças entre Antoinette Poisson e Domitilla. E se é pelo mal que esta fez, com franqueza, exageram profundamente. Impetuoso e entusiasta o amor devia ter uma funda importância nos gestos e na acção de D. Pedro. A Domitilla não podia deixar de accentuar o seu prestigio. Mas, qual o mal que ella fez? Acho o sr. Aurelino, implacavel, quando apellida de Messalina da epoca, quem não foi mais do que a favorita domestica de um monarcha do Brasil. Mal, se ella fez, foi antes a si mesma e principalmente a seu Principe, que amargou, por sua causa, no seu paiz e com os seus proprios subditos, momentos dolorosos. José Bonifacio não cessou de fazer as insinuações mais directas. Em certa occasião o seu humor azedo chegou ao extremo de proferir a frase, hoje celebre, mas francamente descortez para um subdito e supinamente malcreada para um gentil homem, que se refere a uma dama: "Hontem, eu já esperei que vossa Magestade me falasse nisso. Estou informado que é empenho da Domitilla e que essa mulher recebe para isso uma somma de dinheiro". (Tratava-se da concessão de amnistia aos réos politicos de S. Paulo e Rio de Janeiro). Nesse ambiente ainda mais escuro com a retirada dos Andradas do governo e a opposição crescente dos jornaes: "O Tamoyo" e "A Sentinella da Liberdade á beira mar da Praia Grande", preparou-se e effectuou-se o golpe da dissolução da Constituinte. A principal razão dada pelo governo fôra o excesso de liberdade de imprensa, contra a qual o Congresso não quizera votar leis coercitivas. Se a praxe pega, com a licenciosidade da imprensa actual, não haveria Congresso que se mantivesse vinte e quatro horas, nos tempos que correm. Começava mal a organização constitucional do Brasil. Dissolve a Constituinte, D. Pedro nomeava um Conselho de dez membros, para a elaboração da Carta Constitucional que, em poucos mezes, estava prompta. E, ainda que fosse mais liberal e



resolvesse melhor varias questões do que o projecto da Constituinte, na opinião do proprio Sr. Aurelino Leal, ella não conseguiu desfazer a desconfiança que o acto de violencia despertara contra o Monarcha. No Norte, a Confederação do Equador atormenta o governo e no sul, as dissidencias crescentes alimentam esse ambiente de desagrado que se intensifica até ao 7 de Abril. A abdicação cria o periodo instavel das regencias, onde avultam, a figura de Antonio Feijó, no governo, e a moderação esclarecida de homens como Bernardo de Vasconcellos, Honorio Hermeto Carneiro Leão e Evaristo Ferreira da Veiga. Nesse periodo temos o Acto Adicional, com o triumpho de idéas descentralizadoras. Chega afinal a maioridade e inicia-se o segundo Imperio. E' a organização do Brasil: a epoca mais brilhante da vida politica do paiz.

Tivemos, então, para o meio e para a epoca, um grande Monarcha, generoso e culto.

E' nesse periodo e sob a sua acção que se formam os grandes estadistas brasileiros. Agitam-se e realizam-se os problemas da cessação do trafico de escravos, do ventre livre e da abolição, com a vontade de Pedro II. E' interessante acompanhar a marcha continua do paiz para as idéas liberaes. O choque entre os idéaes republicanos e as reformas e as concessões dos ultimos momentos da monarchia constitue uma luta suggestiva, que o bello livro do Sr. Aurelino Leal faz reviver, com relevo.

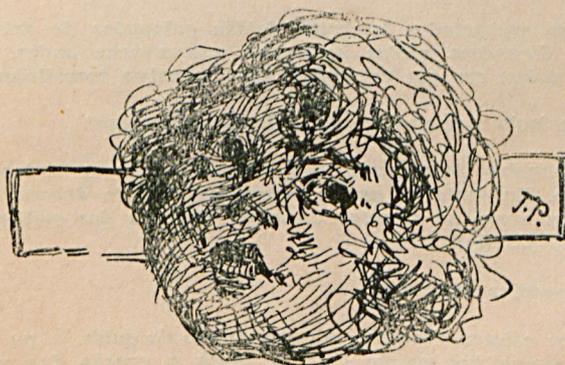
Proclamada a Republica, pelo decreto n.º 1 de 15 de Novembro de 1889, começa o trabalho de organização politica. Foi o periodo mais agitado da vida nacional. Havia a espectativa da redempção da patria. E os constituintes mostraram, na sua generalidade, o desejo de bem organizar a Republica, accomodando-a dentro das suas idéas, ou ajustando-a a sua escola. Os esforços positivistas foram formidaveis. Quizeram alguns, por fidelidade a Augusto Comte, retalhar a patria, porque as nações verdadeiramente livres não se podem compôr de mais de um a tres milhões de habitantes. "Para termos uma Republica estavel, feliz e prospera, dizia um outro, é necessario que o governo seja dictatorial e não parlamentar".

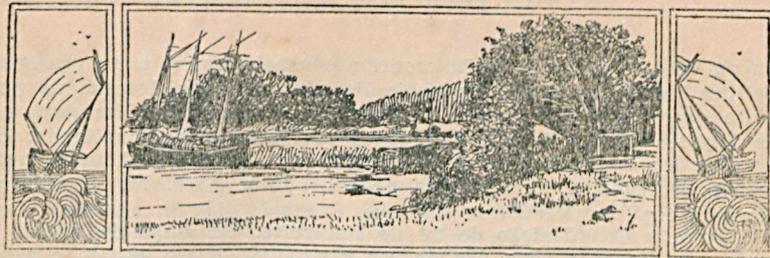
Emfim elaborou-se a constituição sob os principios mais avançados do direito constitucional, da epoca! Em varias questões os nossos constituintes ultrapassaram em liberalidade o espirito das melhores constituições. Ha pontos em que antecedemos a America do Norte. Para um paiz de quatro quintas partes de analphabetos era irrecusavelmente uma ousadia perigosa. Mas, é a mais alta prova do espirito liberal dos nossos homens publicos, da sua cultura, do seu theorismo e tambem de como sabem, ás vezes, viver com convicção e elegancia no mundo da lua. Com uma das mais liberaes constituições que existem sobre a terra, temos sido um povo razoavelmente desorganizado e imprevidente. Ainda hoje, 30 annos da Republica e 97 da Independencia, os apostolos da Revisão não pensam differentemente, ao que parece. Faça-se a revisão e o paiz estará salvo. Instrução publica, vitalidade da raça, são cousas accessorias. O que conta é uma carta constitucional modelar. São os progressos do direito constitucional, a sua interpretação mais elevada, certas prerogativas politicas, um tanto cerebrinas, num povo em que ainda hoje só a demagogia pode verdadeiramente commover! Elle permanece indifferente a atmospheria superior das idéas, que não conhece e não comprehende. E' menos o Estado intrinseco de uma nacionalidade analphabeta, onde endemias atrozes minam o vigor da raça e compromettem o futuro, que preo-



cupam os dirigentes. E' muito menos a educaçãõ civica, a comprehensãõ politica da massa e a consciencia de direitos e de deveres de povo culto que se procura inculcir. A reforma é necessaria. Mas para que se legisle para o Brasil, é urgente revigorar a nacionalidade, em corpo e em espirito, porque, se nem só de pão vive o homem muito menos de espirito, apenas, elle poderá nunca viver. Na organizaçãõ constitucional da Republica detem-se o estudo do Sr. Aurelino Leal. Fica com a Constituiçãõ de 24 de Fevereiro. Do golpe de Estado já nada nos diz. E é pena. Ha de ser instructivo o seu estudo e a sua critica a essa esdruxula pagina de absolutismo republicano. Elle o deixou certamente para um volume de historia e commentario da vida constitucional da Republica. Esperemol-o. O que está feito é positivamente muito bem. Projecta luz intensa em todo o passado da nossa nacionalidade. Lendo a "Historia Constitucional do Brasil" fiz um dos mais bellos passeios ás origens da formaçãõ nacional, fixando, precisamente, o que ha no nosso character de mais estimavel e promissor, como idéal de liberdade e justiça. Se ha impressões menos desvanecedoras, no fundo percebemos a indole bõa da nossa raça, a sua intelligencia, a sua capacidade de adaptaçãõ e o seu entusiasmo e a sua fé. Não precisava mais. Uma raça que possa gravar no seu escudo, como lemma da sua formaçãõ nacional, fé e entusiasmo, terá garantida a sua afirmaçãõ, sobre a terra.

A "Historia Constitucional do Brasil" é um excellentesubsidio á historia nacional, ao direito e á psychologia do nosso povo. E' uma das obras mais valiosas ao estudo do character brasileiro. Escripita numa lingua clara e concisa, com um poder de evocaçãõ notavel, ella revive, a nossos olhos interessados, o ambiente, o scenario, as lutas dessas epocas. O seu autor, com ampla cultura philosophica e minucioso conhecimento dos nossos factos historicos reconstroe toda a ethica nacional, atravez da evoluçãõ do nosso direito. Reconstroe, mostrando-lhes as bases e fixando-lhes as fontes. Livro inestimavel, elle patenteia, com simplicidade, como o theorismo excessivo de uns e a demagogia trepidante de outros foram, sempre, os grandes entraves á organizaçãõ de uma obra adaptavel as condições do nosso estado de civilizaçãõ, em todos os tempos. E' um acto de patriotismo e uma liçãõ civica.





O POEMA DO MAR

MENOTTI DEL PICCHIA

I

Canta tua canção magica, mar rebelde, mar titanico, ruge teu odio oceanico dentro da noite tragica.

Monstro de escamas phosphoreas, cannibalesco gigante, tens os incubos de Dante nessas visceras aquoreas; tuas verdes mãos convulsas se estorcem nas rochas; pulsas com um coração vulcanico...

Ruge teu odio oceanico dentro da noite magica!

Mar de agouros e presagios, nas tragedias dos naufragios ris gargalhadas cruéis. E as ondas que são teus dentes vão carcomendo, inclementes, as carcassas das barcaças, a carne ruiva da terra, e o esqueleto dos parceiros!

Canta tua canção tragica mar rebelde, mar titanico...

As ondas encapeladas lembram doidas galopadas de delphins e de tritões... Girandam visões hediondas nas crespas ondas, nas ondas em que estúlas, em que estrondas num macabro torvelinho...

Verde palacio marinho povoado de assombrações!

Tórvo monstro sanguinario, mar assassino e corsario, tens as praias por prisão. Na jaula de arcias ruivas em vão te debates e uivas... Listam teu dorso as maretas como os dolmans dos grilhetas, réo de crime sem perdão!

Canta canções oceanicas...

Ruge em coleras titanicas, ó condemnado ás galés, e, na funda noite magica, rompe tua prisão tragica, tenta a evasão das marés!



II

Sussurra canções bem mansas, mar tranquillo, a balouçar as ondas, mar das bonanças... As ondas são como crianças num berço feito de arminho. Balouça e canta baixinho numa voz que mal se ouça... Canta baixinho e balouça, na noite quieta e lunar...

Mar liso, mar de cobalto, enorme praça de esphalto, onde "yachts" vogam assim como elegancias doentias de longas "miss" esguias cheias de scismas e "spleen"...

Onde os ruivos transatlanticos lembram principes romanticos inquietos, rumando ao mar, fumando os longos charutos das chaminés, que erguem brutos bulcões de fumo pelo ar.

Numa voz que mal se ouça, balouça e canta baixinho... As ondas são como crianças num berço feito de arminho... Canta baixinho e balouça, na noite quieta e lunar...

Bufando, arfando, entre as vagas, mexem-se hydropicas dragas com esforço a se arrastar. Seus lerdos passos aquaticos suggerem velhos rheumaticos lóbos do mar... Na tarde madrigalesca voltam as barcas de pesca, como num quadro banal. A's vezes trapejam bellas as brancas lónas das velas pela nevoa matinal... Dançam como bailarinas nos sete véos das neblinas... São, acaso, bayadéras ou são pannos de bandeiras de alguma festa naval?

Canta e balouça baixinho...

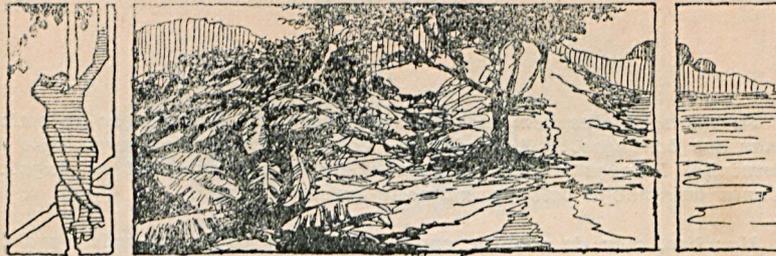
E's um grande templo pelas noites pesadas de estrellas, mar lithurgico e christão... E da espuma o torvelinho é mais branco do que o linho de uma toalha de aliar, As velas são como as velas; as ardentias são luzes; os mastros parecem cruces e teu canto o canto chão...

Mar de faiança e de arminho, balouça e canta baixinho, que as ondas estão dormindo dentro da noite lunar. Não vás acordar as ondas! Esse teu canto é tão lindo...

As ondas que estão dormindo são as filhinhas do mar.

Julho — 1921.





FABULAS EM PROSA

MONTEIRO LOBATO

As fabulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infancia. Por intermedio dellas a moral, que não é outra coisa mais que a propria sabedoria da vida accumulada na consciencia da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação.

Esta boa fada mobiliza a natureza, faz falar aos animaes, ás arvores, ás aguas e tece com esses elementos pequeninas tragedias donde resurte a "moralidade", isto é, a lição da vida.

O maravilhoso é o assucar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão. O autor desta serie que começamos a publicar nada mais fez senão dar forma sua ás velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros crearam. Algumas são tomadas do nosso "folk-lore" e todas trazem em mira contribuir para a criação da fabula brasileira, pondo nellas a nossa natureza e os nossos animaes sempre que é isso possível.

A CIGARRA E A FORMIGA

Houve uma joven cigarra, de côres rebrilhantes, que tinha por costume chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e, então, seu divertimento era observar as formigas operosas, na eterna faina de abastecer as tulhas de Formigopolis.

Mas o bom tempo, afinal, passou, e vieram as chuvas finas de Janeiro. Os animaes todos, arrepiados, cochilavam nas tócas, á espera de que cessasse o horrivel chuvisqueiro.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho secco, deliberou socorrer-se de alguem.

Manquitolando, com a asa a arrastar, dirigiu-se a Formigopolis. Bateu.

Surge uma formiga friorenta embrulhada em fichú de paina.



— *Que quer você? pergunta ella, examinando a triste mendiga, suja de lama e a tossir, a tossir...*

— *Venho em busca de agasalho. A garôa não cessa e eu...*

A formiga olhou-a d'alto a baixo, franziu a testa e disse:

— *E que fazia você durante o bom tempo que não construia a sua casa?*

A pobre cigarra, treme-tremendo, respondeu, depois dum accesso de tosse:

— *Eu cantava, bem sabe...*

— *Ahn!... exclamou a formiga, recordando-se. Era você, então, quem cantava, nessa arvore secca, emquanto nós corriamos para abastecer as tulhas?*

— *Isso mesmo, era eu...*

— *Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquelle chiado nos divertia e nos alliviava o trabalho. Diziamos sempre: que felicidade ter como vizinha a uma tão gentil cantora! Entre, pois amiga, que aqui tem cama e mesa emquanto o mau tempo durar.*

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantarina dos dias de sol quente e ceu azul. E durante toda a temporada chuvosa encheu o formigueiro de alegria com a vibração das suas musicas chiantes.

Mais tarde, quando o sol reapareceu e a cigarra partiu, confessaram as formiguinhas, saudosas, nunca terem passado uma estação das aguas mais divertida que aquella...

* * *

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube comprehender a cigarra e friamente a repelliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, cantara sem parar o estio inteiro, vindo o inverno pilhal-a desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem bichinho que comesse.

Desesperada, bateu á porta da formiga e pediu — emprestado, notem! — uns miseraveis restos de comida. Pagaria. Pagaria com juros altos, essa comida de emprestimo, logo que o tempo lh'o permittisse.

Mas a formiga era uma usuraria sem entranhas. Além disso, invejosa Como não sobresse cantar t nha odio de morte á cigarra por vel-a querida de todos os sêres.

- *Que fazia você, durante o bom tempo?*
 — *Eu... eu cantava!...*
 — *Cantava? Pois dance agora! e fechou-lhe a porta no nariz.*

Resultado: a cigarra alli morreu, entanguidinha; e quando regressou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. E' que faltava na symphonia das cousas a nota estridente daquella cigarra morta em consequencia da avareza da formiga. No entanto, se a usuraria morresse, ninguem daria pela falta della!

Os artistas — poetas, pintores, musicos — são as cigarras da humanidade.

O LOBO E O CÃO

Um lobo muito magro e faminto, todo pelle e ossos, poz-se um dia a philosophar sobre as tristezas da vida. E nisso estava quando lhe surge pela frente um cão — mas um cão e tanto, gordo, forte, bem tratado, de pêlo fino e lustroso.

Estumado pela fome, teve impetos de atirar-se a elle. A prudencia, entretanto, cochichou-lhe ao ouvido: — Cuidado! Si te mettes a luctar com um cão desses quem sae perdendo és tu.

Ouviu o lobo a voz da prudencia e humilhou-se. E disse:

— Bravos! Palavra d'honra que nunca vi cão mais gordo nem mais forte! Que pernas rijas, que pêlo macio! Vê-se que tu te tratas, amigo!

E' verdade. Confesso que tenho um tratamento de fidalgo. Mas, amigo lobo, está em tuas mãos levar a boa vida que levo...

— Como?

— Basta que abandones esse viver errante, esses habitos selvagens e que te civilizes como eu.

— Explica-me isso por miudo, pediu o lobo, com um brilho de esperanza nos olhos.

— E' facil. Vens commigo; apresento-te ao meu senhor; elle está claro, sympathiza-se commigo, e te dá o mesmo tratamento que a mim: bons ossos de gallinha, succulentos restos de carne, um canil com cama de palha macia... Além disso, agradados, mimos a toda hora, palmadas amigas, um nome.

Ficou o lobo satisfeittissimo com aquelle programma e respondeu:

— Não ha duvida, irei commigo. Quem não deixará uma vida miseravel como a minha por uma vida de regâlos como a tua?

— Em troca disso, continuou o cão, guardarás o terreiro, não deixando entrar ladrões nem vagabundos. Agradarás ao senhor, e á sua familia, lambendo a mão a todos e sacudindo a cauda.



— Pois acceito, resolveu o lobo, e emparelhando-se com o cachorro partiu a caminho da casa.

Em meio da jornada, porém, notou que o cachorro estava de colleira.

— Que diabo é isso que tens no pescoço?

— É a colleira.

— É para que serve?

— Para me prenderem á corrente.

— Prender á corrente? Então não és livre, não vaes para onde queres, como eu?

— Nem sempre. Passo ás vezes varios dias preso, conforme o appetee ao senhor. Mas que tem isso, se a comida é boa e vem á hora certa?

O lobo entreparou, reflectiu e disse:

— Sabes que mais? Até logo! Prefiro viver assim, magro e faminto, porém livre e senhor de meu focinho, do que gordo e úiso como tu, mas de colleira ao pescoço. Fica-te lá com a tua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de animal livre.

E, girando nas patas, afundou no mato para sempre.

A CABRA, O CABRITINHO E O LOBO

Antes de sahir a pastar, a cabra, fechando a porta, disse ao cabritinho:

— Cuidado, meu filho! O mundo anda cheio de perigos. Não abras a porta a ninguem antes de pedir a senha.

— É qual é a senha, mamãe?

— A senha é: "Para os quintos o lobo e toda a sua raça maldita!"

Decorou o cabritinho aquellas palavras e a cabrita lá se foi, sossegadona da vida.

Mas o lobo, que rondava a casa, e ouvira a conversa, approximou-se sem demora e bateu. E disfarçando a voz, repetiu a senha.

O cabritinho correu a abrir, mas ao pôr a mão no ferrolho, desconfiou. E pediu:

— Mostre-me a pata branca, faz favor...

Pata branca era coisa que o lobo não tinha e que não pode mostrar, portanto. E dest'arte, de focinho comprido e desapontado, não teve remedio senão ir-se embora como veio — de paço vazio...

E assim se salvou o cabritinho, porque teve a boa idéa de confiar, desconfiando...

OS DOIS BURRINHOS

Seguiam lampeiros, dois burrinhos de tropa, trotando pela estrada além. O da frente conduzia bruacas de ouro em pó; e o de trás, simples saccos de farello. Embora burros da mesma igualha, não queria o primeiro que o segundo lhe caminhasse a par.

— *Alto lá! dizia elle. Não te emparelhes commigo, que quem carrega ouro não é do mesmo naipe de quem conduz farello. Guarda cinco passos de distancia, e caminha respeitoso como se fôras um pagem.*

O burrinho do farello submettia-se e lá trotava na trazeira, de orelhas murchas, roendo-se de inveja do fidalgo.

'De repente...

— *Oah! ôah!...*

São ladrões de estrada que surgem de tras de um tóco de figueira e agarram os burrinhos pelo cabresto.

Examinam primeiramente a carga do burro humilde, e,

— *Farello! exclamam, desapontados. O diabo o leve! Vejamos se ha coisa de mais valia no da frente.*

— *Ouro! ouro! gritam, arregalando os olhos. E atiram-se ao saque.*

Mas o burrinho resiste. Desfere coices e dispara pelo campo afóra. Os ladrões correm-lhe atrás, cercam-no, e dão-lhe em cima de pau e pedra, sem dó nem piedade. Afinal, saqueiam-no.

Terminada a festa, o burrinho de ouro, mais morto que vivo, e tão surrado que nem suster-se em pé podia, reclama auxilio do outro, que, muito fresco da vida, retouçava o capim sossegadamente.

— *Socorro, amigo! Vem acudir-me que estou descadeirado...*

O burrinho do farello respondeu, zombeteiro:

— *Mas poderei, acaso, abbroximar-me de Vossa Excellencia?*

— *Como não? A minha fidalgia estava toda dentro da bruaca, e lá se foi nas mãos daquelles patifes. Sem as bruacas de ouro no lombo sou uma pobre besta igual a ti...*

— *Bem sei. E's como certos grandes fidalgos do mundo que só valem pelo cargo que usurpam. No fundo, simples bestas de carga, eu, tu, elles...*





BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA
CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA

AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

BIOTONICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desapparecimento completo das dôres de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das forças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas convalescenças de todas as molestias que produzem debilidade geral.



O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
cientifica do professor

DR. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de ob-
servar que ha, em geral, re-
sultados vantajosos. Particu-
larmente, mais proficuo se me
em afigurado o seu uso quan-
do ha accentuada denutricao
e occorrem manifestações ner-
vosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Se-
ntembro de 1920.

A.) Dr. Henrique de Brito Belfort Roxo
Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constan-
tamente em minha clinica o
Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado
que não me posso mais furtar
à obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica Medi-
ca da Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado com
os maiores resultados na cli-
nica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico da
clinica neurologica da Facul-
dade de Medicina do Rio de
Janeiro.

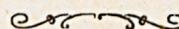
Palavras do eminente
cientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a doentes
meus e sempre que lhe acho
indicação therapeutica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA SERPE & CIA S. Paulo



E ajudou-o a regressar para casa, decorando para seu uso, bem decoradinha, a lição que ardia no lombo do vaidoso.

O LEÃO E O RATINHO

Ao sair do seu buraco achou-se um ratinho entre as patas do leão. Estacou, de pêlos em pé, paralisado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

— Segue em paz, ratinho. Não tenhas medo do teu rei.

O pobre rato moscou-se, radiante de alegria.

Dias depois cáe o leão numa rêde. Urra desesperadamente, debate-se estorce-se, e quanto mais se agita mais preso no laço se sente.

Attrahido pelo rumor surge o ratinho.

— Amor com amor se paga, diz lá comsigo, e põe-se a roer as cordas. Róe que róe, horas a fio; e tanto faz que consegue romper uma das malhas. E como a rêde era das taes, que, rompida a primeira malha as outras se afrouxam, pôde o leão deslindar-se, e fugir.

Mais vale paciencia pequenina, que arrancos de leão.

O JEQUITIBÁ E A TABÚA

Era um jequitibá enorme, o mais imponente de todos os jequitibás da floresta. Orgulhoso e gabola, porém, costumava apoucar as arvores menores, e rir-se com desprezo das plantinhas humildes. Foi assim que disse uma vez á tabúa:

— Que triste vida levas, tão pequenina, sempre á beira d'agua vivendo entre saracuras e rans... Qualquer ventozinho te dobra. Um tísio, uma viuvinha que pouse em tua haste faz-te vergar como bodoque. Que differença entre nós! A minha copada entesta com as nuvens e as minhas folhas tapam o sol. Quando ronca a tempestade, rio-me dos ventos e divirto-me, cá do alto, a ver os teus apuros e a tua afflicção...

— Muito obrigada, respondeu a tabúa ironicamente. Mas fica sabendo que não me queixo e vou cá no meu canto vivendo como posso. Se me dobra o vento, em compensação quebrar não me quebra e, cessado o temporal, ergo-me direitinha como dantes. Tu, entretanto...

— Eu, que?

e as outras, famintas, torturam-me sem dó. Matando só as inofensivas, o bem que me queres fazer transforma-se em mal, porque soffro a dôr da lambada e nada lucro com a morte dos bichinhos.

Quantos beneficios assim, beneficios só na apparencia!

A ONÇA E OS COMPANHEIROS DE CAÇA

Gato do matto, jaguatirica e irara receberam convite da onça para constituir a Sociedade das Nações.

— Alliemo-nos e caçaremos juntos, repartindo a presa irmanamente, de accordo com os nossos direitos.

— Muito bem! exclamaram os convidados. Isso resolve todos os problemas da nossa vida.

E sem demora puzeram-se a fazer a experiencia do novo systema. Corre que corre, cêrca daqui, cêrca dali, cae-lhes nas unhas um pobre veado. Diz a onça:

— Já que somos quatro, toca a repartil-o em quatro pedaços.

— Optimo!

Repartiu a presa em quatro partes e, tomando uma, disse:

— Cabe a mim este pedaço como rainha que sou das florestas.

Os outros concordaram e a onça retirou a sua quota.

— Este segundo tambem me cabe porque me chamo onça.

Os socios entreolharam-se.

— E este terceiro ainda me pertence de direito, visto como sou o mais forte de todos vós.

A irara interveiu:

— Muito bem. Ficas com tres pedaços, concordamos; mas o quarto passa-o para cá afim de que o dividamos entre nós.

— A's ordens! exclamou a onça. Aqui está o quarto pedaço ás ordens de quem tiver a coragem de agarral-o.

E arreganhando os dentes assentou as patas em cima.

Os tres companheiros bigodeados só tinham uma coisa a fazer: metter a cauda entre as pernas. Assim fizeram, e sumiram-se, jurando nunca mais se metterem em Sociedade de Nações com onça dentro.

O LOBO E O CORDEIRO

Estava o cordeirinho a beber num corrego de agua limpida quando appareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— *Que desaforo é esse de turvares a agua que venho beber? disse o monstro, arreganhando os dentes. Espera, que vou castigar a tua mácriação!...*

O cordeirinho, tremulo de medo, respondeu com innocencia:

— *Como posso turvar a agua que vaes beber se ella corre de ti para mim?*

Era verdade aquillo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o braço a torcer:

— *Além disso, inventou elle, sei que andaste a falar mal de mim, o anno passado.*

— *Como poderia dizer mal de ti o anno passado se nasci este anno?*

Novamente confundido pela voz da innocencia, o lobo insistiu:

— *Se não foste tu, foi teu irmão mais velho, o que dá no mesmo.*

— *Como poderia ser o meu irmão mais velho se sou filho unico?*

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, rematou a contenda com uma razão de lobo faminto:

— *Pois se não foi teu irmão foi teu pae ou teu avô!*

E "nhoc!" sangrou-o no pescoço.

Contra a força, amigos, não ha argumentos...

OS DOIS POMBINHOS

Eram felizes. Queriam-se muito e contentavam-se com o que tinham.

Mas um delles perdeu a cabeça e, farto de tanta paz, encasquetou a idéa de correr mundo.

— *Para que? advertiu o companheiro. Não vives socegado, aqui, neste remanso?*

— *Quero ver terras novas, respirar novos ares...*

— *Não vás! Ha mil perigos pelo caminho, incertezas, traições... Além disso, o tempo não é proprio. Época de temporaes, poderá um delles colher-te em viagem — e ai de ti!...*

De nada valeram os bons avisos. O pombinho assanhado beijou o companheiro e partiu.

Nem de proposito, uma hora depois o céu se tolda, os ventos rugem e sobre a terra desaba tremendo aguaceiro.

O imprudente viajante gramma o temporal inteiro fóra de abrigo, repimpado numa arvore secca. Soffre horrores, mas, salva-se



e, vinda a bonança, poudo continuar a viagem. Dirigiu-se a um lindo arrozal, pensando:

— Que vidão irei passar neste mimoso tapete de verdura!

Ai!... Nem bem pousou e já se sentiu preso num laço cruel.

Uma hora de desespero, a debater-se...

Foi feliz, ainda. O laço, apodrecido pelas chuvas, rompeu-se e o pombinho safou-se. E fugiu, exausto, com varias pennas de menos e uma tira de corda aos pés, a lhe embaraçar o vôo.

Nisto um gavião surge, que se precipita sobre elle com a rapidez da flexa. O misero pombinho, atarantado, mal tem tempo de lançar-se ao terreiro d'um casebre de lavrador. Livra-se, dess'arte, do rapinante, mas não poudo livrar-se dum menino que, de bodoque em punho, correu para cima delle e espeloteou-o.

Corre que corre, pereréca que pereréca, o malaventurado pombinho consegue inda uma vez escapar, occulto num ôco de páo.

E alli, curtindo as dores da asa quebrada, esperou pacientemente que o inimigo se fosse. Só então, com mil cautelas, logrou fugir e regressar para casa.

O companheiro, ao vel-o chegar assim, arrastando a asa, depennado, moido de canseira, beijou-o repetidas vezes entre lagrimas e disse:

— Bem certo o dictado: boa romaria faz quem em casa fica em paz.

A GALLINHA DOS OVOS DE OURO

João Impaciente descobriu no gallinheiro uma pedrez que punha ovos de ouro. Mas um por semana, apenas.

Louco de alegria, disse á mulher:

— Estamos ricos! Esta gallinha traz um tesouro no ovario. Mato-a e fico o gaudão das redondezas.

— Porque matal-a, si conservando-a viva tens um ovo de ouro de sete em sete dias?

— Não fosse eu João Impaciente! Queres que me satisfaça com um por semana quando posso conseguir o thesouro inteiro neste instante? E matou a pedrez.

Dentro della, porém, só havia tripas, como nas gallinhas comuns, e João Impaciente, logrado, continuou a marcar passo a vida inteira, morrendo sem vintem.

Quem não sabe esperar, pobre ha de acabar.



OS ANIMAES E A PESTE

Em certo anno terrivel de peste entre os animaes, o leão, apprehensivo, chamou a conselho um afamado chimpanzé de barbas brancas.

— *Esta peste é um castigo do céu, disse o oraculo, e o remedio é aplacarmos a colera divina sacrificando aos deuses um de nós.*

— *A qual? perguntou o leão.*

— *Ao mais carregado de crimes, respondeu o chimpanzé.*

O rei dos animaes fechou os olhos, concentrou-se e, depois duma pausa, disse aos subditos reunidos em torno d'elle:

— *Amigos! E' fóra de duvida que quem deve sacrificar-se sou eu. Commetti grandes crimes, matei centenas de veados, devorei innumeradas ovelhas e até varios pastores. Offereço-me, pois para o sacrificio necessario ao bem commum.*

Adeanta-se a raposa e diz:

— *Acho conveniente ouvir a confissão das demais feras. Porque, para mim, nada do que V. M. allegou constitue crime. Matar veados, despreziveis creaturas! Devorar ovelhas, mesquinhos bichos de nenhuma importancia! Trucidar pastores, raça vil merecedora de exterminação! Nada disto é crime. São coisas, até, que muito honram o nosso virtuosissimo rei leão.*

Grandes applausos abafaram as ultimas palavras do engrosador e o leão foi posto de lado como improprio para o sacrificio.

Apresenta-se, em seguida, o tigre e repete-se a scena. Accusa-se elle de mil crimes, mas a raposa prova que tambem o tigre era um anjo de innocencia.

E o mesmo acontece com todas as mais feras de dente agudo e garras poderosas.

Nisto chega a vez do burro. Adeanta-se o pobre animal e diz:

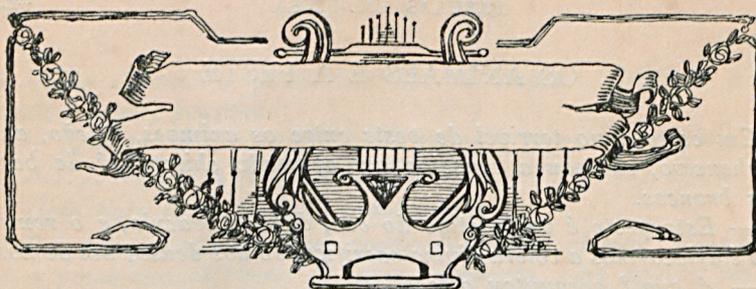
— *A consciencia só me accusa de haver entrado, movido pela fome, na horta do vigario, comendo ahi uma folha de couve.*

Os animaes entreolharam-se. Era muito sério aquillo. E a raposa, tomando a palavra, disse:

— *Eis, amigos, o grande criminoso! Tão horrivel é o que elle nos conta que é inutil proseguir nas investigações. A victima a sacrificar-se aos deuses não póde ser outra, porque não póde haver crime maior do que furtar a sacratissima couve do senhor vigario.*

Toda a bicharia concordou e o triste burro foi unanimemente eleito para o sacrificio.

— *Aos poderosos tudo se desculpa; aos miseraveis nada se perdôa.*



IDADE MEDIA

PAULO SETUBAL

*Oh, lendas medievas de justas e duellos,
De sangue e de peleias!
Velhos tempos feudaes de roqueiros castellos,
Com torres e com ameias!*

*Tempos de duros reis, de mysticas princezas,
E de donzeis paçons;
Tempos em que os jograes cantavam as proezas
De turcos e christãos!*

*Tempos em que fremia o tropear dos ginetes
Pelas cavallariças;
E em que ondeavam, mui crús, broqueis e capacetes
Nas pontes levadiças!*

*E cada alcaçar tinha um rigido mirante,
Com musgos pela estaca,
Onde vinha Rui Lopo, o cavalleiro andante,
Sonhar com Dona Urraca.*

*E era nobre de ver-se a alcáçova, alta e bella,
Com suas barbicans,
Sua carcóva, seu patim, sua quadrella,
E as torres albarrãs!*



*Dentro, a amcalhar seu foro, a abarrotar seus teres
De dizimas pesadas,
Viviam filhos-d'algo esbanjando os lazeres
No encanto das caçadas.*

*Com que paixão brutal esses homens fragueiros,
Fragueiros e viris,
Batiam campos, sol a sol, com seus falcoeiros,
A' cata dos nebris!*

*Ou pelos soveraes das terras avoengas,
Com vasta peonagem,
Com mastins e lebreus, com alões e podengas,
Atras do urso selvagem!*

*O heraldico balsão, erguido aos quatro ventos,
Com signas e brazões,
Voava nos corucheos dos feudos opulentos
Desses rudes barões.*

*E ao grito de "inimigo!", e ao ronco das fanfarras,
E ao silvo dos pelouros,
Ao aspero tinir das curvas cumetarras
Dos arabes e mouros,*

*Partiam do castello, altivos, sobranceiros,
Alçando mil pendões,
Senhor e castellão, pagens e cavalleiros,
Mordomos e villões.*

*Que scena heroica! O alcaçar freme, a ponte range,
E cruzam-se, entre berros,
Brial contra albornoç, ascuma contra alphange,
Num lampejar de ferros!*

*Era um choque brutal de armadura e armadura,
— Moirama dura e má!
E estrondeavam no espaço os gritos, em mistura,
De Jesus e de Allah!*

*Mesnada rija! Vinha, a arder, num largo trote,
Toda de bronze e de aço:
Da joelheira aos braçaes, do morrião ao coxóte,
Dos guantes ao baraço.*



*E em meio ao sangue, e ao pó, e aos uivos da batalha,
Que enchiam terra e céus,
Chispava, com furor, nos lorigões de malha,
A adarga dos incréos !*

*E vinham, finda a luta, o elmo abroquelado,
Garbosamente ufanos,
Deixando atraz de si todo o campo juncado
De corpos musulmanos...*

*Com brados de victoria erguia-se a bandeira,
Calava-se o tropel;
E no castello em festa, ao pé duma lareira,
Cantava um menestrel.*

*Era um troveiro ancião, que fora, tempos idos,
Pelear na Santa Terra:
Cabellos alvos, fio a fio embranquecidos
Sob um casco de guerra...*

*Era elle que entoava um hymno a cada feito,
E um hymno a cada lar;
Que ia improvisando, o arrabil junto ao peito,
De solar em solar.*

*E elle cantava os reis, e esforçados bésteiros,
Combates e caçadas;
E as façanhas crueis dos fidalgos guerreiros,
Nas ultimas cruzadas!*

*E ouviam os donzeis, a alma rude e singela,
Frementes de emoção,
Os feitos de Granada, as justas de Castella,
E as avenças de Leão...*

*Idade Media! Eu sinto o sangue, em atropêlos,
Correr-me pelas veias!
Velhos tempos feudaes de roqueiros castellos
Com torres e com ameias...*





JOHN CASPER BRANNER

ESBOÇO BIO-BIBLIOGRAPHICO

POR SUZAN BRANNER

Ao grande geologo norte-americano, J. C. Branner, muito deve o nosso pais, que nelle teve outróra um incansavel estudioso e tem inda hoje um devotado amigo. Ha de, pois, ser agradavel aos nossos leitores conhecer-lhe a vida exemplar e a acção notavel que exerceu no campo da sciencia. Este artigo narra-as com minucia e amor ,escripto que foi pela sua propria esposa. A traducção, feita por um estrangeiro de boa vontade, sae conforme, com todo o sabor e pittoresco de portuguez batido a martelo.

John Casper Branner nasceu a 4 de Julho de 1850, em New Market, uma pequena cidade ao Este de Tennessee, e descende de uma antiga familia da Virginia, que se estabeleceu naquella parte da America do Norte nos tempos coloniaes. Durante a sua infancia a juventude elle teve por lar uma colonia de escravos, e a sua vida de rapaz, como a de todos aquelles que são criados em uma fazenda, foi a mais commum e pobre de incidentes dignos de menção.

Poucos foram os livros que elle viu; todos aquelles porem, que achavam ao seu alcance foram por elle lidos com avidéz. Realmente elle leu todos os livros que encontrou, bons e maus, indifferente quanto á variedade dos mesmos. Referindo-se á sua experiencia sobre livros, elle diz agora que não se recorda de ter visto, quando menino e rapaz, nenhum outro joven que se interessasse pela leitura. Em geral, o unico livro lido era a biblia, e assim mesmo quase por habito — antes como si se tratasse de uma tarefa imposta e não de instrucção ou entretenimento. O facto dos livros por elle lidos serem melhores ou peores não passa de um mero incidente; a sua opinião, porem, é que seria preferivel aos jovens lerem alguns livros, embora indifferentemente, a nada lerem. As historias de Abbott, livros que elle leu com grande interesse, são consideradas como historias sem valor, todavia ellas tornam-se bastante uteis pelo facto de familiarisarem as crianças com os nomes, epochas e circumstancias que se relacionam ás pessoas de que ellas tratam. Mas apesar de ter havido muito pouco

quanto a literatura na sua juventude, não houve falta de natureza. As montanhas escabrosas de sua terra natal e vida ao ar livre por elle desfructada em muito concorreram para despertar e desenvolver o seu amor pela natureza e pelos scenarios naturaes. A casa de seu pae erguia-se no cume de um alto monte que dominava o pittoresco valle do Rio Frenchbroad, ao passo que ao fundo se viam os morros e montes cujos cumes desappareciam gradualmente no azul das "Grandes Montanhas Sombrias". Foi nestas cercanias que elle viu irromper a grande guerra civil, que durante quatro annos varreu, em todas as direcções, aquella parte do paiz. Seus parentes, que eram proprietarios de grande numero de escravos, apoiaram sempre a causa da escravatura e da "separação". Por varias vezes já lhe pediram que explicasse a razão porque elle se mostrou sympathico a uma causa evidentemente tão injusta. As suas allegações são que, naquelle tempo a escravatura era uma instituição reconhecida e perfeitamente legal neste paiz e que, alem disso, quando uma pessoa se desenvolve desde a sua infancia por entre as agradaveis e commodas vantagens de uma tal instituição, não pode esperar ver com clareza todos os defeitos da mesma. Quanto á "separação", este caso foi resolvido exclusivamente pela força; não havia nada na Constituição dos Estados Unidos que a prohibisse, e os proprios publicistas reconheceram que a "separação" não era illegal, embora ella pudesse ser considerada como uma imprudencia. Por tres vezes elle tentou alistar-se nas fileiras dos Confederados mas não foi acceto devido á sua idade, pois elle tinha menos de quinze annos quando a guerra terminou. A casa de seu pae estava situada num dos campos de batalha; por isso escapou, em varias occasiões, de ser destruida. Após a guerra vieram todas as desagradaveis modalidades da privação de direitos dos Sulistas; a occupação militar, a lei do saque, e a reconstrucção. Em consequencia da guerra, seu pae perdeu não só os seus escravos mas tambem uma grande parte de outras propriedades suas, e quando ella terminou elle só dispunha de limitados recursos com os quaes teve de educar uma familia composta de oito filhos menores. As escolas do Sul haviam sido extremamente desorganizadas pela guerra civil, e depois de passar cerca de dois annos nas escolas publicas da visinhança, elle foi para o Collegio Maryville, então uma pequena instituição Presbyteriana das proximidades de Knoxville, no Tennessee. Mas o Collegio Maryville tambem tinha ficado desorganizado e, ao terminar a guerra, estava sem recursos monetarios e de outras especies. A anciedade de restabelecer o bom funcionamento desse collegio fez com que os seus dirigentes accitassem uma consideravel somma de dinheiro sob a condição de que os negros seriam admittidos com as mesmas regalias dispensadas aos brancos. Esta intromissão de um problema politico-social e de raças nos negocios da instituição logo após a guerra, quando ainda sentiam a humilhação da derrota, fez com que um grande numero de alumnos brancos deixassem o Collegio Maryville, e o joven Branner foi um destes. A questão era: onde ir? Embora tivesse naquella época somente dezoito annos de idade, decidiu-se elle a deixar o Sul onde as facilidades de educação tinham sido tão desorganizadas pela guerra e, tendo conhecimento do recente estabelecimento da Universidade de Cornell, em Ithaca, no Estado de New York, para lá partiu. Tal passo era, naquelle tempo, bem pouco commum, pois mui poucos Sulistas estavam habituados a frequentar Universidades do Norte. Cornell, porem, constituia uma excepção, visto ser uma Universidade nova que então havia funcionado durante um só anno.

Em Cornell elle primeiro estudou e mostrou-se interessado em botanica, entomologia e geologia, deixando-se influenciar por entusiasticos naturalistas entre os quaes estavam os Professores Louis Agassiz e Charles Fred Hartt. Nessa época Hartt já estava altamente interessado na geologia do Brasil, havia feito tres viagens a esse paiz, e tinha publicado o seu livro



sobre a geologia brasileira. Antes de haver completado seus estudos, Branner foi nomeado assistente especial de Hartt e foi induzido a acompanhá-lo em uma outra viagem ao Brasil. Em Setembro de 1874 elles (Hartt e Branner) partiram para o Rio de Janeiro, via Inglaterra. Tem-se dito varias vezes que essa viagem de Hartt ao Brasil foi feita a pedido do Imperador Dão Pedro II, ou do Governo Brasileiro; todavia, ella foi levada a effeito por iniciativa de Hartt e sob sua inteira responsabilidade, mas na esperança de que talvez fosse possível interessar o Governo no estabelecimento de estudos geologicos sob sua direcção de Hartt. Um facto interessante e pouco conhecido é que essa expedição se tornou possível sómente devido ao auxilio financeiro prestado por um joven e patriotico jornalista brasileiro que então residia em New York; o Dr. José Carlos Rodrigues. Quando a expedição chegou ao Rio de Janeiro, em 16 de Outubro de 1874, foram logo envidados esforços no sentido de interessar os principaes estadistas numa inspecção geologica, e esses esforços produziram tão bons resultados que em Maio de 1875 a Comissão Geologica do Imperio do Brazil havia sido organizada sob a fiscalisação do Ministerio da Agricultura, e começava a funcionar em Junho daquelle mesmo anno, com Hartt como seu Chefe e Branner como um dos Assistentes.

O primeiro trabalho de Branner consistiu no estudo dos recifes de arenito e de coral das costas de Pernambuco, geologia cretacea de Sergipe e Alagoas, e ilha vulcanica "Fernando de Noronha". Subsequentemente elle trabalhou na collecção de fosseis e outros materiaes recolhidos á séde da Comissão Geologica, no Rio de Janeiro, e especialmente sobre a collecção de fosseis cretaceos feita por elle mesmo em Sergipe, mais tarde descripta pelo Dr. C. A. White, e na preparação dos seus mappas e relatorios a serem publicados.

Os serviços de exploração, depois de serem executados durante dois annos, foram suspensos em Junho de 1877. Hartt falleceu pouco tempo depois, em 18 de Março de 1878, e Branner passou o anno de 1879 nas regiões diamantíferas de Minas, como assistente de James E. Mills, um conhecido geologo Americano. O anno de 1879-80, periodo em que elle trabalhou com Mills, foi passado na região aurífera e diamantífera do Brasil, e foi de grande importancia sob o ponto de vista geologico, por tel-o familiarisado com a geologia das mais velhas rochas paleozoicas do Brasil, mas foi esse tempo ainda de muito valor pela experiencia que adquirio em negocios, trabalhos de engenharia e na administração de um grande numero de homens. Aconteceu que a mina (Mina de São Cyriaco, perto de Serro) havia sido "salgada" por uma pessoa interessada em promover a venda da propriedade e, como o primeiro anno foi gasto com os trabalhos de construcção de uma represa e de fossos, etc., a fraude só foi descoberta quase no fim do primeiro anno de trabalhos, e a empreza foi abandonada immediatamente.

Na primavera de 1880 elle regressou a New York e, em Dezembro do mesmo anno, foi comissionado por Thomas A. Edison, o popular electricista Americano, para voltar á America do Sul, em busca de uma fibra vegetal para ser usada nas suas lampadas electricas incandescentes. O Sr. Edison nessa epocha, estava fazendo experiencias no sentido de aperfeçoar a luz electrica incandescente. A melhor substancia que até então elle havia achado para a manufactura dos filamentos das suas lampadas era uma fibra vegetal. As fibras de bambú, aproveitaveis para esse fim, no entretanto, não possuíam a consistencia, comprimento e rectidão de fio necessarios, d'ahi a idéa do inventor de que talvez lhe fosse possível encontrar melhor material entre as plantas das regiões tropicaes da America do Sul.

Branner iniciou suas explorações atravez da America do Sul tropical, nas cercanias do Pará, na foz do Amazonas, a 20 de Dezembro de 1880;



examinou e colleccionou especimens de todas as qualidades de plantas que pareciam capazes de produzir o material desejado, em toda a região do baixo Amazonas, inclusive na zona comprehendida entre o Pará e a costa, as ilhas de Marajó, Caviana e Bailique, a região proxima a Macapá, no rio Araguay até alem das suas cachoeiras, e nas margens mais baixas dos rios que vindo do norte entram no Amazonas. Em fins de Março de 1881, porem, elle adoeceu, atacado pela malaria, e em Abril partiu para o Rio de Janeiro indo para Petropolis onde permaneceu até ficar parcialmente restabelecido. Em Maio elle já se achava em condições de voltar para o campo novamente e seguiu, então, para o Estado de São Paulo, e de lá, mais tarde, para a Republica Argentina. Em começos de Junho partiu para uma viagem pelo Rio Paraguay, via Montevideo, á recolher e estudar as plantas productoras de fibras, ao longo daquella corrente, até Diamantino no Estado de Matto Grosso. Elle esperava descer pelos rios Arinos e Tapajoz desde Diamantino até ao Amazonas, mas as condições para os canoeiros servirem n'essa viagem eram prohibitivas e a descida por esses rios teve de ser abandonada. Regressou pois, descendo novamente o Paraguay e foi para o Rio de Janeiro, e depois de passar tres semanas naquella então Provincia voltou, então, ao Pará e subiu novamente o Rio Amazonas.

Ao fazer estas investigações botanicas, viajou Branner mais de 25.000 milhas e colleccionou e estudou um grande numero de plantas productoras de fibras. Uma das plantas achadas produzia uma fibra superior e muito mais longa do que qualquer outra previamente obtida por T. Edison. Ella é uma especie de *Maranta*, ou planta de flecha, desprovida de juntas, que attinge a um comprimento de sete a oito pés, e que é encontrada nos valles do Amazonas e do Paraguay. Esta planta, todavia, não podia ser obtida nos mercados e nem sequer seria possivel iniciar-se o seu commercio no curto espaço de tempo requerido pelo trabalho de Edison. Alem disso a região da America do Sul em que esta planta se desenvolvia era insalubre e pouco povoada, ao passo que o trabalho nativo éra escasso e os salarios excessivamente altos. Esses obstaculos tornaram o emprego da *Maranta* praticamente impossivel sob as condições então existentes.

Alguns dos bambús dos rios Amazonas e Paraguay forneciam tambem excellentes fibras de um comprimento pouco commum, mas embora as plantas crescessem natural e expontaneamente nas florestas, attingindo a grandes comprimentos, e em enormes quantidades, ellas não podiam ser obtidas nos mercados em quantidade satisfactoria, nem a industria da sua colheita podia ser estabelecida num espaço de tempo commercialmente razoavel. Foi considerado mais facil e mais economico comprar os bambús para esse fim no Japão e na China e transportal-os atravez do Oceano Pacifico e do continente Norte Americano, para New York.

John Branner regressou a New York em Janeiro de 1882 e fez o seu relatório para ser apresentado a Edison. Pouco depois foi elle nomeado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos para fazer uma outra viagem á America do Sul. Havia já alguns annos que o Governo dos Estados Unidos tinha se empenhado no estudo de insectos injuriosos ao algodão, na esperança de poder livrar a agricultura dos serios prejuizos causados por essas pragas. Calculou-se que sómente as devastações feitas pelos carunchos do algodão estavam causando, naquella epocha, um prejuizo annual nunca inferior de 15,000,000 de dollars. Uma grande parte desta somma foi salva por meio de uma investigação scientifica organizada, e a viagem de Branner ao Brasil foi planejada para completar este importante trabalho, para o qual o seu conhecimento da lingua e do paiz, e a sua experiencia scientifica, tornavam-n'o excepcionalmente apto.

Em connexão com estes estudos desejou-se saber si o caruncho do algodão, *Aletia argillacea*, o insecto pernicioso ao algodão nos Estados



Unidos, era nativo do Brasil e, neste caso, quaes os methodos usados naquella paiz para prevenir a destruição das colheitas de algodão. Este era o fim principal da sua missão a esse paiz, nessa occasião, mas, incidentemente, foi elle tambem commissionado para colher dados sobre os insectos injuriosos á canna de assucar, laranja, e outras plantas agricolas e industriaes.

Naquelle tempo Pernambuco era a principal cidade exportadora de algodão do Brasil, e aquelle logar foi escolhido como o que mais provavelmente proporcionaria as oppportunidades de estudo dos problemas no Brasil.

Branner e um Assistente chegaram a Pernambuco a 27 de Dezembro de 1882, e o Presidette da Provincia prestou-lhe logo todos os auxilios possiveis, suggerindo-lhe localidades mais favoraveis para as investigações e dando-lhe cartas de apresentação para as autoridades locais dos districtos algodoeiros. Um mez gastou em Bonito, o centro da região algodoeira da provincia de Pernambuco, onde foram feitas investigações sobre os insectos colleccionados. Foram empregados cem viveiros de criação e mais de 10.000 specimens foram colleccionados e trazidos para Washington. A mariposa, *Aletia argillacea*, (ou caruncho) tão injuriosa ao algodão nos Estados Unidos, foi encontrada em abundancia na provincia de Pernambuco, e descobriu-se tambem que era a autora dos maiores estragos causados ao algodão no Brasil. Mais tarde descobriu-se que esta mariposa era commum a todas as provincias Brasileiras em que o algodão era cultivado.

Quando as observações nos campos foram concluidas, Branner embarcou para o Rio de Janeiro com o proposito de munir-se de estatisticas sobre a produção e exportação de algodão do Imperio e de obter o endosso do Ministro da Agricultura para uma circular a ser enviada a todos os plantadores de algodão, solicitando informações sobre as qualidades de algodão plantado, aos methodos de trabalho e colheita, ao clima, ao sólo considerados mais favoraveis a elle, as molestias e insectos que o atacam e remedios usados.

Em Maio de 1883 regressou elle a Washington com as suas colleções. Os resultados de suas observações foram communicados em relatorios ao Departamento de Agricultura e publicados, em parte, no relatorio da Secção de Entomologia. Um desses relatorios — Relatorio Especial N.º 8 do Departamento de Agricultura, publicado em Washington no anno de 1885 — recebeu o titulo "O Algodão no Imperio do Brasil" por John C. Branner. Tendo concluido o seu relatorio sobre os resultados do seu trabalho acerca dos parasitas do algodão, em Junho de 1883, acceitou uma nomeação para trabalhar nos estudos geologicos do Estado de Pennsylvania, cumprindo-lhe fazer um mappa topographico e geologico do Valle de Lackawanna, o qual era, e ainda é, o centro da grande industria de exploração das minas de carvão anthracite da America do Norte. O trabalho de Branner foi feito sob a inspecção do Professor J. P. Lesley, Director dos "Trabalhos de Estudos Topographicos do Estado de Pennsylvania", e um dos mais distinctos geologistas do seu tempo.

Emquanto empenhado nestes serviços, elle estudou e publicou um relatorio sobre a glaciação dos Valles de Lackawanna e Wyoming, e do nordeste de Pennsylvania; areas proximas á margem sul da glaciação na Pennsylvania e que, por essa razão, particularmente interessavam esses estudos. Este serviço executado sob a superintendencia do Sr. Lesley foi, todavia o mais perfeito e valioso, devido á sua experiencia em desenvolver e applicar preciosos methodos na analyse detalhada da geologia estructural de uma região onde a estrutura era de uma tão grande importancia economica.



Na primavera de 1885 Branner foi designado para exercer o cargo de principal professor de geologia da Universidade do Estado de Indiana. O Dr. Jordan, Presidente da Universidade, foi um das mais habéis ichthyologistas Americanos, e fez da Universidade de Indiana, naquella época, um centro de activo trabalho scientifico. Durante os dois annos despendidos por Branner como professor em Indiana, elle esforçou-se quanto possível em promover o progresso da sciencia, e muitos foram os reconhecimentos publicos que recebeu pelo seu successo. A sua maior contribuição foi, sem duvida, o seu poder de interessar os seus discipulos nos trabalhos scientificos, de onde resultou ter elle um verdadeiro sequito composto de jovens entusiastas, muitos dos quaes tornaram-se mais tarde notaveis como geologos, botanicos e entomologistas.

Em 1887, justamente na primavera, tendo sido nomeado geologista do Estado de Arkansas, elle aceitou o cargo depois de obter uma licença para ausentar-se da Universidade de Indiana.

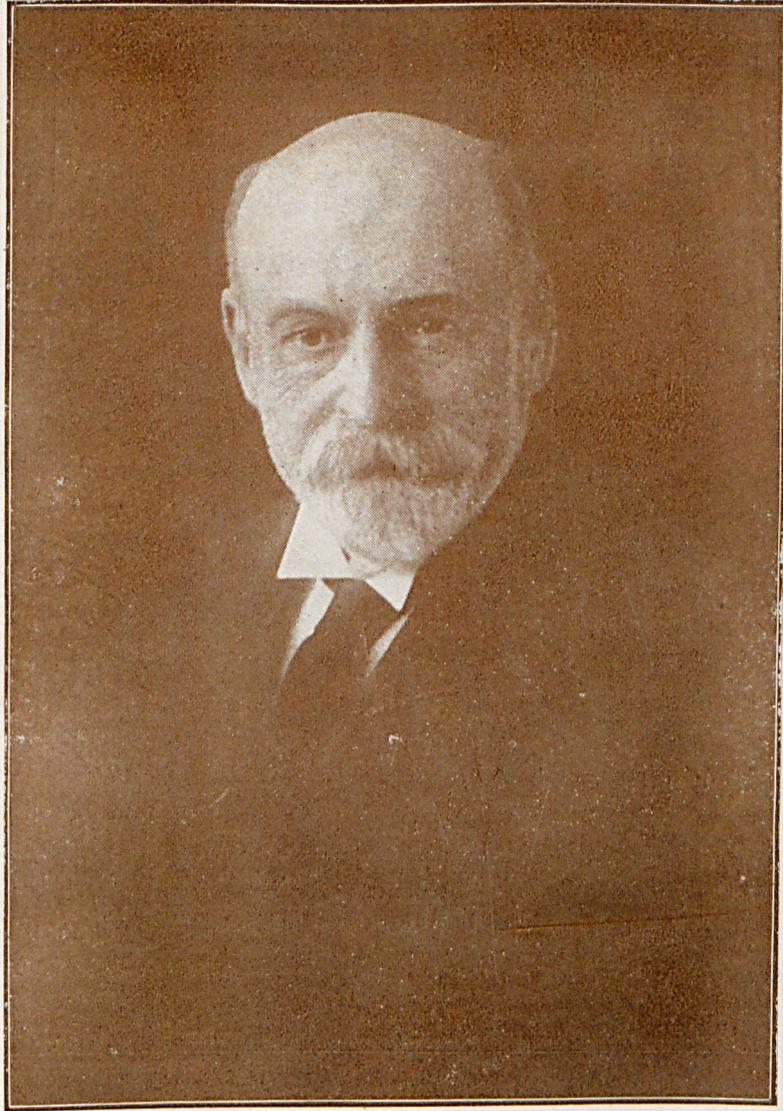
Nessa época, a supposição de que existia ouro e prata no Estado de Arkansas originou uma grande excitação, que resultou na organização de um completo serviço de pesquisas cujo proposito era resolver esse caso e determinar quaes os verdadeiros recursos mineraes daquelle Estado. As Companhias organisadas para a exploração das suppostas minas de ouro representavam um capital de 113,000,000 de dollars. Depois de uma rigorosa investigação elle declarou que muitas dessas afamadas minas de ouro não tinham nenhum valor e que muitas outras eram fraudulentas. O seu relatorio causou a maior indignação em toda a região mineira. Em alguns logares a exaltação chegou a ponto de dar occasião a uma denuncia contra os serviços de exploração, a que o geologo do Estado fosse queimado em effigie, e a que dirigissem um pedido ao Governador para que este determinasse a sua remoção. Mas o geologo permanceu no seu terreno, o Governador apoiou-o, e a legislatura estadual, por fim, não só approvou o seu trabalho como ainda augmentou os creditos destinados ao custeio do mesmo.

A sua carreira em Arkansas prolongou-se por um periodo superior a cinco annos e foi a mais estrenua de sua vida. Os creditos concedidos para custear os trabalhos eram inadequados, mas elle conseguiu equiparal-os a despeza fazendo com que muitos jovens voluntariassem os seus serviços e induziu o Governo Federal a responsabilisar-se por metade das despesas. Como resultado do trabalho, 4500 milhas quadradas foram cartographadas porgeometricamente, em detalhe, e treze volumes de relatorios foram publicados, outros tres ficaram por publicar, e ainda varios outros por escrever. Entre os assumptos discutidos nesses relatorios estão: — ouro, prata, ferro, manganez, zinco, chumbo, giz, phosphatos, argillas, aguas mineraes, marmores e outras pedras usadas em construcções. Alem disso aquelles relatorios tratavam tambem de outros recursos de valor economico e scientifico existentes no Estado. Dentre elles, os depositos de "bauxito" — os primeiros grandes depositos deste material encontrados na America. Este mineral só por si tem valido mais para o Estado do que muitas minas de ouro. O Prof. Branner poz o povo de Arkansas ao par dos recursos phisicos do Estado, sendo os seus serviços altamente apreciados e plena e cordialmente reconhecidos. Vinte annos depois do trabalho ser feito um dos principaes jornaes do Estado disse: "As investigações geologicas têm valido milhões de dollars para o Estado, e os beneficios que della advirão são incalculaveis".

No outono do anno de 1891, quando ainda era geologo do Estado de Arkansas, o Sr. Branner foi nomeado professor de geologia da Universidade de Stanford, na California. Esta instituição, aberta em 1891, havia sido fundada e doada pelo Senador Stanford e sua esposa, em memoria



UM AMIGO DO BRASIL



John Casper Branner



O BRASIL NA ARGENTINA



Georgina Albuquerque

de seu filho unico. A doação importou em trinta milhas de São Francisco, a maior cidade das costas do Pacifico. Este valle é famoso pela sua belleza e fertilidade, e tem um clima que é frio e festivo durante todo o anno. Nelle estão localisadas muitas bellas residencias e propriedades, e os grandes pomares emprestam-lhe, em alguns logares, a apparencia de um vasto jardim.

Foi nestas saudaveis e lindas adjacencias, e com todas as probalidades de um grande futuro, que a Universidade de Stanford abriu, pela primeira vez, as suas portas aos estudantes no anno de 1891. O Prof. Branner assumiu os seus deveres de Chefe do Departamento de Geologia em Fevereiro de 1892, e desde esta data tem exercido uma grande influencia no progresso e no desenvolvimento da instituição; em 1899 foi feito o seu primeiro vice-presidente, conservando ao mesmo tempo o seu cargo de Chefe do Departamento de Geologia, e a 31 de Dezembro de 1915, tendo chegado á sua idade de jubilação, fizeram-no presidente emerito.

Durante vinte e seis annos a tarefa do Prof. Branner consistiu no preparo de moços para os trabalhos scientificos, e hoje muitos dos seus discipulos acham-se esparsos por todo o mundo desempenhando importantes missões. Os seus deveres de professor da Universidade não diminuiram, todavia, o seu constante interesse pela geologia do Brasil. Depois de ter elle começado a ensinar geologia, foram organisadas tres expedições scientificas áquelle paiz. A primeira, emprehendida em 1899, tinha por fim estudar a historia geologica das costas Brasileiras e examinar os grandes recifes de coral e arenito que se estendem parallelamente a ellas. Os arrecifes são, em geral, gigantescas muralhas de pedra que se erguem á superficie das aguas mesmo no preamar, e cuja largura, em alguns logares, attinge a varias centenas de pés. Antes de serem feitos os seus estudos não se distinguiam os recifes de coral dos de arenito, e esta questão só foi resolvida pelo exame que a expedição fez directamente em cada um dos recifes. O conflicto de theorias com vistas á elevação ou aluimento das costas tambem foi resolvido satisfactoriamente. Seis mezes foram gastos neste trabalho; foram examinadas 1300 milhas de costa e uma grande quantidade de material recolhida para estudos, e tiraram-se centenas de photographias. Os resultados dos estudos geologicos feitos pela expedição estão reunidos em um relatorio publicado, em 1904, como sendo o volume n.º 44 do Boletim do Museu de Zoologia Comparativa do Collegio Harvard, de Cambridge, Mass., assim como os resultados biologicos que tambem foram publicados em outra parte.

Em 1907 o Prof. Branner voltou novamente ao Brasil, com Roderic Crandall como seu Assistente, afim de estudar a geologia dos Estados da Bahia, Alagoas e Sergipe, especialmente a origem e distribuição dos depositos de diamantes carbonados do Estado da Bahia. O seu campo de acção cobriu uma area superior a 1000 milhas quadradas; e a area naquell' Estado em que se encontravam os diamantes carbonados, e os communs, provou ser muito mais extensa do que se suppunha. Grandes depositos de pedras calcareas, marmores, e de manganez tambem foram descobertos. Tendo o Governo reconhecido as vantagens que traria o proseguimento dessas investigações, o Sr. Grandall (ajudante de Branner) foi nomeado Assistente do "Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil", afim de continuar o trabalho no interior dos Estados visinhos.

Em 1911 o Prof. Branner formou uma outra commissão composta de sete Assistentes para ir ao Brasil em estudos geologicos e biologicos da costa, tanto ao norte como ao sul da foz do Amazonas. O principal objectivo da commissão, com estes estudos, era determinar, em primeiro logar, qual o effeito que o grande volume de agua doce precipitado no oceano pelo Rio Amazonas exerce sobre a vida marinha do mesmo, e si a emigração



da vida marinha que se dirige livremente da latitude do cabo de São Roque para o nordeste consegue sobreviver á passagem daquelle grande volume de agua doce que se move em direcção nordeste. Esse trabalho foi seriamente embaraçado e o fim a que se desejava chegar não foi alcançado devido ao facto do Governo Brasileiro não haver proporcionado as promettidas e indispensaveis facilidades de navegação pela costa do cabo de São Roque. Todavia, foram feitas muitas descobertas importantes sobre a geographia, geologia e zoologia; especialmente ao longo da costa do Rio Grande do Norte, e os relatorios sobre as mesmas foram publicados sob o titulo de "A Expedição Stanford ao Brasil". Ainda ha, no entretanto, alguns documentos por publicar.

Desde o seu afastamento da presidencia da Universidade de Stanford, em Janeiro de 1916, o Prof. Branner tem permanecido na sua residencia dos campos da Universidade e tem dedicado seu tempo a trabalhos scientificos, conforme lhe permite a sua presente ociosidade. Elle acabou justamente de completar um mappa geologico do Brasil, o que lhe causou grande satisfacção, pois habilita-o a pôr em uma forma permanente os dados geologicos largamente dispersos em livros de viagem, em muitas linguas, e de todas as partes do mundo; e a utilizar, ao mesmo tempo, os dados por elle proprio co'hidos desde que foi ao Brasil pela primeira vez, em 1874. Este mappa acaba de ser publicado pela Sociedade de Geologia da America, o mais eminente e distincto corpo de geologos da America. Este mappa é acompanhado de um texto explanatorio de 150 palavras, uma edição sendo em inglez e a outra na lingua portugueza. Elle possui uma das melhores bibliothecas existentes nos Estados Unidos acerca do Brasil, e para colleccional-a não poupou nem tempo nem esforços.

Em 1915 o Governo dos Estados Unidos nomeou-o membro de uma commissão da "Academia Nacional" que fez investigações no Canal do Panamá; é membro de muitas sociedades scientificas, tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro, entre as quaes estão: — a Academia Nacional, a Sociedade Americana de Philosophia (a sociedade scientifica mais antiga da America), a Sociedade de Geographia da America (de que foi presidente em 1904), a Sociedade de Geologia de Londres, e a Sociedade Geologica de França. Em 1911 a medalha "Hayden" foi-lhe conferida pela Academia de Sciencias Naturaes de Philadelphia: — "em reconhecimento do valor da contribuição individual para a sciencia geologica, e dos beneficios derivados do modo capaz e consciencioso por que desempenhou os cargos officiaes que lhe foram confiados".

O numero dos seus livros e notas já publicados eleva-se a mais de trezentos. Pelos assumptos tratados nesses trabalhos pode-se fazer uma idea da ordem das sua actividade. A maior parte delles, como é natural, versa sobre a geologia, mas incluem:

1. — Uma "Bibliographia das Artes Ceramicas", um livro de 451 paginas, publicado pela Sociedade Ceramica America. Este é o mais importante e comprehensivo trabalho desta especie existente.

2. — "Casper Branner de Virginia e seus Descendentes", que é uma historia da familia Branner nos Estados Unidos. Este é um trabalho illustrado contendo 469 paginas.

3. — Uma "Grammatica Resumida da Lingua Portugueza", um livro de 216 paginas, agora na sua quarta edição. Este trabalho foi publicado com o proposito de induzir os povos que fallam inglez ao estudo da lingua portugueza.

4. — A sua "Geologia Elementar" que foi publicada em portuguez com o fim especial de interessar os estudantes Brasileiros na geologia do seu proprio paiz. E' um trabalho illustrado de 396 paginas, publicado no Rio de Janeiro, e agora na sua segunda edição.



5. — A sua ultima contribuição sobre a geologia do Brasil que foi publicada é o supra mencionado "Mappa Geologico do Brasil", acompanhado por um texto de 150 paginas, e publicado pela Sociedade Geologica da America, em inglez e portuguez. Este trabalho está numa escala de 1 por 5000,000 e mostra a geologia em treze cores.

Finalmente elle traduziu do portuguez, e publicará dentro em breve, em inglez, a "Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal", de Alexandre Herculano.

Ao todo, Branner passou dez annos no Brasil, o que lhe tem proporcionado um conhecimento do paiz e da lingua possuido por bem poucos Americanos. Naturalmente este importante interesse tem sido compartilhado pelos que se lhe associavam, e muitos dos seus discipulos estão agora fazendo trabalhos scientificos na America do Sul.

Durante a sua longa residencia no Brasil, o Sr. Branner creou muitos amigos entre o povo Brasileiro, e ainda espera fazer pelo menos mais uma viagem ao paiz pelo qual, desde a sua mocidade, elle tanto se interessou, e cujo povo para elle foi sempre tão alegre e hospitaleiro.

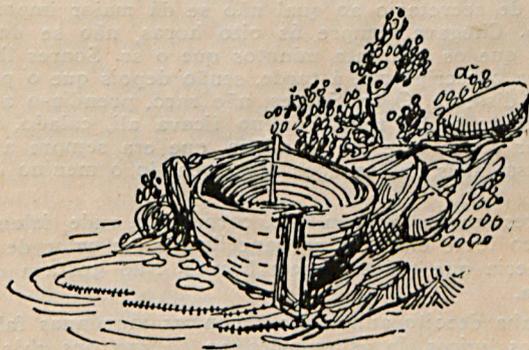
O grau honorario de L. L. D. foi-lhe conferido pela Universidade de Arkansas em 1897, pelo Collegio Maryville em 1909, e pela Universidade de California em 1915; e o grau, tambem honorario, de Doutor em Sciencias, lhe foi conferido em 1915 pela Universidade de Chicago.

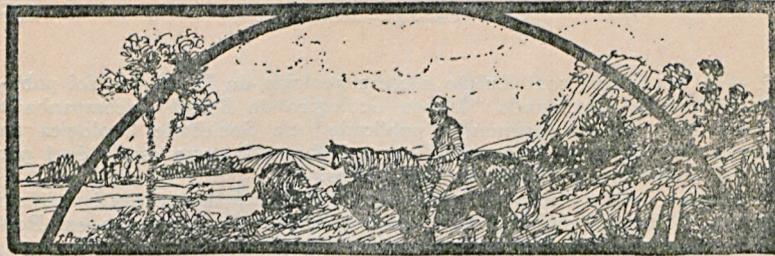
Mas elle considera como sua maior gloria profissional o facto de tantos homens illustres terem sido seus discipulos e estarem agora prestando bons serviços em todos os pontos do globo.

Em Junho de 1883 elle casou-se com Suzan Kennedy, de Oneida, N. Y., que graduou-se pelo Collegio Vassar. Eiles tiveram tres filhos — uma filha, actualmente casada, e dois filhos homens. Estes, assim como o cunhado, fizeram parte do exercito americano durante a ultima guerra contra a Allemanha.

Traduzido por:

HENRIQUE W. DOLBETH LUCAS.





A AMIGUINHA THEREZA

RIBEIRO COUTO

— Está errado, exclamou o sr. Soares com aquella sua grossa voz autoritaria. Escreva outra carta. São quinhentos fardos e não quatrocentos. Onde é que o senhor foi descobrir esses quatrocentos? Paulino tomou o papel que o patrão lhe extendia e sentou-se á machina de escrever. Começou a tantanear.

Era um rapaz de vinte annos a quem a gravidade silenciosa da physionomia dava um ar mais velho, um ar de adolescencia falha. Viera do Norte ha pouco. Vivia só no Rio. Ninguem lhe conhecia familia nem relações. Sabia-se apenas que apparecera no escriptorio certa manhã, dois mezes antes, com uma carta para o sr. Soares. E que no fim do primeiro mez enviara quasi todo o dinheiro para a sua terra anonyma.

Desde logo ficara trabalhando no escriptorio do patrão, assim como uma especie de secretario ao qual não se dá maior importancia que a um criado. Chegava sempre ás oito horas, não se demorava no almoço mais que os quarenta minutos que o sr. Soares lhe concedia e não largava o escriptorio, á tarde, senão depois que o patrão, ou o gerente, lh'o dissesse. O sr. Soares, não raro, prendia-o até tarde da noite. E durante o dia todo Paulino ficava ali, calado, na sala do chefe, a fazer o que este lhe mandava, que era sempre a correspondencia da casa, mais uns recados fóra, quando o menino dos recados faltava.

O sr. Soares era um homem alto, corpulento, rude, falando a todos com um vinco forte entre as sobrancelhas e um calor de zanga permanente. Queria que todos fossem breves. Não gostava de ninguem senão da filha.

Thereza tinha dezoito annos. As chronicas mundanas falavam della com adjectivos lyricos. Ia ás reuniões, ao *footing*, aos chás, aos bailes. "Mlle. Theresa Soares, com os seus grandes olhos pretos, e a sua linda e fresca pelle morena, as suas mãos perfectas, os seus gestos rhythmicos, o vulto *elancé* entre todos adoravel..." E era realmente assim.

Thereza ia duas e mais vezes na semana ao escriptorio do pai, pelas cinco horas da tarde, de passagem para o seu chá. Ao encontrar pela primeira vez Paulino — o sr. Soares sahira para mostrar a sua fabrica da Tijuca a uns amigos — ficara confusa. Mas, como a confusão de Paulino ainda fôra maior, principalmente porque ella o pilhara a ler um livro ás escondidas, recobrou logo o seu desembaraço:

— O senhor é o novo empregado de papai?

— Sou o novo empregado do sr. Soares, sim senhora.

— Filho da viuva de um amigo d'elle, não é?

— Sim senhora.

— Paulino... Paulino de quê?

— Da Costa.

— Mas eu já o conhecia do Rio... A sua physionomia não me é estranha.

— Talvez se engane. Eu estou no Rio ha cinco dias e nesta casa ha tres.

— Ah! Em que cidade nasceu?

— Não nasci na cidade... Nasci no sertão, no sertão do Pará.

Thereza sorriu com uma piedade mansa por aquelle pobre destino que viera ao mundo num logarejo qualquer do Pará. Lembrou-se do livro que Paulino estava a ler. Pediu-o.

— O senhor gosta muito de ler? perguntou ao pegar o volume.

Paulino teve um sorriso que dizia, melancolicamente: "Si é da unica coisa que eu gosto!"

— "Eugenie Grandet"... Ora veja! O senhor aprecia Balzac ou... ou... lê por ler?

Paulino repetiu o sorriso, com mais melancolia.

Deram cinco horas e ella despediu-se rapida, apertando a mão de Paulino com uma sympathia que o commoveu.

Thereza passou a ir com mais frequencia ao escriptorio. Quando o pai estava, dizia um "boa tarde" distrahido ao rapaz e ia beijar, com certa "coquetterie" amorosa e innocente, a testa enrugada e pensativa do pai.

O sr. Soares ficava intimamente satisfeito com a apparição da filha, apesar de sentir, vagamente, que aquella atmospha de negocios e calculos a profanava um bocado, não sabia por quê. Por isso ficava mais satisfeito ainda quando ella sahia, trefega, deixando nelle uma ternura de féra docil.

Os empregados da casa chamava-n'a, entre si, "o sorriso". Antes de chegar ao compartimento do pai, com a sua porta de vidro opaco e as letras transparentes a indicarem "Director", Thereza tinha que atravessar uma sala grande, com caixeiros suarentos debruçados em livros ou pacotes de amostras e um longo corredor ladeado de saccos, fardos, caixotes em pilha. Ella sorria a todos, discretamente, cumprimentando-os, e desaparecia, grácil, no escriptorio ao fundo. Em voz baixa os empregados commentavam:

— "O sorriso" está hoje mais bonito...

Ou então, os mais atrevidos:

— Vou pedir "o sorriso" em casamento e fico installado na vida.

Ao cabo de quinze dias Paulino tinha uma intimidade suave com Thereza. A's occultas do sr. Soares, emprestavam-se livros. Mesmo na frente d'elle, quando Paulino estava ocioso, conversavam sobre coisas amaveis.

— Formoso dia!

— De manhã, ao vir para o escriptorio, vim sentindo uma caricia no ar.



— O mar, agora, á tarde, deu-me o desejo de ser assim uma vela abandonada... Imagine!

— Imagino, sim, o prazer das gaivotas...

Riam. O sr. Soares, occupado em escrever, despertava com o riso, chamava a filha para perto, sob um pretexto qualquer. A sala era estreita, com escrivaninhas a atulhal-a e armarios atopetados de livros enormes. A janella dava para os fundos de um agrupo de sobrados velhos, sobre os quaes azulava um pedaço de céu.

O sr. Soares não gostava daquellas conversas. Comprehendera, porém, que eram agradaveis á filha e deixava. O que acontecia é que, sempre que encontrava uma razão mais ou menos sufficiente, chamava Thereza, ou pedia-lhe que fosse embora para não o perturbar, ou sahiam os dois. A miude, na presença della, reprehendia Paulino, instinctivamente:

— Você não me entregou a carta para o correspondente de Manaus. E' muito boa! Que é que fez o dia inteiro?

Paulino ia-lhe á secretária, procurava, mostrava a carta com a mão extendida.

— Isso sim! Não tinha visto.

Já Thereza, sem que puzesse nisso uma intenção consciente, preferia agora os momentos em que o pai não estivesse no escriptorio, para ir lá. De ordinario telephonava antes. Mas Paulino achava a moça cruel, por aquelle habito de dizer ás vezes uma pequena ironia e ficar olhando fixo, a sorrir, a ver o effeito. Outras vezes elle a sentia piedosa. Era uma humilhação insupportavel. Ella contava-lhe as reuniões da vespera, o que via, o que lhe haviam dito, as homenagens sem fim... Escondia nessas narrações uma ponta feminina de perversidade. Tinha, para requintar o tormento subtil, pittorescos de frase, vivos de estylo, inflexões coloridas. "No ultimo baile da legação de Cuba — encantador, aquelle ministro Vieira! — tive uma deliciosa surpresa... Paulino da Costa parecia mais humilde ainda escutando-a. Como que o coração lhe murchava. E era um soffrimento doce, penetrante e indefinivel, esse de ouvir-a e olhar-lhe o busto que braços de homem haviam apertado na cadencia propicia dos "rag times". No entanto, sabia bem que era o seu unico amigo no Rio, aquella amiguinha Thereza.

— Si o senhor sahisse daqui, onde é que ia empregar-se?

— Eu? Em logar nenhum. Estou arrependido de ter vindo, sabe?

Havia dias em que o sr. Soares tratava-o melhor, sem aquellas exclamações de impaciencia e os ron-rons de ameaça furtiva. E o rapaz sentia nisso a influencia da amiguinha, uma recommendação feita á hora da meza, ou num intervallo de espectaculo, a proposito de negocios...

Uma tarde o patrão lhe disse:

— Preciso do senhor hoje á noite, em casa. Oito e meia. Vamos escrever um relatorio.

Thereza estava presente e teve uma idéa:

— Papai, elle póde ir ás 7 e janta connosco.

O sr. Soares olhou a filha e baixou a cabeça, com pudor, como si alguém o surprehesse furtando ao jogo.

— Está bem.

— Paulino quiz esquivar-se. "Sentia muito. Mas justamente naquelle dia necessitava estar ás sete na cidade..."

— Ora, o senhor não encontrou uma desculpa um pouquinho melhor do que essa? Veja... Lá em casa não ha a menor cerimonia.



Na sala de jantar da casa do sr. Soares, Paulino sentiu durante todo o tempo um constrangimento forte, oppressor. Não que o offuscassem os brilhos da opulencia e aquella atmospherá luxuosa de paraíso domestico. Mas sentia a todo instante sobre elle os olhos cinzentos e frios de d. Noemia, em cuja reserva lia bem: "Que é que vieste fazer aqui? Não vês que não é o teu logar?" Estavam á mesa outras relações da casa. Entre ellas um rapaz de monoculo, cara pallida e fita preta de bigode, muito cerimonioso com a sua amiguinha. Arrependeu-se de ter accedido o convite...

A' uma da madrugada, quando deixou o gabinete do patrão, fatigado do tantameio continuo da machina e de tudo o que dolorosamente pensara emquanto escrevia, automatico, Paulino viu-se no jardim de Thereza, onde ella deveria passear á tarde, aos risos, com os rapazes intimos da casa, como aquelle do monoculo, ageis, facéis, com maneiras civilisadas e habitos de esporte. Fazia luar, um luar abandonado. No palacete silencioso, apenas na janella fechada do gabinete fulgurava um fiosinho de luz, que logo se apagou. Vinha dos canteiros uma exhalção entontecedora de jasmins. Lembrou-se mais ou menos de uns versos de Luiz Delphino:

— Ella andou por aqui... Andou. Primeiro,
porque ha signaes de suas mãos... Segundo,
porque ninguem como ella tem no mundo
este exquisito, este suave cheiro.

E viu-se fóra do portão. Foi descendo a rua calada, com um ultimo olhar para a casa adormecida.

Ao despertar, naquella manhã, sentiu-se contrariado á idéa de voltar ao escriptorio, á vida costumeira, á tortura... Lá estaria o sr. Soares com a sua corpulencia e a sua ruga permanente entre as sobrancelhas. A' tarde appareceria Thereza, por quinze minutos, a chalar sobre os romances de Balzac, um pouco por ostentação de gosto educado. E a olhal-o com um olhar de amizade humilhante, humilhante...

O dia estava claro e quente. A irradiação luminosa do verão parecia tornar maior e mais irremediavel a sua dôr. Então tomou uma resolução. Que lhe importava fosse uma resolução romantica?

"D. Thereza. Eu lhe agradeço a bondade e o sonho que a senhora espalhou na minha vida pobre. Volto... Para a senhora, que representa a minha ausencia? Ah! nada. Virá outro para o meu logar no escriptorio e a senhora ha de ser boa e sorrir-lhe; ha de ser boa e conversar sobre livros com elle; ha de ser boa e contar-lhe os seus triumphos mundanos; ha de ser boa e fazel-o sonhar, soffrer... Quero, porém, que continue a ser, na minha memoria, a deliciosa, a terna, a commovente, a impossivel amiga, a amiguinha Thereza..."

Quando Thereza, no dia immediato, correu á pensão onde Paulino morava, a proprietaria, uma velhota viuva que tinha no queixo uma verruga escandalosa, explicou:

— "Seu" Costa embarcou hontem para o Norte.

Então Thereza levou a mão aos olhos, escondendo as lagrimas e murmurou, num suspiro fundo:

— Foi melhor assim...

Emquanto a velhota concluia, franzindo a testa com pena:

— Era um bom pensionista.



DEVOÇÃO E FIGURINOS

JOÃO LEDA

(Da Academia Amazonense de Letras)

A través de jornaes do sul lograram chegar a estas plagas remotas, os echos de certos avisos prelaticios, com que a Egreja, pelo orgão dos seus representantes no orbe catholico, fulmina severos castigos ás damas elegantes, que se permitem a irreverencia de antepor aos canones da religião os decretos da moda.

Releva no cardume das austeras circulares respeitantes ao assumpto, a que subscreveu e vulgou em periodicos hespanhoes o eminentissimo bispo de Cadiz, assim pela grave moral que nella transverbera, como pelo seu tom energico e decidido, que para logo jarreta ás Evas obstinadas toda esperanza de transigencia.

Reza assim a circular do antistite de Cadiz:

“Nenhuma mulher entrará na Egreja sem ser vestida com modestia christã. Portanto, prohibimos a entrada nos templos ás senhoras que se acharem de collo descoberto, mangas curtas, meias transparentes e vestidos apertados. Não será ministrada a sagrada communhão ás senhoras, que se apresentarem vestidas como fica dito. Mandamos a todos os confessores que neguem absolvição ás mulheres, que assim se apresentarem nos confesionarios.”

Seguindo tão esclarecido e salutar exemplo, virtuosos membros do clero em nosso paiz, sem se extremarem no zelo da mo-

ral até ao ponto delicado e perigoso de comminar penas tão duras para delictos tão leves, objurgaram, todavia, de publico, contra esse perrexil de nervos lassos, que é a exhibição de panturrilhas e axillas, num vago suspirar honesto pelo retorno da moral purissima das éras apostolicas, em que as catechumenas occultavam a pulchritude das formas na amplidão das tunicas, com um assomo de pudor, que era o estrangulamento summario do peccado.

Os resultados, porém, que surtiram já tão inexoraveis interdictos, onde estão?

Não os vimos, não os vemos, ninguém os vê.

Em que nos peze assignalar nesta prosma, as prohibições da Egreja, neste particular de pomas desvendadas e pernas ao léo, não acarearam ouvidos que as ouvissem. Um arsinho displicente, um tregeito de enfado proprio das creaturas fartas de goso e picadas de scepticismo, houvera talvez acolhido as sagradas letras nos toucadores perfumados, onde as casquilhas, consultando-se a si mesmas sobre o destino das respectivas almas, teriam concluido, argutamente que estas, após um estagio de perfeição no mundo das rendas, transmigravam para a região eterna das fitas. Observando-as, affirmára-se com segurança e sem alardos de psychologia, que nenhuma dessas almasinhas, vulcanisadas pela fascinação do luxo, cederia á dialectica do mais esperto levita que lhe promettesse o empyreo, com a condição de renuncia á frescura da gaze — plagio gamenho das vestes paradisiacas, — ou ás mollezas do tanguinho enervante, celebrado exito dos nossos sarãos e vaga reminiscencia da chica, com que aguilhoa a sensualidade a negraria de Mossamedes e Moçambique.

E sejamos razoaveis. No raciocinio ligeiro das janotas ha um fundo de sensatez e de logica. No torvelinho da evolução universal, quando a sciencia alue com decisão intrepida o dogma de hontem, substituindo-o por novos postulados; quando a philosophia derroca principios que pareciam inconcussos, convolando para novas doutrinas, a Egreja não pode quedar hirta, inerte, a repetir em toada de canto-chão preceitos e canones, legislados para outras epochas e condições mentaes da humanidade.



Aliás os fastos da Egreja, abertos á investigação dos curiosos, abundam em dignas transigencias. Fingindo ignorar os dictames de São Paulo, que, em nome da candura dos anjos, susceptiveis de extravio nas madeixas das mulheres, lhes impunha a ellas o esconderem os cabellos em presença do serviço divino, a Egreja foi, no caminho das outorgas benevolas, até a permissão dos penteados phantasticos, sobre os quaes as senhoras poisam hoje vastos zimbórios, ou donozos cabazinhos, para assistir á missa.

Outrosim, simulando haver perdido a memoria das lições dos doutores, que pretendiam, como São Clemente, "fosse casta e modesta a harmonia que entre christãos se executasse", tolera a Egreja que ás evocações dolorosas do santo sacrificio, se casem os delirios apaixonados da *Lucia* e as lábias velhacas do *Mephistopheles*, que as orquestras melodiam nos templos para gozo da alma lyrica dos devotos.

Ora, se a Egreja cedeu bondosamente nos toucados, revogando a sentença de São Paulo, e se, da mesma sorte, annuiu a quebrar a monotonia da musica sacra, misturando-lhes umas profanidades de opera, bem poderá, sem diminuição alguma de sua autoridade, condescender com as tafularias femininas, cerrando os olhos ás saias curtas e aos decotes largos.

Porque a verdade é esta: se o traje imponderavel das damas desacata a respeitabilidade da Egreja, e, ao mesmo passo, escandalisa a alma candida dos crentes pouco versados em plasticas, tambem os compassos do oboé dizendo o descaramento das Rosinas, e os requebros molles do violino contando o namoro das Mimis, devem affrontar os santos e indignar a consciencia das pessoas piedosa. E pezando até a circumstancia em que se poderá resvalar ás unhas de Satan, verificar-se-á, com verdade e justiça, que a visão fugaz de uma papilla ou de um joelho, apesar de sacudir os nervos ás creaturas mais pias, não as inquietará tanto como um som de violoncello, que lhes gritou volupias ignoradas, lhes penetrou no sangue, nos musculos, na medulla, e acabará queimando-lhes os sentidos até arrastal-os aos colmiellos do peccado.

A severidade da Egreja, pois, no que concerne ás modas actuaes, não está rigorosamente dentro da logica, nem se ajusta ás



suas complascencias anteriores. Escolheu ella o peor caminho par vencer na lucta com o janotismo das beldades. E' certo que Renan dissera ser mais de feição a prender as mulheres uma linguagem rispida, do que uma falla suave e terna. Quer-nos parecer, porém, que, nisto, o sabio philosopho não teve razão. Ousou Fénelon ensaiar o systema com a linda Maisonfort, e se outra pratica de amansar ovelhas assustadiças lhe não sugere seu espirito singularmente subtil, certo não haveria triumphado na sua missão espiritual, nem teria recebido das mãos dadivosas da Maintenon as mercês que tanto appetecera.

Palpita-nos que uma politica de condescendencia bem dirigida neste conflicto, em que, de uma banda, estão os interesses supremos da garridice, e da outra, o acatamento á magestade da Egreja, fructeará opimos resultados para o robustecimento da fé. As mulheres, segundo o experiente Goethe, deixam-se dominar pela vaidade, raramente pela razão. Ora, não restringir-lhes a liberdade no trajo, qualquer que seja a impalpabilidade deste, é combater a indifferença religiosa com exito seguro, alhanando o terreno para o exterminio rapido da impiedade. Nada, portanto, de rigores com as damas. Ao revez, cordura e benevolencia.

A austereza de São Francisco de Salles, impondo ás confessadas a flagellação da carne e a repulsa ás seducções terrenas, pareceria hoje ás *melindrosas* desequilibrio de orate. A parenetica de Vieira, se agora reboára no ambito das nossas cathedraes, intimando a penitencia e apavorando com o macabrisimo da gehenna, não desceria uma só peccadora do alto dos seus tacões a Luiz XV para a fazer meditar no Nada, que é o mundo, a meia transparente, o signalsinho postiço na face, a axorca de ouro no biceps, o diluvio de pó de arroz, a sépia cumplice das olheiras...

E' que as macerações e a penitencia, inspirava-as o terror do inferno, e o inferno é hoje em dia metaphora caduca. O pegão philosophico apagou os fogaréos da lura de Satan. Na gehenna pacificada e erma de preceitos, cessou o ranger de dentes e o baregar de reprobos. O tanéco recebeu mandado de despejo, e o Dante invectiva Virgilio na eternidade por têt-o embahido com patranhas indignas de um poeta. Inoffensiva e melancolica, a sombra de Charonte passeia á beira do Averno, cavaqueando



amavel com os barqueiros de Cumas, e rindo ás vezes de certas ditos salazes, que as brisas mansas lhe trazem aos tympanos: são os echos da derradeira estroinice de Petronio, pouco antes de golpear as veias, literalmente enfarado de gosos e dos versos semsaborões de Nero.

Ficou, apenas, vigorando o céu para as almas que se aposentam por invalidez, depois de saturadas de escandalos elegantes, de cinemas e tanguinhos. Serão a elle candidatas certas as peralvilhas, se a Egreja transigir com as sáias curtas e os decotes...

II

Mas examinemos, circumspectamente, até onde a Egreja tem razão.

Champsaur, com a argucia de escriptor, que bem meditou a historia literaria dos povos, interroga: "Por que leis as epochas de mais profunda corrupção moral, são os momentos historicos precisos das mais brilhantes, ou das mais formidaveis evoluções das idéas?"

De feito, assim é.

Não sabemos de pensador que haja esquadrinhado as causas, necessariamente numerosas, do extranho phenomeno, assignalado desde a antiguidade, quando as victorias do engenho humano já se reflectiam com immenso fulgor nas artes e nas letras, marcando éras com irradiações tão vivas, que ainda até nós se projectam.

Ao alvorejar o seculo de Augusto e ainda em sua plena florescencia, como é assaz sabido, Roma mergulhava na torpeza dos costumes herdados da republica, que proceres e libertos aviltaram, casando-se a immoralidade com a grosseria até no contubernio dos principaes na cultura, a quem prazia o consesso ou o ágape, menos para deleite espirital, que para permuta de apodos e epigrammas.

Resumbra exactidão e verdade este esboço de Gastão Boissier: "Ce monde qui commence alors nous semble encore par moments bien grossier. Catulle nous apprend que dans ces agréables répas où on lisait de si belles poésies, il avait des convives qui



volaient les serviettes. Les propos qu'on y tenait étaient souvent bien risqués, á en juger par certaines épigrammes du grand poète. Clodia, qui réunissait chez elle les hommes d'esprit, avait de singuliers écarts de conduite”.

Foi, entretanto, do fundo desse volutabro social, que emergiram os caboucos das maravilhosas architecturas, que ainda espantam e commovem na tristeza da sua pernicie, prodigios de pedra que esculpiram o nome de um ambicioso, dissimulado e astuto, na memoria das gerações.

Recuando menos na historia, a observação se fixa nos tempos magnificos dos Médicis. A opulencia da arte, no pincel e no escopro, emparelhando com a alteza da Poesia e as trabalhosas investigações da sciencia politica, contrastava lastimosamente com a esterqueira, em que se espojava a delinquencia, bemquerida dos veladores da sociedade, donde resultava o phenomeno notado por Champsaur, nos periodos historicos de energica actividade mental. Aqui, porem, a Egreja tomára a peito dominar a furia da torrente corruptora. A palavra ignea dos levitas fustigou sem descanso a immoralidade, e por isso Jeronymo Savonarola, cuja consciencia ingenua julgou possivel purificar uma sociedade em franca colliquação, ingressou, pelo supplicio da fogueira, á colenda galeria dos martyres.

Alludindo a esse monstruoso connubio de luz e treva, pondera o sisudo e erudito Sergi: “Phenomeno curioso este, no qual se vê uma energia que se explica pela actividade artistica, literaria e philosophica, unida a outra energia, que tambem se explica pela criminalidade e violencias de outra especie”.

Semelhantemente, no seculo de fulgencias literaria, em que a soberania do estro poetico de Cornelle, defrontava a culminancia da eloquencia de Bossuet, nesse seculo que foi o de Luiz XIV, não se faz mister esmiuçar a chronica do tempo, para deparar, que farte, em abono da nossa these. Consideremos só que as damas de alta estirpe, por espancar o tedio, que as mirrava, na sumptuosidade de seus palacios e castellos, elegiam, sob a côr de esparecimento, “a devoção galanteadora, o colloquio do confessor ou do amante”, na dicção micante de Michelet, e sahindo dessa atmospheria perigosa, onde os mysterios da alma eram de



certo menos esclarecidos que os do corpo, recolhiam aos touca-dores silentes para apascentar o espirito nos episodios torpes do *Satyricon*. O virginal Racine mesmo não se forrou ao contagio da depravação geral. Depois de lagrimejar commovido, ouvindo as educandas de São Cyro declamar a *Esther*, elle, o mystico, quasi celicola, tambem immergia no *Satyricon* e assistia em espirito ás ceias bulhentas de Trimalcião, emborcando taças de falerio em honra do prazer e da carne, como um poeta do paganism.

Egualmente ahi, a Egreja não emmudeceu em face da podridão social. A oratoria augusta de Bossuet flagellou quanto pôde as consciencias engafecidas; e lá, no isolamento de sua thebaida, teve algumas vezes o consolo de certificar-se que seus protestos vehementes não eram de todo inuteis.

Em nossos dias, um grave escriptor italiano, Scipio Sighele, estudando as causas da dissolução moral, que, parece, devasta os continentes, neste seculo dos maximos arrosos scientificos, assignala a violenta exaltação dos sentidos como caracteristica de certos povos modernos, onde o progresso da cultura se revela com mais vigor, e comprova o asserto com a obsessão da carnalidade, que os allucina e os leva até ao crime, consciente ou inconsciente, de perverter as novas gerações.

São de Sighele estas palavras:

“Noi siamo colpiti da una specie di ossessione del problema sessuale e lo discutiamo sotto tutte le forme e ad ogni momento. Vogliamo insegnare ai ragazzi nelle scuole i fenomeni della riproduzione, vogliamo che siano edotte con esaurienti spiegazioni anche le fanciulle, quasi che l'amante non sia preferibile a un professore de fisiologia per svelare dei segreti così belli. Vogliamo, infine, che anche la donna pregusti con libere e varie avventure ciò che una volta le era negato dalla morale fino al giorno del matrimonio”.

E fechando suas considerações, accrescenta:

“Sembra que la nostra società attraversi un periodo de senilità impotente, e come i vecchi, goda nella descrizione di azioni che non le è più dato di compieri”.

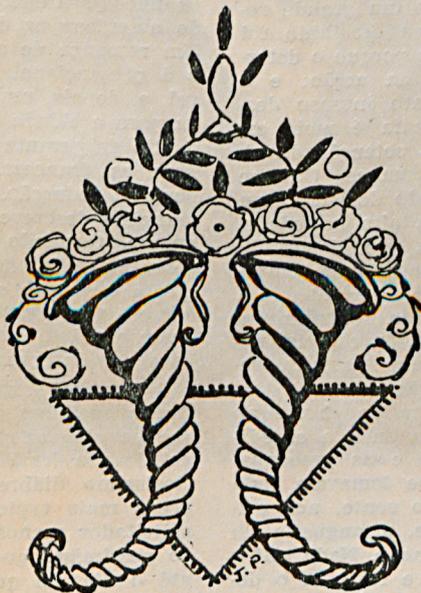
A parte que nos toca na corrupção geral, não é infelizmente



exigua. O que sabemos de nós outros a respeito de moral e bons costumes, não se faz mister o repitamos nesta prosa engoiada. Ahi estão o romance, a caricatura, a chronica mundana, a chança e o remoque das revistas theatraes, depoimentos todos valedios. Que se levante a voz da Egreja por impedir que a onda do immoralismo se avolume, é louvavel o gesto, é nobilissimo. Entraremos com ella no combate, participando contentes da victoria ou da derrota. A moda, essa, deve estar fóra da inspecção religiosa. Nunca tiveram alçada em figurinos os doutores da Egreja.

Comtudo, se nos provarem que o eclipse de moral, que nos alarma, é consequencia só do vestido curto e do decote até aos rins, suffragaremos sem vacillar a decorosa sáia balão e o pudico véo turco...

Junho, 1921.





O HOSPEDE — Aristides Rabello — L. R. & Maurilio — Rio — 1921.

Nada ao critico dá maior prazer do que louvar com desassombro e sinceridade a obra de um novo que surge. E' o caso de Aristides Rabello.

Entra vencedor, com um alentado romance, *O Hospede*, onde, alem da construcção notavel que o livro é, dá ainda a medida de um verdadeiro, de um grande romancista. O thema escolhido foi dos mais ingratos porque o determina a escassez da acção; e a acção, o movimento intenso desfechado em tragedia é meio caminho andado na obtenção da victoria de um romance. Cifra-se nisto todo o enredo do livro: um rapaz do Rio, da alta sociedade, rico e perdulario, vae, deportado pelo progenitor, passa uma temporada de cura de estroinice em Diamantina, pacata cidadezinha mineira, de vida toda especial determinada por um passado remoto de mineração.

Arrancado assim de chofre ao torvelinho carioca onde a enrediga das francezas e as preocupações elegantes lhe tomavam todo o tempo, Arnaldo sente, nos primeiros momentos, a angustia do exilio naquelle vacuo. Nada allí o podia interessar e foi com o desespero nalma que elle se preparou para deixar correr o tempo longo e enfastiante.

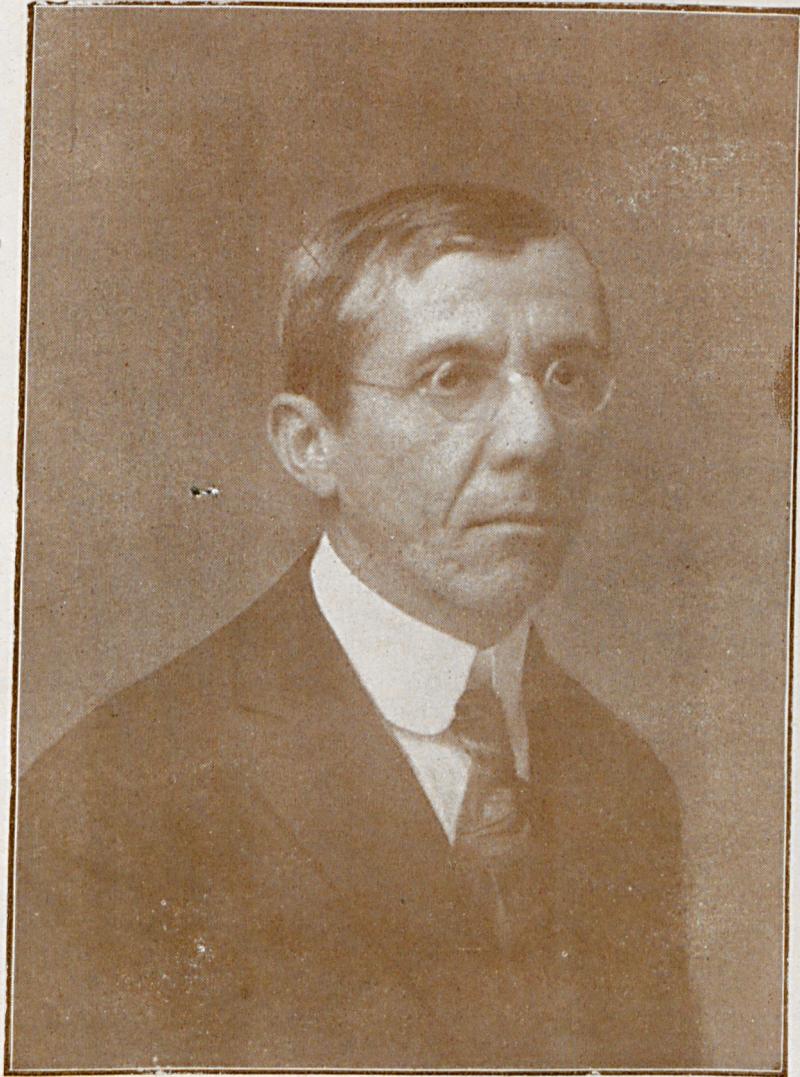
Na familia que o hospeda, po-

rem, ha uma jovem de 18 annos, cheia de frescura, que resume o typo medio da brasileirinha bonita em ponto de casar. Amalia cursara um collegio de freiras e sahira de lá impregnada do mysticismo que aquella educação anti-natural embebe nas almas. Mas, já ao influxo da vida como a a vida é, perdera muito da abriedade mystica e estava a ponto de reconciliar-se com o mundo por intermedio do amor. Arnaldo lança os olhos para ella. Vê nella o meio de amenisar os dias de degredo. Um romance de amor, um namoro á provinciana, beijos, se possível, e, depois, um bello dia, a fuga para a cidade dos seus sonhos, o Rio fulgurante onde o esperavam as francezas. E começa a obra da seducção. Tudo isto o romancista descreve de maneira flagrante, tornando vividos os personagens e integrando-os no ambiente com uma arte rara. Fica o leitor a ver, como se com elle houvesse convivido, cada um dos personagens da scena.

O pae de Amalia, velho negociante que desabafava nos caixeiros os aborrecimentos de ordem politica; a irmã de Amalia, graciosissimo diabrete familiar; os typos mais typicos da cidade, o solicitador pernóstico, o engenheiro pessimista que vê tudo negro até o dia em que lhe entra em casa uma bolada, etc. Diamantina inteira — e já não é Diamantina, senão o Brasil, no aspecto generalizado do seu urbanismo provin-



O BRASIL NA ARGENTINA



Lucilio Albuquerque

O BRASIL NA ARGENTINA

Exposição Georgina-Lucilio



Retrato, quadro de Lucílio Albuquerque

ciano — gyra em torno do namorado de Amalia e Arnaldo, fiscalizando-o, influenciando nelle e conduzindo-o, afinal, ao desfecho inevitavel: pedido de casamento. Começa, então, o noivado — o classico noivado brasileiro, com visitas longas do noivo e palestras cochichadas, na sala de espera, sob a fiscalização ora do mano Paulo, que é um seminarista, amargo e azedo, ora do pequeno diabrete da Zulmira. E vem o beijo longamente esperado pelo moço da cidade. Esse beijo para elle nada significava alem de um delicioso contacto de epidermes, sem nenhuma consequencia futura. Para Amalia, entretanto, operou como cataclisma. Resumindo: o moço parte para o Rio, a falar com o paé e preparar-se para o casamento. Escreve uma, duas, tres cartas, qual mais espaçada e fria. Por fim rompe.

Já estava nos braços da franceza e Amalia em sua memoria era a imagem apagada de uma matutinha lá dos fundões. Amalia soffre caladamente, e, hystérica, chega a crises que fizeram perigar a sua vida. Mas sára, afinal.

Eis a acção, o enredo. Bem pouco, como se vê. Entretanto, em redor d'elle, que maravilhosa cadeia de pequeninos factos, observações, pinturas não compoz o autor! Com que profunda minuciosidade não desceu elle ao intimo dos personagens pondo-os, transparentes como o crystal, aos olhos do leitor! Estudo exhaustivo, completo e complexo, que apanha a cidade no seu presente dorido determinado pelo passado de grandezas, que apanha todos os seus typos representativos, que aquarella a primor a sua paizagem urbana, que lhe desvenda a vida inteira do lar, nos pequenos tíques e nas peculiaridades todas, que lhe põe a nú a mentalidade dormente de cidade morta á espera de que inglezes ou allmões venham restaurar o fastigio anti-

go. E isso tudo numa linguagem fluente, sem arrebiques, sem vícios, sem empolas, sem outra preocupação além de exprimir a idéa do romancista. Que admiravel livro! Só mesmo num paiz como o nosso, morto, incapaz de sensações, incapaz de curiosidade, é que um livro destes fica a margem, ignorado do publico e tocado de leve pela critica apressada...

LIVRO DE FIGURAS — Alberto Rangel — Arrault & C. — Tours — 1921.

Manda-nos de Paris o seu ultimo livro Alberto Rangel, uma figura a parte nas nossas letras. Senhor de erudição invulgar, mestre das sciencias naturaes, operoso como poucos e servido por perfeito conhecimento da lingua esse exilado faz em Paris livros mais brasileiros, mais ricos de côres vivas do regionalismo que a maioria dos feitos cá. O anno passado brindou-nos elle com o "*Quando o Brasil amanhecer*". interessantissima collecção de aspectos e typos d'antanho que a sua imaginação reconstituiu com severas côres veristas.

O livro de agora pertence á mesma familia. A. R. toma tres figuras, affins sob certos aspectos e as "ensaia", como partes de um capitulo geral. Exemplo:

Tyrannos: Diniz de Syracusa, Vitelio, Floriano Peixoto. Amoras: Cleopatra, Heloisa, Marília de Dirceu. Politicos: Pericles, Machiavel, Diogo Feijó.

Nesta primeira parte, desenhada com vivacidade extrema, os tripticos se succedem, partindo de uma pagina classica, saltando por uma mediavel e terminando com uma moderna, colhida na historia brasileira. Esse methodo de composição dá um relevo fóra do comum aos themes erigindo os tripticos em pequenas obras primas de synthese. Passa depois



aos tripticos das coisas. Vegetaes: Cicutá, Edelweiss., Victoria Regia. Aldeias: Plessis-le-Chateau, Chou-riças d'Escorregadela, S. Caetano do Grugutuba. Ou das lendas: Perceval, Sacy, Yara. Ou das semi-deusas: Furias, Graças, Parcas.

Na ultima parte do livro vem o "Corrilhão de Symbolos", de que já se publicaram nesta revista as primicias, e—"Nos palpos de Paris", quatro artigos de impressões. Vê o leitor desta exposição a que intelligente plano obedece o livro. E como quem o desenvolve é o autor do "Inferno Verde", magico do estylo e mentalidade das mais pujantes que illuminam as nossas letras, facil é aquilatar o regio presente que nos manda o exilado. A carencia de espaço nos inhiibe de pôr aqui o muito que desejavamos dizer de tão excellente obra, mas fica um conselho ao leitor: se não a leres, leitor amigo, commeterás um duplo crime contra ti mesmo, porque é leitura rara e de funcção dupla, das que recreiam intensamente e illustram grandemente e tu não és nem tão rico de illustração nem vives tão recreadamente que dispenses estas raras occasiões de trocar tempo por coisas mais preciosas.

ARREBOES E CLARINS --
Mario Vilalva — Imprensa In-
gleza — Rio — 1921.

Mais um poeta. Prova-se inda uma vez que a poesia é o nosso instrumento normal de expressão e que sem as credenciaes de uma bagagem de versos brasileiro nenhum de talento se atreve a penetrar na vida. Mario Vilalva, neste livro, desdobra ante os olhos do leitor as suas idéas ultimas, a essencia suprema de sua sensibilidade e do seu pensamento.

A sua sensibilidade, quasi sempre voltada para a mulher, está toda comprehendida na serie de

sonetos da — *A vida dos sentidos: Ver, Ouvir, Cheirar, Gostar, Apalpar.* Em todos elles apparece a mulher como o objecto supremo, o encanto supremo de cada sentido.

Em Ver:

Volvendo, após, ao mundo o meu
[olhar,]
detenho-me ante um rosto feminino
que passa num alado saltitar.

Em Ouvir:

Ouvindo-a, tudo anima e se levanta,
num só anseio, como quem entende
um céu que fala, que illumina e
[encanta.]

Em Cheirar:

Ha, porém, uma essencia mais
[preciosa]
.....
é esse "odor di femina", subtil
e penetrante, — essencia embria-
[gadora]
a se evoliar de um corpo juvenil...

Em Gostar:

Mas a suprema sensação do gosto
.....
experimento-a ao vir desse desejo
incoercivel e devorador
que só se extingue na fruição de
[um beijo.]

Em Apalpar:

E evoco esse contacto perfumado
de mão aristocratica e franzina
que tem-me preso ao jugo delicado.

Como são felizes as mulheres do Brasil! Tudo para ellas. Os nossos poetas succedem-se, as escolas sobrepõem-se umas ás outras, entra o symbolismo, cae o parnasianismo, lança as manguitas de fóra o futurismo: mas o thema dilecto sempre firme em seu pedestal — a Mulher. Mario Vilalva é mais um excellente poeta que depõe a lyra aos pés da crea-

tura que, no dizer do allemão, tem cabellos cumpridos e idéas curtas — mas que tem licença para isso, si é bonita.

STUDIES IN SPANISH - AMERICAN LITERATURE — Isaac Goldberg — Brentanos — New York — 1921.

Um livro deveras notavel, onde Isaac Goldberg, escriptor americano especializado em estudos da literatura da Sul America, presta um grande serviço ao nosso continente divulgando entre os povos de lingua ingleza a obra dos sulinos. Estuda no cap. primeiro a Renovação Modernista, movimento mental operado na arte dos sul-americanos espanhoes por influencia das modernas corentes oriundas de Whitman, Rossetti, Swinburne, Wilde, Kipling, Nietzsche, Gorki, Ibsen, d'Annunzio, etc. Esse capitulo é um apanhado de idéas geraes, vista panoramica do assumpto. Nos subsequentes os estudos se individualizam, e vem o exame das personalidades mais marcadas do movimento belletrista. Ruben Dario, Rodó, Chocano, Eguren, Blanco-Fombona são as figuras cuja obra o autor analysa com superior visão critica e notavel comprehensão do ambiente em que floresceram. O livro do Sr. Goldberg é de leitura extraordinariamente attractiva, e bem merecia ser divulgado, entre nós, para que o desconhecimento das letras das republicas vizinhas fosse menos vergonhoso do que é.

CARRILHÕES e A CIDADE DE OURO — Maurillo Araujo — E. Brasil Editora — Rio — 1921.

'Meus versos, diz o autor, formam simplesmente uma serie de impressões rythmadas e assim devem ter ao menos um interesse psychologico. Meus versos apre-

sentam-se em certas paginas com formas inda não usadas, formas intermedias entre as estrophes antigas e a metrica nova: livres as vezes *apparentemente* ou livres — complementares, ou formando series de decassylabos com as tonicas deslocadas symmetricamente linha a linha; são tentativas nascidas não da extravagancia mas da insatisfação que nos causam sempre as formas de exprimir." Como se vê, é um innovador e como todos os innovadores corre o risco de não ser comprehendido. Lemos com attenção uma boa parte desta copiosa collecção de versos e com pezar nada vimos de extraordinario. Nada nos impressionou nem á alma nem ao cerebro, mas como isso pôde ser defeito do critico e não do poeta, de medo de errar, calamo-nos.

REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO, HISTORICO e GEOGRAPHICO PER-NAMBUCANO — nos. 107 a 110, redigida por Pereira da Costa, Oliveira Lima e Mario Mello.

Traz este volume um interessantissimo summario: *Terremotos em Pernambuco, origens de algumas praças e ruas do Recife, Guerra dos Maribondos, Impressões de Pernambuco por Mansfield, o Mytho de Sume*, etc. Logo que haja espaço transcreveremos algumas das curiosas cartas de Mansfield, escriptas em 1852 e optimas para dar a sensação do nosso paiz naquella epoca.

AZAS NO AZUL — Mario José de Almeida — Rio — 1921.

Sob o titulo *Azas no azul* o sr. Mario José Almeida enfeixou em elegante folheto as suas composições poeticas, que revelam uma promessa das letras. Os seus ver-

sos, se não são perfeitos, são sentidos, como bem demonstram as opiniões críticas que acompanham o volume.

A PALAVRA PUBLICA —
José Eduardo da Fonseca —
Ed. Leite Ribeiro & Maurillo
Rio — 1921.

Em segunda edição apparecem as conferencias do sr. José Eduardo da Fonseca, sobre "Machado de Assis", "Do regionalismo ao nacionalismo". "Na Academia Mineira", "O ensino publico", "Rio Branco", "Quo Vadis", "No Congresso catholico" e outras.

ESBOÇO DA HISTORIA LITERARIA DE MINAS —
Mario de Lima — *Imprensa Official* — *Bello Horizonte* —
1921.

Em um folheto de sessenta e poucas paginas o sr. Mario de Lima, da Academia Mineira, esboça o quadro Historico da literatura em Minas Geraes, desde os poetas da Inconfidencia até nossos dias. As notas bibliographicas que apresenta são um valioso repositório de informações.

REMEMBRANÇAS — *Alfredo Varella* — Ed. "*Anuario do Brasil*" — Rio — 1921.

Em mais de trezentas paginas se reuñem neste volume escriptos varios do sr. Alfredo Varella. O estylo é algumas vezes arrevezado, mas a materia é sempre interessante.

ANTHOLOGIA UNIVERSAL
— Ed. "*Anuario do Brasil*"
— Rio — Porto.

A empresa "*Anuario do Brasil*", do Rio, em correspondencia com a "*Renascença Portugueza*",

do Porto, vem prestando reaes serviços á divulgação da cultura em lingua portugueza. Ao par de innumeradas edições de autores brasileiros e portuguezes, iniciou ella a publicação de varias series de livros, entre os quaes a *Anthologia Universal*. Edições populares, a preços modicos, porém, bem acabadas e confeccionadas com certo gosto, representam um trabalho digno de encomios.

A *Anthologia Universal*, iniciada com "*Historias Varias*", do padre Manuel Bernardes, conta já, entre outros, os seguintes volumes: "*Cartas de Amor*", por Soror Marianna, com estudo de Jayme Cortezão; "*Tracema*", por J. de Alencar; "*Frei Luiz de Souza*", por Almeida Garret; "*Lyricas*", de Gonzaga, com prefacio de Alberto Faria; "*Em busca do Corsario*", por Fernão Mendes Pinto; e "*Conto do Natal*", por C. Dickens.

50 *CONTOS POR* 3\$000 — *Alves Barbosa & Maciel do Prado* — *Casa America* — *Recife* — 1921.

Curioso volume de poesias populares e humoristicas, feito de collaboração por dois poetas alegres do Recife. E' raro isto, porque os nossos poetas são em geral uns chafarizes de lagrimas e não sabem rir em verso. Damos aqui uma amostra do genero.

QUESTÕES DE SEXO...

(M do P.)

Um casal venturoso,
Cheio de protecções e de alegrias,
Illustre, poderoso,
Era o casal velhote do Mathias,
Vulgarmente chamado "Fedegoso".

D. Clara, a patrão,
Filha de um fazendeiro,
Era pacata e bóa,
Além de ter dinheiro...



Por sua vez o esposo
Tinha um vasto talento,
De sorte que o casal viu, venturoso,
Possuir um cabedal bem suc-
[culento...]

Dest'arte, alegremente,
A gosar as delicias mais profundas,
Vivia aquella gente,
Sem discussões nem tundas.

E como apenas de ovos se nutria
O marido exemplar,
Nos ovos d. Clara se mettia
Por solidariedade,
Dando provas de affecto e de
[bondade,]
Sempre, sempre a engordar...

Viviam num sorriso,
Num sereno e risonho paraizo...

E por ahí além. O objectivo desta firma social de poetas não é evidentemente immortalizarem-se como sacerdotes incorruptíveis de Apollo na terra. Pretendem pura e simplesmente divertir a media dos leitores, evitando requintes de forma e fundo que os enfadem. E não ha duvida que o conseguem.

Claudio de Souza — AS MULHERES BIBLICAS — Off. "O Estado" — S. Paulo — 1921.

A Revista Feminina representa no Brasil a primeira victoria real de uma publicação dedicada a mulher; magnificamente feita, tanto na parte material como na moral, corresponde ao excellent magazine da casa Laffite, *La Femina*. E não contente de mantel-a garrida, viçosa e sempre em progresso, o seu operoso editor não se cansa de lançar obras que lhe toam com o caracter.

Assim é que publicou este anno, em formosa edição, illustrada de finas gravuras, o trabalho de Claudio de Souza sobre as mulheres biblicas. As mulheres biblicas sempre seduziram aos artistas, quer do pincel quer da penna. Ruth, Su-

zana, Maria, Abisag, Magdalena e tantas mais constituem um eterno thema de arte. Claudio de Souza inda uma vez recorre a elles para um quadro panoramico, extremamente interessante, da feminilidade hebraica, heroica ás vezes, poetica sempre.

E consegue dar-nos uma obra apreciavel, digna em tudo do justo renome conquistado em nossas letras pelo auctor das *Flores de Sombra*.

OBRAS COMPLETAS DE CASTRO ALVES — Liv. Francisco Alves — Rio — 1921.

Comemorando o cincoentenario de Castro Alves acaba de sair a monumental edição das suas obras completas "na forma definitiva e restituída á versão authentica" por Afranio Peixoto.

Consta de dois volumes, formato grande, com 970 paginas. Traz o retrato do poeta no frontespicio e uma excelente introduccão sob o titulo de — *o maior poeta brasileiro*, devida a penna do illustre academico e uma bibliographia completa que só ella occupa 23 paginas. Esta primorosa edição, esplendido *tour de force* que muito recommenda o casa Alves, traz não só toda a produccão do poeta bahiano já publicada como tambem todas os seus trabalhos ineditos. Representa uma nova victoria de Afranio Peixoto e mais um titulo de benemerencia para os editores.

ENSAIOS — Antonio Sergio — Ed. Annuario do Brasil — Rio — 1921.

Uma geração é sempre o desmentido da geração anterior. E, si não é, parece. Podia-se provar isso com a historia da casa: no Brasil, pelo menos recentemente, as gerações se succedem desmentindo-se umas ás outras... A' da Propaganda, a da



Republica, a esta a nossa — que bella seriação não se faria ahí! Ao entusiasmo a materialidade, a esta a consciencia da sua pequenez e o aneio falho da reacção... Isso em politica. No terreno das ideias não são tão nitidas as coisas entre nós. Mas, temos perto um exemplo: — Portugal. O paiz irmão, pelos seus mais novos representantes, procura reagir heroicamente contra as ideias de uma geração atraz, que se fizeram hoje abusões. Ha nelles um empenho salutar de reacção. E a sua política bem corresponde no tumultuario do aspecto, á revolução dos espiritos.

O sr. Antonio Sergio exemplifica. Os seus "Ensaio" são o vigoroso esforço de um resturador. Não ha ideia, não ha piada, "boutade" ou coisa seme'hante que o Eça e os seus tenham atirado aos ventos sobre coisas lusas, que não encontre alli rebate prompto, certo e dextro.

Ha, positivamente, no embate, uma grande desigualdade de armas. A ironia, ao espirito de negação e demolição, qualquer jogo de ideias, raciocinio, argumentação, estudo só se oppõe com visivel inferioridade de eficiencia. Entretanto, não ha duvida que os effeitos apparecem, tardos embora. Portugal renovado, bem ou mal, é a prova.

E, lidos os "Ensaio" do sr. Sergio, fica-se a pensar... Quando, entre brasileiros, se dará o balanço ás ideias que nos trouxeram até cá? Ou aqui'lo tudo que em 70 nos ensinaram são dogmas intangiveis?

A verdade é que a geração actual nada tem daquellas...

A ARTE DE SER PORTUGUEZ—Teixeira de Paschoaes
— Ed. Renascença Portuguesa
— Porto — 1921.

Obedeceu á mesma inspiração o livro do sr. Teixeira de Paschoaes, com uma differença: enquanto o

sr. A. Sergio estuda, o sr. Paschoaes ensina. E' um mestre que fala, um evangelizador.

Portugal tem um destino — diz elle — e é preciso collocar-o diante desse destino. Dahi esse pequeno evangelho de civismo, rotulado com um titulo precioso — "A arte de ser portuguez" — em que se prega a necessidade do sacrificio individual ao bem collectivo. Todo o livrinho resumbra mysticismo: o sebastianismo, o saudosismo têm nelle a sua biblia.

Assim, é este o livro nacional dos portuguezes.

NOTICIAS EDITORIAES.

Os novos livros lançados pela casa Monteiro Lobato & Cia. continuam a obter o successo dos precedentes.

"A Lei do Sello", por J. do Amaral Gurgel, nome de um novo que inda ha de impôr-se ao mundo literario, por força da alta competencia de quem o traz, constitue um livro indispensavel a todas as pessoas que tenham negocios com o fisco — isto é, a todo o mundo. Quantos embarços, quantos difficuldades, quantos prejuizos serios a posse deste livro não evita! A terrivel lei do sello, obra prima de imbecilidade fiscal, aparelho monstruoso construido para travancar, embaraçar, emmaranhar, difficultar a vida dos pobres contribuintes, é um labyrintho que desespera. Sello em tudo, sello para tudo — e multas tremendas aos que se não submettem.

Ora, a "Lei do Sello" de Gurgel, sendo o commentario, a explicação, o esclarecimento do monstro, dá-nos o meio de lidar com elle sem perigo dos botes das penalidades. E' um livro de defesa social. Por meio delle aprendemos a lidar com a fera e a achar as saídas do labyrintho. Indispensavel, pois, a commerciantes, industrias, advogados e quantos mais incidem na cipoeira fiscal.

* * *

João Ribeiro é o autor do segundo livro lançado este mez: "A Língua Nacional". O nosso grande erudito, mestre dos mestres, reúne sob esse titulo uma collecção preciosa de estudos relativos á lingua portugueza na sua evolução entre nós. Caminhamos para ter a nossa lingua, a lingua nacional, como elle a denominou, e esse livro, com o Dialecto Caiçira, de Amadeu Amaral, correspondem ás primeiras pedras de alicerce no edificio em construcção. Mas... é inutil encomiar o livro. Basta dizer que é de João Ribeiro e está dito o maximo de bem que de um livro se possa dizer.

* * *

O DIAMANTE NEGRO—Aventuras maravilhosas de Sherlock Holmes, Nick Carter e Pearl White no Brasil é o primeiro fasciculo de um extraordinario romance cine-policiaal destinado a um grande successo entre nós. Pela primeira vez se faz no Brasil, com elementos nossos, em scenarios nossos, literatura popular, pitoresca e dramatica a um tempo, no genero Conan Doyle — genero que conquistou o mundo. A proposito destas aventuras disse "A Cigarra":

Os leitores d'"A Cigarra" vão ficar surprehendidos com uma extranha e sensacional novidade. Nick Carter, o prodigioso "detective" norte-americano, e Sherlock Holmes, o genial detective inglez, que, como nem todos sabem, não são duas figuras de ficção, mas dois homens em carne e osso, estiveram no Brasil no anno passado, tendo desembarcado no Rio de Janeiro a 12 de Julho. Veiu com elles a famosa e perturbadora actriz cinematographica Pearl White. Permaneceram os tres no Rio durante alguns dias apenas, o tempo necessario para visitarem a cidade e observarem o apparelhamento po-

licial carioca, e de lá partiram para o norte, internando-se no sertão. Visitaram todo o nordeste brasileiro, grande parte do norte e centro do paiz, e vieram até S. Paulo, onde se demoraram, parece, dois mezes ou mais.

Ninguém suspeitou da permanencia entre nós dos tres celebres forasteiros, o que não é para admirar porque elles se conservaram incognitos, e muitos dos nossos leitores, provavelmente, se encontraram com os dois detectives na cidade e admiravam, por certo, a belleza esplendorosa e a elegancia sem par de Pearl White.

Sherlock Holmes e Nick Carter não vivem apenas dentro das paginas das novelas policiaes, e Pearl White não vive sómente nas pelliculas da Paramount e Fox Film. São entidades reaes, que foram nossos hospedes, que observaram minuciosamente os nossos costumes, que nos estudaram profundamente, e que embarcaram ha dias para Nova York, levando do nosso paiz as mais gratas recordações.

Soubemos destas coisas por uma carta que nos enviou de bordo um dos nossos amigos, que foi companheiro de viagem dos tres celebres personagens. Conta-nos esse amigo que os dois detectives tomaram parte em numerosas aventuras durante a sua permanencia no Brasil, aventuras de todo o genero, interessantes e sensacionaes.

Adeanta mais o nosso missivista que essas aventuras vão ser postas em novellas, que serão publicadas brevemente em Nova York.

Essas novellas serão por certo traduzidas para o portuguez.

Preparemos, pois, os nossos nervos para essas futuras e grandes sensações".

Pois bem: estão ahi essas aventuras, ao alcance de qualquer bolsinho de collete. Quinzenalmente sahirá um novo fasciculo, estando annunciados já — "O Quilombo Misterioso", "O Estrangulador das



Moças Loiras, "*A Feiticeira da Casa Verde*, e outros.

* * *

Tambem sahii este mez a quarta edição do "*Prof. Jeremias*", victorioso romance de Léo Vaz, que alcança dess'arte, em anno e meio, a magnifica tiragem de 8.000 exemplares. Esse romance, já vertido para o espanhol por Benjamin Ge-ray, sahirá brevemente em Espanha ou na Argentina.

* * *

A nossa casa tem no prelo, para breve, a setima edição dos "*Urupês*", de M. Lobato, que attinge assim ao 25º milheiro, e tambem um livro de poesias de Ribeiro Couto — "*Jardim das Confidencias*", ao qual está destinado um fulgurante successo de livraria e de critica, pois que nessa obra, rica de verdadeira poesia, perpassa a aura de uma personalidade encantadora que empolga, seduz e arreasta.

* * *

Leoncio de Oliveira, o laureado autor da "*Vida Roceira*", um dos mais notaveis livros apparecidos em são Paulo nos ultimos tempos, enrrarregou a casa Monteiro Lobato & Cia. da distribuição e venda da terceira tiragem do seu livro. A proposito dessa obra transcreve aqui a carta que ao autor remetteu o scudoso príncipe D. Luiz de Bragança:

"Eu, 15 de Setembro 1919

Prezado sr. Leoncio de Oliveira Seus "*contos regionaes*" trouxeram-me como uma golfada de ar do torrão natal e durante algumas horas senti-me transportado dos verdes prados da Normandia para as selvas exuberantes e as roças enfumaradas dos nossos sertões.

Na primeira parte do livro admirei o seu profundo conhecimento dos usos, costumes e linguagem dos nossos patricios do interior; na segunda, a imaginação do romancista, sua sinceridade e seu fino espirito de observação. Estas paginas d'"*A Queimada*", do "*Insulto heroico*" e outras novellas salientam-se por um raro vigor descriptivo.

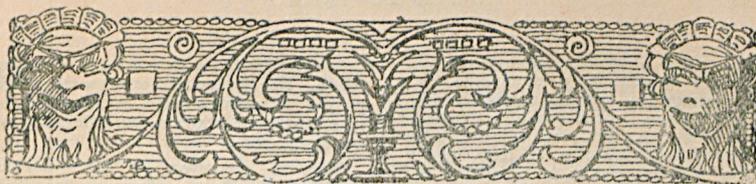
Lendo-o sinto que o sr. era dos nossos e sobretudo um bom brasileiro — amante da gente e das cousas da nossa terra — qualidades que colloco acima de todas as outras.

Acceite pois, etc.
(Ass.) Luiz de Orleans Bragança"

* * *

Para finalizar antecipamos a noticia de uma grata novidade de um grande livro novo a sahir este mez: o "*Contribuindo*", de Martim Francisco, segundo da serie de participios que vae publicar o eminente representante dos Andradas e actual detentor do sceptro da intelligencia que caracteriza a estirpe nobilissima.

Já está publicado (e exgotado) o "*Rindo*", Teremos depois o "*Advogando*", o "*Falando*", o "*Escavando*" e a "*Viagem em Redor de Mim Mesmo*".



DEBATES E PESQUIZAS

MUSICA

O sr. JOSE' EUTROPIO, eminente critico musical de Minas, mostra pelas columnas do "Correio de Minas", os entraves que ao desenvolvimento da nossa musica, oppõe charlatanismo dos nossos professores.

CHARLATANISMO DO ENSINO MUSICAL

Parece que na imprensa mineira é o *Correio de Minas* o unico jornal que mantém, bem ou mal, uma secção exclusivamente destinada a tratar de assumptos musicaes. Quem a redige vem, ha mais de dez annos, ora num ora noutro jornal, escrevendo, como pode e como sabe, sobre materia tão importante como é a questão do ensino musical. E quanto mais escreve, mais se convence que é necessario insistir, teimar, repetir, repisar no que já foi dito, tal é a desmoralizada situação a que se acha reduzido este ramo da educação popular.

De facto, as condições do ensino musical, em Minas, são as mais deploraveis possiveis. Quasi por toda a parte, com muitissimo poucas excepções, o que ha neste particular é *mercantilismo, ignorancia e pedantismo*.

Entremos de prompto na materia.

Em condições está o ensino, hoje, nas mãos de grande numero de professores, que só pensam em ganhar dinheiro com o que pretendem saber ensinar?

A um commercio illicito, que explora a ignorancia dos paes e boa fé dos alumnos, entrando-lhes mais ou menos fundo na bolsa.

Individuos que mal conhecem os rudimentos de solfa e executam mal um instrumento, arvoram-se em professores e logo entram a arranjar alumnos, nos quaes impingem lições insóssas, sem methodo, sem encanto, sem nada que as

torne um prazer, e, ao cabo de certo tempo, julgam honestamente finda sua tarefa de ensinar, que, afinal, redandou em encher o intellecto do alumno de teias de aranha e mil incongruências, sem nexo, sem ordcm, sem base.

A taes professores parece que basta dar a decorar ao alumno uma "artinha" antediluviana, mal escripta, mal systematizada; faz-o aprender o nome das notas, dar-lhe uma noção, sempre confusa, vaga e incompleta de compassos e está tudo feito.

E' tudo o que o professor pode ensinar e tudo que elle ensina.

O alumno está prompto.

Sabe musica...

Outra classe de "professores" ha que, numa desordem chaotica de termos, denominações, divisões, subdivisões e mil distincções inopportunas e confusas pretendem ensinar o alumno, na 1.^a ou na 2.^a lição, cousas que ainda demandam tempo para serem aprendidas. Si assim fazem é porque aprenderam mal e sem nenhum methodo o que confusamente querem ensinar.

Emquanto explicam formação de escalas — si é que sabem e podem explicar isso — falam em vibrações, em commas, em tritono, em theoria physica da musica, em harmonicos, o diabo a quatro, enfim, que deixam o alumno apatetado, como um afogado a debater-se nagua para salvar-se.

A falta de methodo e o vêzo pedantesco de exhibir um saber mal coordenado, engendram este typo de professor pedante o embrulhão, que é felizmente bastante raro entre nós, mas que facilmente se conhece pela encenação com que se apresenta e pela *pose* magestática pretenciosa que assume.

Si, porém, é assim variada a cohorte dos professores que em vez de ensinar seria e honestamente parecem ter por fim apenas estragar as boas vocações e os talentos promissores, não é menor o numero dos que, dedicando-se ao ensino de varios instrumentos commettem attentados tão deploraveis e indignos.

Entre estes o espírito de mercancia é ainda mais desabusado e accentuado.

A preocupação que os domina é illudir ao alumno, satisfazendo a vaidade natural dos pais, que, inclinados a achar nos filhos rutilações do mais vivo e genuino talento, sentem-se satisfeitos ouvindo-os "tocar alguma cousa". O unico meio de denotar progresso, a unica maneira do professor provar sua competencia didactica é esta; "que o alumno toque alguma cousa".

Para isso tudo se sacrifica. Pouco importa que tenha o alumno de sacrificar seus estudos theoreticos, si os está fazendo, ou de entrar a praticar o instrumento pelo methodo denominado "de ouvido".

Si ao cabo de pouco tempo apparece o alumno prodigio executando mal e inconscientemente alguma coisa, honra e gloria sejam ao mestre e ao pirralho; áquelle porque sabe ensinar e a este porque é um genio.

Triste connubio da ignorancia dos paes com a esperteza do mestraço arrojado!

Assim se fazem reputações de professores e se improvisam genios musicaes precoces!

Quando chegaremos á epoca em que, predominando o bom-senso, desapareça este mercantilismo que faz retrogradar a arte aos tempos primitivos em que o instincto guiava o homem nas suas aspirações e inspirações musicaes?

OS DESCOBRIDORES DE FOSSEIS

Esqueleto do tiramno-sauro, encontrado em escavações na Norte-America

O publico de Nova York admira, presentemente, uma das mais felizes descobertas do sr. Banum Broncon, exposta no Museu Americano de Historia Natural, onde é elle director do Departamento de Paleontologia.

Trata-se da reconstituição completa de esqueleto do "Tiramosaurus rex", o maior dos "dinosaurus" reconstituído até hoje.

Note-se que o esqueleto não foi encontrado tal como se encontra, despartando o assombro dos que o contemplam. Incrustados em enormes blocos de pedra, confundidos com grandes montes de terra, desarticulados e jacentes em extensos tractos de terreno é que são custosamente encontradas as diversas partes dos grandes corpos fossilizados. Mas não basta ser encontrado animal fossil para exhibil-o; é necessario fazer-lhe a "to'lette", antes da exhibição, isto, reconstituil-o.

Essa operação requer não só um trabalho pertinaz de verdadeiro sabio, como ainda a paciencia e a habilidade de perfeito artista.

O norte-americano, sr. Broncon chegou,

nesse particular, a extremo gráo de perfeição. No Museu Americano conseguiu montar admiraveis especimens e educou operadores que realizam verdadeiras obras de resurreição.

Broncon encontrou o "tiramosaurus rex" no Estado de Martana, em Hall-Creek; as vertebrae do animal surrijam encrustadas em uma superficie pedregosa, o que determinou um lento e prudentissimo trabalho de escavação. A' medida que a picareta punha a descoberto um membro do animal, ou uma parte qualquer do seu corpo, era a mesma tirada de sólo com o maior cuidado e, com o maior cuidado, acondicionada, juntamente com o bloco de pedra em que se encontrava encrustada, para ser conduzida a Nova York. Para a condução de alguns desses blocos houve que se construir "wagon" especial.

Nas officinas do Museu, peritos manejaadores do cinzel "esculpam" (não se póde empregar outro termo), quaes geniaes esculptores, os ossos do monstro até separar dos mesmos a pedra e a terra com que estavam cobertos.

Com uma absoluta fidelidade, os paleontólogos do Museu fizeram resurgir o espantoso monstro do somno do centenario de seculos que dormia.

Outro sab'o "yankee", Carlos Walcott, dedicou sua vida á procura e á reconstituição dos "tu'olitas" — crustaceos fossilizados, de que só se encontram exemplares em terrenos de formação primaria. Na Colombia Britannica, encontrou elle um local onde estão apparecendo especies inteiramente desconhecidas e que, se não têm o talhe majestoso dos "mamuths" e dos "dinosaurus", são muito mais interessantes, do ponto de vista paleontologico, por que põem a descoberto a biologia marinha das edades primévas.

Por ahi se vê omo é productiva a profissão de procurador de fosseis. Ha, nos Estados Unidos e no Canadá, verdadeiras jazidas em que elles abundam. E, como os "yankees" têm bastante dinheiro para gastar na procura respectiva...

Só o Museu Americano de Historia Natural, de Nova York, gasta, por anno, quasi tanto quanto outros paizes com todos os seus institutos, universidades, escolas especialistas, museus e bibliothecas. Desse modo, pódem-se encontrar fosseis e, mesmo, retroceder até a epoca diluviana, para os obter.

Muitas das descobertas de fosseis, entretanto, têm sido auxiliadas pelo acaso. Ha quinze annos, por exemplo, um explorador que atravessava o Wyomig — região eriçada dos altos platós que formam a parte do systema orographico das Montanhas Rochosas, chegou ao acam-

pamento de prescritadores de ouro. Ali abrigado, verificou que a cabana onde se encontrava era construída com enormes pedras de fôrma estranha. Examinando attentamente essas pedras, chegou á conclusão de que ellas não passavam de colossaes vertebrae de, soubesse Deus, que gigantesco animal!

Soube que a cabana fôra construída por um velho pastor dos arredores. Conguindo encontra-lo, fez-se conduzir ao lugar onde havia tirado as "pedras".

E ali ficavam localisadas as famosas jazidas do Wyomnig, que forneceram aos paleontologos norte-americanos innumeros fosseis de animaes pertencentes a especies de todo desaparecidas. Foi na mesma região que se descobriu o antepassado do cavallo, um mamifero pouco maior que um cachorro e cujas patas, em vez de cinco, tinham quatro dedos.

Ha, hoje, uma legião de procuradores de fosseis nos Estados Unidos, todos, porém, dirigidos e aconselhados pelo sabio paleontologo, o sr. Banum Brocon.

A METROPOLE PAULISTA

População, Demographia e Edificação

Ao completar seu 367º anniversario o afortunado burgo de Anchieta, haveria interesse em saber-se qual a população que reúne em seus limites. Ainda não se conhece, porém, a apuração do ultimo recenseamento federal, effectivado em setembro do anno findo. Avalia-se, no entanto, que o resultado será de cerca de 530.000 habitantes, segundo informações fornecidas á imprensa pelo Dr. Sampaio Vianna, digno director da operação censitaria em nosso Estado. O que vem confirmar lisongeiamente os calculos que annualmente fazemos neste dia glorioso dos annaes da cidade.

Desde 1915 até 1920, a população do municipio da capital tem seguido esta marcha ascendente, de accordo com o nosso calculo demographico:

<i>Annos</i>	<i>Habitantes</i>
1915	472.723
1916	487.223
1917	501.237
1918	509.820
1919	526.437
1920	510.840

Esperamos que o resultado final do recenseamento muito se approxime dos ultimos algarismos. Se houver differença, será de 5 ou 6 mil habitantes. Porque, referindo-se a 31 de dezembro de cada anno, o nosso calculo comprehende mais tres mezes durante os quaes o crescimento vegetativo não cessou. E, sendo

assim, ficará demonstrada, mais uma vez, a excellencia do methodo que empregamos e já proclamado o mais efficaz em todo o mundo.

Poderoso factor do augmento da população paulista, os nascimentos registrados no municipio da capital. attingiram aos numeros abaixo durante os seis annos mais recentes:

<i>Annos</i>	<i>Nascimentos</i>	<i>Nati-mortos</i>
1915	16.696	921
1916	17.944	958
1917	17.698	1.028
1918	17.852	1.034
1919	16.916	1.030
1920	19.704	1.116

Em virtude da lei do parallelismo demographico, é natural que os casamentos tambem estejam augmentados. Mas o mesmo não devia succeder com os obitos cuja quantidade pôde ser diminuida pela boa hygiene. Sem embargo, estes estão ganhando vulto em a nossa demographia de par com aquelles, como consta dos dados a seguir:

<i>Annos</i>	<i>Obitos</i>	<i>Casamentos</i>
1915	7.621	3.089
1916	8.176	3.158
1917	7.908	3.564
1918	14.811	3.173
1919	9.985	3.877
1920	10.565	4.585

Com excepção de 1918, quando a gripe realizou sua funesta devastação, não se justifica o progresso do obituário. Molestias infecto-contagiosas, perfeitamente evitaveis com o trabalho das autoridades sanitarias, taes como febre typhoide, variola, peste, sarampo, escarlatina, etc., fizeram victimas em excesso nos dois annos mais recentes. Parece que voltamos aos tempos anteriores a 1900, nos quaes a famigerada "febre paulista", de parceria com a variola, dizimava os paulistanos, reprimindo os bellos saldos vites que depois appareceram.

Proporcionalmente á população, a natalidade em 1920 subiu a 36,43 por mil habitantes, contra 32,13 por mil em 1919. A mortalidade, por sua vez, elevou-se a 19,53 por mil habitantes em 1920, contra 18,96 por mil em 1919; conseguiu nivelar-nos com o pestifero Rio de Janeiro. A municipalidade, melhorando, passou de 7,36 por mil em 1919 e a 8,47 por mil em 1920.

* * *

Se a população da capital paulista cresceu pelo modo acima indicado, a edificação da cidade deve revelar augmento.



correspondente. Com efeito, o numero de predios incluídos na estatística para a arrecadação do imposto predial, soffreu as alterações seguintes:

<i>Annos</i>	<i>Predios</i>	<i>Valor locativo</i>
1915 . . .	53.132	90.943:530\$
1916 . . .	54.818	93.195:018\$
1917 . . .	55.356	89.456:820\$
1918 . . .	56.208	91.589:720\$
1919 . . .	58.698	99.801:376\$
1920 . . .	59.784	101.474:646\$

Talvez por descuido dos lançadores, o valor locativo dos predios collectados para 1920 não denuncia o enorme accrescimento que tiveram os alugueis, a datar de 1919. A alta do café, coincidindo com a repentina elevação da taxa cambial trouxe uma excessiva valorisação da propriedade urbana. Mas a inevitável reacção já começou: a crise economico-financeira, com que agira lutamos, vai exercer uma violenta acção depressiva. Já se notam indícios positivos de que este phenomeno começou com a época das "vaccas magras".

De 1915 a 1920 houve o augmento de 6.652 predios na edificação da cidade, enquanto que no quinquennio anterior se construíram 16.698. Ora, naquelle periodo a população cresceu de 68.112 individuos. Donde a falta de casas para abrigar commodamente quantos vivem na "urbs" paulistana.

As construcções, porém, receberam grande impulso no anno passado e o equilibrio está se restabelecendo, com perigo para os que confiam em demasia na especulação predial.

Relativamente á especie de predios, torna-se instructivo este confronto:

	<i>Em 1915</i>	<i>Em 1920</i>
Terrenos	38.591	41.001
Assobradados	10.534	13.735
De um andar	3.765	4.705
De mais de um andar	242	342
Total	53.132	59.784

O crescimento da edificação realiza-se especialmente com predios assobradados, que com os terrenos formam a maior porção da capital paulista. Mas os sobrados de mais de um andar obtiveram uma centena mais durante os seis annos.

Dentre os predios collectados para 1920, são de aluguel 46.976. Apenas 11.404 são habitados por seus proprietarios. Os templos e capellas não passam de 80.

Continuará nos proximos annos a maravilhosa expansão da antiga capital dos bandeirantes?

A guerra europeia prejudicou bastante os progressos urbanos, causando a carestia da mão de obra e do material. A paz devia permittir que elles prosseguissem com redobrado vigor. Mas, infelizmente, a inepcia dos nossos governantes preparou outras calamidades que já estão surgindo. A crise actual prevista e annunciada ha dois annos atraz, vae paralyzar os nossos elementos de riqueza — a lavoura, a industria e o commercio. E, assim, a metropole paulista, em vespas de commemorar o primeiro centenario nacional, mergulhará nas trevas de um dos maiores desastres da nossa historia financeira. — P. P. — *D'O Estado* — S. Paulo.



QUAL A MULHER QUE SABE AMAR MAIS O HOMEM?

A constancia das mulheres será um sentimento? Póde a sciencia conhecer as alternativas desse sentimento, pelo estudo physionómico da mulher? Estas duas interrogativas, para o espirito complexo ou synthetico do pensador, constituiria uma these de não facil defesa, porque os sentimentos na mulher são uma decorrença de seus caracteristicos exteriores. Os estados de alma, a hora sympathica da mulher, com as suas alternativas violentas ou brandas, estão na razão directa da côr de sua tez, de seus cabellos, de seus olhos, na correção de suas linhas e contornos, na harmonia de seus gestos. A sentimentalidade feminina tem tanta diversidade na apparencia como nos temperamentos, como têm demonstrado os estudos mais profundos das mulheres loiras e morenas, para saber qual dellas sabe melhor amar e ser constante. A maioria dos observadores acham que a morena ama com mais sentimento do que a loira, é ainda muito mais fiel no amor. Ficou tambem provado, que a loira é mais pratica, sabe ajudar melhor o marido, na luta pela vida em que ha completa ausencia de sentimentalismo.

A differença sentimental entre a mulher loira e morena, deu margem a estudos transcendentaes de chimica sobre ellas, cujos resultados estão agora esclarcentes os psychologos. Ha grande differença na composição chimica dos typos, que se reflectem nos temperamentos.

Os medicos francezes, drs. Lassgue e Henri, depois de successivas experiencias e exames "post-mortem", encontraram a differença assignalada nas glandulas pineaes das loiras e das morenas. Estas glandulas vêm preocupando ha muito tempo os homens de sciencia. A glandula pineal é analoga á tyroide na garganta, á renal nos rins e a varias outras. A sua secreção por mais pobre

que seja, influe poderosamente nos sistemas sanguineo e nervoso. As emoções, scientificamente, são o producto das reações nervosas, é indubitavel que a differença no tamanho e nas secreções produzidas por essa glandula, manifestam a diversidade dos caracteres dos que as possuem.

Nas mulheres loiras, a glandula pineal é menor, a sua secreção pauperrima e a sua estrutura mais compacta, conforme ficou provado nos estudos, observações e exames feitos por esses dois medicos francezes.

Ao mesmo resultado chegou o dr. W B. Mooney, chefe do Departamento de Extensão da Universidade de Colorado, U. S. A., ainda que partindo de outros principios.

O rosto da mulher loira, segundo esse cientista, é perpendicular; uma linha traçada sobre o perfil tange o olho e os labios. O rosto da mulher morena é connexo ou geralmente concavo. A loira, segundo o sabio Mooney, descende de antepassados que lutaram muito pela existencia, viveram em climas frigidíssimos nos quaes a alimentação era escassa. Essa circumstancia os obrigava a ser aggressivos e lutadores, pois physicamente se deviam adaptar ao frio e ao calor intenso. A caça do recurso de alimento os obrigava a ser mais diligentes e astutos do que a presa que buscavam, e ainda mais, entre os da mesma grey, olharem-se com receio, embora todos lutassem pela comida. Formavam, deste modo, espirito pratico, através do aperfeiçoamento natural.

As morenas procedem de raça dos que viveram em climas temperados, em que a vida era facil. Acercadas de abundancia, não precisando lutar com denodo para viver, o temperamento da mulher morena, que hoje encarna aquelle typo originario, se desenvolveu em consecutivas indolencias, permanecendo o estado languido, quer no physico, quer mentalmente. A morena a coberto da preocupa-

ção do alimento e do abrigo, decerto teve longas contemplanções da natureza rude e selvagem, durante as quaes brotaram as suas emoções e emotividades. As primeiras volições entre os dois typos : relação á attracção dos sexos. outr'óra anmalizados e que hoje symbolizam a grande significação do amor, pôde também ser explicada por esses mesmos estudos

A mulher loira procura dominar o coração e a vontade do homem que ama, com a mesma astucia e diligencia e espirito aggressivo, do caçador que persegue a caça, até abatel-a.

A mulher morena só tem um desejo, como reminiscencia do typo anterior de que deriva, amar o homem que a escolheu entre outros homens.

Os temperamentos ficam assim bem definidos: a loira só sabe amar mandando, impondo, dominando; a morena só sabe amar amando, querendo, estimulando. Em compensação, a loira procura esporear, estimular o homem que ama; a morena espera sómente a dedicação do amor do homem amado. A loira é a mulher-sensação, a morena é a mulher-sentimento. E no entanto os poetas, que não são psychólogos, acham que a loira é o typo divino e a morena o typo humano; tão differentes, scientificamente são as almas; na verdade.

A proposito das diversidades de temperamento feminino, é interessante dar a palavra a duas mulheres, altamente representativas de seus typos. Mademoiselle Mayan, uma das morenas mais amadas do publico francez, e considerada como um typo de belleza, assim se manifesta:

"A mulher morena offerece a alma ao homem que ama; a mulher loira apresenta-lhe a sua modista. O homem que tiver conhecido o abnegado e profundo carinho de uma morena, não se sentirá satisfeito com a indifferente complacencia com que lhe brinda a mulher loira. A morena ama sempre no intimo, e ao descobrir a infidelidade do objecto amado, soffrerá o mais indizível tormento, será sempre fiel ao seu amor. A loira, que jámais conheceu o sacrificio e reconhece o engano, procurará no mesmo caso, outro heróe para a luta de seu temperamento. A mulher deve ser para o homem o consolo e a alegria. O homem luta pela vida fóra do lar; dentro do lar deve elle encontrar suavidade, o carinho, a dignificante obediencia da parte do ser que depende d'elle".

Outra opinião interessante é a da esposa do millionario Edwin Demarest Moers, considerada como a mais linda mulher loira dos Estados Unidos:

"Os homens de sciencia pretendem medir nossa intelligencia, estudar nossas physionomias, esquadrinhar nossa origem,

porém, nenhum poderá determinar com segurança qual o typo de mulher que ama mais profundamente, a não ser que ao mesmo tempo, uma loira e uma morena despertem o seu coração. Uma tal situação acabaria com a sciencia e com o scientifico. As loiras são mais prudentes; não amam enquanto não estiverem seguras de que o objecto amado vale o seu amor. A morena quer satisfazer o seu carinho, a loira quer satisfazer o seu orgulho.

As loiras sabem manter seu amor, as morenas são tão ternas que cançam. Muitos sultões têm trocado quatro esposas morenas por uma loira e não consta que houvessem se arrependido. A loira combate pelo homem que ama; a morena chora por elle".

Assim estudados os temperamentos, poder-se-á determinar qual a mulher que ama melhor?

D' "O Jornal".

UM CASO DE PHILANTROPIA ANTROPOPHA.

As obras de philantropia, tão grandiosas e extravagantemente desenvolvidas nos Estados Unidos e mais ou menos generalzadas pelo resto do universo, nem sempre constituem uma manciira efficaz de auxilio ou amparo, falhando, não poucas vezes, aos fins collimados pelos que as instituem.

A sciencia embora reconhecendo a necessidade de adaptação ás contingencias creadas pela propria acção de viver, levanta-se em principio contra a caridade. Representante por excellencia de um producto qualquer, feito num certo tempo por um determinado esforço, o dinheiro não pôde ser cedido sem que fuja por completo a sua propria razão de ser. Toda a vez que t'ramos do nosso bolso cem réis, por exemplo, e o collocamos em alheia mão sem que provenha de quem os recebe uma troca de utilidades, integralizada na moeda, os cem réis são calmamente desviados da sua função em prejuizo d'recto dos que produzem. O mendigo não contribue para a collectividade porque não trabalha mas vive della; logo, ha uma irregularidade. E essa irregularidade é a esmola.

Pondo á margem esse lado scientifico de philantropia, que pouco influe sobre a moral humana, neste ponto como em muitos outros, a questão de se saber se ella attinge realmente o fim para que é creada, não deixa de ser interessante.

Muitas obras de caridade tem o valor pratico comprovado, por assim dizer, "a priori". Sirva de exemplo um hospital, um albergue e todas as outras obras que, de algum modo não venham incrementar, peia excellencia da cura, a quantidade do mal.

Outras instituições entretanto não trazem vantagem, ou em virtude da sua

própria razão de ser, instigadora do mal que procura sanar, ou em razão da maneira pela qual a sua existência é conduzida.

Este último caso é o mais frequente. É o que se pôde chamar: o desvio da intenção pela idoneidade do meio.

Tratando destes assumptos "The Eastern Times" de Shanghai, China, mostrou, illustrando a perniciosidade de uma "casa de expostos" fundada por algum Morgan amarelo.

A tal "casa de expostos" fálhou em absoluto, não por que apparecesse uma copia interminavel de philosophos com grave risco da integridade domestica da familia shanghaiana, mas — ao contrario — porque os chinezinhos morriam todos. O descaço pela vida da novíssima geração da república imperial era como se podia espiar na gravura, total.

Resultado: ma's valera não existir semelhante instituição.

Foi essa a conclusão a que chegou o estimado diario do Oriente, no seu artigo intitulado: "Como, muitas vezes, a caridade pôde ser prejudicial".

D' "O Jornal".

ORAÇÃO DA FOME

— "Nós, acreanos párias dentro da Patria, somos hoje saltadores. Vós irmãos do sul, já sabeis, pelos telegrammas pressurosos, das nossas façanhas tragicas. Em magotes, simi-nús, macilentos, esfarrapados, assaltamos, depredamos, roubamos. Estamos fora da lei.

"Que é a lei? É' uma personagem agreste, severa, intratavel, que conhecemos sob o nome de Fisco e que annualmente, apoiada num exercito de exactadores, fiscaes, beleguins, se apodera de uma parte do nosso ganho, berrando: — Dinheiro para a Nação!

"Que é isso de Nação? Da sombra densa do nosso cerebro esponenta, num rudimento luctante, uma idéa vaga. É' idéa de Patria! É', então, a Patria que nos leva o nosso dinheiro? O nosso dinheiro é o nosso sangue, que a podridão do pantano envenena e o molambo vegetativo e amorpho, em que se converteu o nosso corpo. Mal chega o Fisco, exigindo em nome da Nação, esvaziamos nas suas mãos vorazes a miséria pecuniaria que nos deixa a nossa escravidão no seringal.

"É' para a Patria! Onde está ella, essa Patria bendita, que não se lembra de nós sinão uma vez por anno, para arrecadar o dizimo? Onde está ella, essa Patria-bem amada? Longe... Porque isto aqui, esta charneca verde, este matto hostil, esta barranca traiçoeira, este pantano exhalando febre, esta seiva povoada de monstros, onde arguemos a barraca entre o jacaré, a cobra, a onça e o paludismo, isto não é essa Patria maravilhosa onde ha conforto, riqueza, civili-

zação, felicidade. Evidentemente, não é. Si não é a Patria, por que é, então, que para ella enviamos pontualmente o imposto do nosso sacrificio?

"Ora, ha vinte annos, ou pouco menos, nós contribuimos. O patrão, que nos usurpou a terra, o medico, que nos matou mais depressa, o padre, que nos trouxe a palavra de borracha, o commandante de "gaiola", que nos abasteceu com a sua "cinagem", todos estes santos homens, ha vinte annos, desde que o Acre é Acre, nos escorcham, nos esfolam, nos espoliam, nos deixam apenas no corpo a tanga da pudicia, compativel com a virgindade da floresta.

Estavamos muito satisfeitos com o nosso destino de bestas de carga escravos, de ilotas, quando nos surgiu o Fisco, incorporando-se á cohorte daquelles benemeritos. Mas o Fisco, que trazia, soldados e burocratas, disse paternalmente: — "Voces, agora, pagam para a Nação; em troca, a Nação lhes dará governo, justiça, instrucção e saude". — E rejubilamos. Viva a Nação!

"A Nação era a Patria! Admiravel! Patria! Tão longe estavamos, atolados nos nossos paues, luctando com as feras, com os mosquitos, com os "piras", com as intemperies — e ella se lembrava de nós! Certamente — pensavamos — é que ella sabia do que haviamos feito, com Placido de Castro, para defender o Acre invadido. Sabia. E ali estavamos nós com o premio de nosso heroismo obscuro, um punhado de bravos bisonhos, que luctára contra uma expedição de tropas regulares — e venera! Bemdita Patria! Grande Patria! Ella, de certo, se revia nesses heroes remotos dignos do seu heroismo legendario, e lhes mandava, mater admirabilis! pela voz do seu agente, o Fisco, as promessas da redempção.

"Confiantes e felizes no nosso infortunio de grilhetas, remergulhamos no seringal. Apenas verme'hava o nascente, já nos viamos nos zig-zags das "estradas" ferindo rijo, e talvez mortalmente a cascaca e o cerne das ervas. Marinhavamos os tremedaes infestados de sucuryrs e puraqués, sem temor dos botes daquelle perfido e das descargas electricas deste imprevisto exemplar ichthylogico.

A' tarde, cedo, antes de vir a noite lugubre, ardendo mesmo em febre, o fígado inchado, a dois passos da covoa na beira do talude, já nos viamos no defumadouro, vertendo o leite na forma, sobre o brazeiro cheiroso do uricury selvagem.

Finda a tarefa, empilhadas as bo'as da "fina", do sernamby ou do caúcho, iamos para rede, que os pluns as murissocas e os mosquitos aggrediam, "maginar" na tragedia da nossa vida, naquelle deserto phantastico, entre o rio lutulento, que rolava as suas aguas me-

phíticas, e o mato pavoroso, que defendia com a "praga", com a fêra, e com a morte a riqueza appetecida do seu seio. Nessa "magnação", porém, lembrávamos a Patria, a doce Patria, as doces promessas da Patria. E dormíamos felizes, naquelle inferno...

Mas os annos passaram. Veiu, com effeito, a justiça, precedida pelo governo. Não veiu, entretanto, a instrução, nem veiu a saúde. Teriam, certamente, ficado em atraso, encalhados nalguma praia, a espera de um "repiquete", ou seja uma dessas fortes marés montantes, que, elevando o nível das aguas, resafogam o calado dos navios. Chegariam com demora, mas chegariam. Além do que falando verdade, mais urgencia tínhamos nós em governo e justiça. Governo para nos garantir a vida; justiça para nos garantir o trabalho.

"Mas os annos correram. Saúde e instrução arrependidas, de certo, voltaram do caminho. Não tivemos noticias dessas duas medrosas do Acre. E, sem ellas, continuamos a apodrecer de corpo e a escurecer de alma. Nossos filhos nasceram impaludados, verminados, amarellados, barrigudos, nutridos a "chibé" ou seja farinha de pau com agua ch'ira, e cresceram estúpidos, ignorantes, boçacos, tão obtusos como os guryas a cujos paes ferozes arrebatáramos o solo no momento dramático da conquista

"Quanto ao governo que bem nos fez elle? E, quanto á justiça, deixamos, por ventura, de ser os forçados da brenha? Certamente a situação melhorou: a borracha que colhíamos, entrou em crises successivas, sem que deixássemos de pagar os mesmos impostos. Como anteriormente, o Fisco passára collectando, com uma sacola maior. Nós o interpellávamos: — "Então amigo, que é dos beneficios promettidos?" — Elle sorria, num sorriso indecifrável, e ia berrando: — Dinheiro para a Nação.

"Ora, um dia, a borracha não teve venda. Os preços chegaram a um aviltamento miseravel. Sem venda de borracha nós, que não tínhamos nada e continuamos a pagar impostos em troca de promessas levantamos a voz do fundo das nossas barracas de seringueiros páras, em supplicas, em pedidos, em lamentações, em queixas, depois em protestos: — "Patria, por que nos esqueceis? Temos frio, dá-nos roupa. Temos fome dá-nos pão!" Mas a Patria estava longe, com o seu esplendor com a sua riqueza, com a sua civilização — com a sua misericórdia. Então allucinados sem dinheiro, sem credito sem soccorro, sem piedade, sem caça no matto, sem peixe no rio, sem trapo, sem remedio, sem pão, viramos bandoleiros, viramos bandidos, pulamos fora da lei, dessa lei que não nos protegia nem contra o patrão, nem contra

a febre, nem contra a ignorancia, dessa que apenas conhecíamos na figura do Fisco, implacavel e pontual.

"Eis ahí porque sabeis irmãos do sul, felizes irmãos do sul, a situação a que descemos. Não nos culpeis. Não matamos. Saqueamos apenas. Mas é a fome, tão só a fome que nos impelle. É possível que a Patria, que tão justamente persegue, e castiga os saqueadores, os roubadores do bem alheio, se lembre de nós agora, e nos mande, não pão, não roupa, não remedio, não justiça, não instrução, não trabalho, — mas balas.

"E será um bem para nós, que defendemos e integramos o Acre nessa Patria justiceira e amiga. A bala! Que beneficio após provações tamanhas. Com que ventura cahiremos sob as descargas vingadoras menos famintos de pão de que de eterno repouso! Com que orgulho, no instante derradeiro, abrangendo, na suprema visão da morte, o immenso Brasil querido, repetiremos á moda romana: "Patria, os que vão morrer te saudam!"

Alves de Souza

GATO POR LEBRE...

Os antigos augures romanos abriam desapiedadamente as aves e, em suas visceras, com os olhos esbugalhados, com suas barbas hisurtas, com suas mãos magras, com seu todo mysterioso, buscavam ler, advinhar, prever as coisas fastas e nefastas...

Era de vê-los, e mais de admirá-los, nesse afan convicto, procurando ludibriar as velhas divindades pagãs, horrivelmente feias, em cujos altares nefandos, de volta com as fumaradas de resinas aromaticas e exquisitas, se elevava o exquísitismo murmurio de uma turba inconsciente e idolatra...

Bem era, e justo, que aquella gente, eivada de mil superstições e ignorancias, ouvisse boquiaberta a resenha das venturas e desventuras que lhe vaticinavam os augures... ou o roufenho fio de voz de Prometheu ou Apollo, no Caucaso ou na ara, referindo-se o deifico poder de governar os *cives*...

Mas entre nós, nestes seculos, nestes tempos, conferir honrarias a quem as não tem, e as não merece, vem de geito a reportar-nos para aquellas ditosissimas épocas de augures e deuses...

Attentando-se, porém, ao que por ahí vae, desvanecese o engano em que muitos laboram de que nadamos em luz de civilização, dadas as luzes offuscantes deste seculo vinte.

Um *degradado filho de Eva* vê-se, não sei por que ventos, elevado, de uma hora para outra, aos mais elevados postos, ás mais altas posições, por modo que, a sua vista tudo se levantaria, e a sua recta-guarda, um *cymbalis benesonatibus* viria

O BRASIL NA ARGENTINA

Exposição Georgina-Lucilio



No terraço, quadro de Georgina Albuquerque

O BRASIL NA ARGENTINA

Exposição Georgina-Lucílio



Nú, quadro de Georgina Albuquerque

uma turba bíblica espalhando louvores ao novo deus

Num piscar d'olhos, vê-se, um homem laureado assim:

Na briosa: Coronel, Tenente-Coronel, Major, Capitão, Tenente, e, raramente, Alferes;

Nas sciencias o *non plus ultra*: doutor.

Quando o felizardo já possui um titulo, então é um nunca acabar de adjectivos, que se disputam a primasia, em pompas.

Assim:

Se é pharmaceutico: humanitario; se padre: virtuoso, gloria do clero, etc.; se delegado de policia: energico, correcto; se commerciante: conceituado; se deputado: illustre representante; se capitalista: abal'sado; se medico, dentista, etc., os mais rasgados elogios, rotulo das maiores sumidades, nunca visto.

E assim, deste teor e forma, vae-se por ahi alem, a conferir titulos, a crear virtudes, como coisa indispensavel á rotaçãõ e transladação deste admiravel universo.

Os casos typicos da questãõ vêm a ser que, muitas pessoas, usando e abusando, de um titulo que não têm, e nunca tiveram, escusam a prestar-se a qualquer delicadeza, a não ser mediante os mesmos.

Isto, para attestado da alta imbecillidade humana, existe em toda a parte.

O jornalista do interior, em occasiões de enterros, missas de setimo dia, ba'les, anniversarios etc. lucta com uma difficuldade tenebrosa e manda, alfim, ao diabo tal modo de vida.

Não se lhe permite a omissãõ de uma só pessoa, com seus titulos e falsas precedencias, correndo risco de tudo perder se der a algum cidadão o desataviado e legitimo nome que houve no baptismo.

Ha terras, que eu conheço, onde é moda, senão obrigação, investir-se qualquer pessoa do titulo — doutor.

Não lhe trate dessa forma, não lhe ponha o mirifico titulo ao frontispicio da correspondencia e ver-se-á para logo, o triste mortal, cercado da mais horripilante atmospherã de antipathia.

E' que, no Brasil, em geral, todos mais ou menos vivem na doce expectativa de subir e brilhar. E o brilho, secundado por um titulo, tem outro valor, tem outro esplendor, tem outra attracção.

Bem é, porém, dizer-se que nós não regateamos motivo a essa aspiração nacional.

Ponto é que o *titulando* falle francez, traduz vel em bons e vernaculos contos de réis.

O mais vem logo de geito e molde que nós mesmos ficamos admirados da prodigalidade e da audacia.

Ha ahi quem nos acõme de d'vindades despeitadas e idolos desmoronados pelo feito de nossa prosa.

De nós estamos que o incensorio não se faz debalde. Nossos thuribulos, bem pulverisados de incenso e myrrha, fumeirão sem cessar, como o fogo sagrado da tripode sagrada, em *laus perenne* á inolvidavel turba de titulos falsos, em cujas mãos repousa, confiante, a reproducção sempre esplendorosa da especie.

Ahi, desse pedestal, ouvindo o murmurio dos crentes, talvez "de muitos seculos nos contemplem". E á noite, fugindo do pedestal vá quem sabe?, alguém perscrutar as viceras de certos an'macs. a ver o que dizem da turba reverente...

Mas, como estamos ainda com a penna na mão, corre-nos synthetisar um aviso: Não vendam gato por lebre.

A gente, por esquecida, pôde fazer feio; por pouco prudente pôde cair em uma anecdota, attribuida a sabios das kalendas gregas, e que poderão bem ser os já de estafadissima memoria: *Protese*... etc.

A qual historia e o mais que nella se contem, vem exarada em uma revista, que eu, *data venia*, para aqui a translado:

"Um professor, um careca, e um barbeiro, que viajavam juntos, combinaram que um ficaria de guarda, enquanto os outros dormissem.

A primeira guarda coube ao barbeiro que, para se d'istrahir, rapa a cabeça do professor, e, quando chegou a hora deste montar guarda, o despertou. O professor abriu os olhos, passou as mãos pela cabeça e, vendo-se sem cabellos, exclamou: "Este barbeiro é um gaiato! Accorda o caréca antes de mim!"

Jaguary (Minas) — 1921.

Guerino Casasanto.

O IMPERADOR GUILHERME

A humanidade de cuja maldade me convenci no decorrer da ultima guerra, porque com a educação franceza que nos dão, eu aprendera em Jean Jacques Rousseau que ella é fundamentalmente boa, escolhe sempre victimas sobre as quaes despeja seus odios, filhos dos seus ruins instinctos. Uma dessas victimas é o Imperador Guilherme, nobre e infeliz figura que nunca deixou de merecer todo o meu respeito e toda a minha piedade.

Denunciado universalmente como o causador da guerra, da qual foram tantos os causadores; tornado responsavel de todos os seus horrores, que Barbusse distribue pelos dous lados com uma imparcialidade pouco franceza; elle ainda foi e continúa a ser vilipendiado na deadita, assacando-se-lhe até o epitheto de covar-

de, improprio de ser applicado a quem está dando prova de maior coragem, que é a coragem do soffrimento moral.

Quizeram tambem passar-lhe attestado de loucura e, por uma triste ironia do destino, é no campo adverso que os cerebros fraquejam: Deschanel, atirando-se pela janella de um vagão para escapar a duendes que o perseguem; Lloyd George, convidado a absoluto repouso mental sob pena de um *break down* da sua lucida intelligencia; Wilson, ameaçado de paralytia após haver — elle exclusivamente — no congresso de Versalhes evitado certas espoliações e procurado fazer vingar seu evangelho de justiça internacional, que os outros podaram, deturpam e escangalharam.

O suicidio é a solução dos fracos: si o Imperador Guilherme se tivesse suicidado, por occasião do armistício, mostraria apenas que reconhecia como justas as accusações iniquas que lhe arremessavam e que lhe faltava a fibra para affrontar a desventura, depois de haver gozado a ventura. Felizmente para o seu nome, que as gerações futuras hão de respeitar, que o seu profundo sentimento religioso lhe vedou um tal desenlace. Elle ha de viver ainda bastante para sentir-se reabilitado no conceito do maior numero dos que tanto o denegriam, levados pelos calumniadores.

E' impossivel que a justiça chegue á Allemanha como está chegando e não alcance o seu Imperador que — tive o desassombro de escrevel-o durante a guerra, — só foi culpado de um crime: o do patriotismo. A unica preocupação desse soberano que todos diziam o maior do seu tempo, o fito para o qual convergiam todos os seus actos, era a grandeza do seu paiz. Sua propria theatralidade — si posso usar desse substantivo — que era o seu unico defeito, e elle a fazia servir a esse fim elevado.

A Allemanha deve-lhe muito, muitissimo, e o não esquece. Foi elle quem mais sonhou e mais se esforçou por pôr nas mãos da Germania o tridente de Neptuno, não para avassalar terras estranhas, mas para estender até os confins do mundo a sua industria incomparavel. Foi elle que se tornou, sem jamais perder a compostura ou desmanchar a linha, o caixeiro-viajante de um commercio que tanto melhor sabia conquistar mercados quanto era intelligente nos seus fornecimentos e condescendente nos seus creditos. Foi elle quem teve o dom de impôr aos mulsumanos o prestigio da sua personalidade essencialmente christã, isto é, imbuida da doutrina christã, e foi isso porque elles o comprehendieram alheio a preocupações mesquinhas e a desígnios dissimulados.

A paz não teve, de certo, durante um quarto de seculo amigo mais dedicado e

sua intervenção foi mais de uma vez decisiva no sentido de evitar a guerra. Só se reconciliou com esta idéa, que na melhor hypothese não ajudava a admiravel expansão em que se achava a Allemanha, quando sentiu a patria em perigo pela colligação dos rancores e dos interesses, que se formou contra a sua prosperidade.

Li varios dos livros que tentaram desenharem a figura de Guilherme II dum ponto de vista contrario: não fallo das publicações propriamente insultuosas, de encomenda ou de paixão de encomenda. Fallo dos livros com apparencia de serenidade e occultando o seu espirito tendencioso. Em nenhum encontrei — naturalmente é preciso saber ler, não só soletrar — senão traços sympathicos, e adversarios do poderio allemão como lord Haldane, a quem a Inglaterra deve o começo de organiazção militar com que entrou na guerra, escreveram sobre elle paginas que não pôdem ser mais honrosas para a sua acção. As reminiscências ultimamente publicadas, de lord Haldane, primam nesse sentido.

Este era o homem que a raiva senil do Sr. Clémenceau queria arrastar deante de um tribunal de accusadores: ao menos do tempo da Revolução Franceza — Fouquier Tinville accusava, mas não julgava. Felizmente, a Hollanda recusando quebrar a hospitalidade concedida, encarnou num momento historico como nenhum outro o direito das gentes e livrou os alliados desse crime.

Estou certo de que nessa emergencia a Hollanda sentiu-se apoiada pelos Estados Unidos, a cujo governo repugnava abertamente essa monstruosidade desde o congresso de Versalhes, firmando, ao que consta, o então Secretario de Estado, Lansing, parecer contrario. O governo de Washington firmava-se no sentimento publico americano, que ainda é no mundo e apezar da politica utilitaria, o que mais se deixa levar pelas considerações de character moral.

OLIVEIRA LIMA—"Correio da Manhã".

A MAIS SUAVE DAS CONDEMNACÕES

Saberá, por acaso a pessoa que detém seus olhos sobre esta narrativa, que as perolas adoecem?

Que as conductoras de perolas adoeçam é coisa notoria, e muitas vezes essa doença provém da falta de meios materiaes de trazer perolas ao peito. Esta doença (a doença das aspirantes a conductoras de perolas) é symptomatica e caracteristica da mulher innatamente esthetica. Quando uma menina, uma mocinha, uma senhora... ou uma velhota,



ante as "montra" de uma joalheria, param e ficam namorando as joias, o caso da enfermidade já está de todo accentuado. Não indicamos os meios da cura, porém, o completo restabelecimento se evidencia, quando as aspirantes se transformam em porta-perolas, deslumbrando a gente nos "trottoir" ou nos bailes, ou nos pontos chics. Falemos da doença das perolas.

A doença das perolas é também um facto interessante e não ha nos tratados de nosologia descripção a respeito, contudo, é bem de crer que é uma modalidade da vaidade feminina que se inocula na alma da perola.

As perolas guardadas, mesmo em escrínios de ouro alcatifados de velludo, padecem a desolação do abandono, sofrem a soltudo a que ficam reduzidas; perdem o brilho, ficam opacas, o denominado "orient" que toda perola verdadeira possui e é o que lhes dá valor, desaparece, morre. É uma curiosa enfermidade e, no emtanto, mais curiosa é a cura.

As perolas doentes restauram-se, tornam ao antigo fulgor se voltam a ter contacto com a pelle fina e sedosa de mulher joven.

A tepidez de um collo feminio é para as perolas enfermas, o que o sal e o orvalho são para a flor; o elemento de vida, a propria vida francamente não é só ás perolas que isso dá vida...

O unico meio de se restabelecer a saúde das perolas doentes deu causa a uma interessante sentença do juiz Thomaz F. Graham, da Suprema Córte do Estado de California, que produziu sensação. Entretanto outra não poderia ser a attitude do juiz que confirmou a sua superior e integra conducta de fazer justiça. Contemos o caso que ora foi decidido pelo magistrado americano.

Rosa Blum, viuva riquissima, tinha por unicos parentes um filho casado; a este e sua esposa legou toda fortuna, excepto um collar de perolas avalado em cem mil dollars, ou seja, em moeda brasileira actualmente cerca de 80 contos. Este collar, segundo a vontade da instituidora, deveria ser de propriedade da filha do casal que nascesse dentro de quatro annos, após a sua morte. Em caso contrario, isto é, desde que seu filho não lhe proporcionasse a neta, seria o collar convertido em dinheiro e a somma entregue á Federação Judiciar'ia de Obras Piedosas. Morta Rosa Blum, o collar foi depositado na caixa forte da Anglo-California Trust Company.

De vez em quando, o joven Blum ia dar uma olhadella no rico collar. Numa dessas olhadellas, com grande pasmo, viu que as perolas perdiam a vida que possuíam, quasi não sendo reconhecidas. Consultou a um perito e este disse-lhe:

— Não se assusteg; as perolas estão doentes e pódem morrer. Seria conveniente cural-as.

James Blum, assim se chama o filho de Rosa Blum, requereu ao juiz um remedio que evitasse a depreciação das perolas. O juiz baixou a seguinte sentença:

"A petição de James B. Blum, relativa ao testamento de Rosa Blum, dá a conhecer que na caixa forte de Anglo-California Trust Company, está depositado um collar de perolas; que esse collar esteve e está guardado de certo tempo a esta parte; que por este motivo, o referido está se depreciando de seu valor e continuará sendo prejudicado, a não ser que, pelo menos, por espaço de um mez, durante o anno, não seja trazido ao collo por uma mulher joven e de boa saúde, joalheiros peritos, consultados sobre o assumpto, confirmaram o allegado e tendo sido requerido a esta Egregia Córte que nomeie uma pessoa idonea para cumprir o que fór necessario a evitar a depreciação do collar, durante o periodo de um mez em cada anno; muitas mulheres jovens encontraram nas condições requeridas, porem, depois que este juizo viu a esposa do requerente, a Córte ficou inteirada da pessoa naturalmente indicada para cumprir a sua decisão.

Considerando-se que se trata de objecto de terceiro a nascer e que urge toda segurança sobre o mesmo;

Considerando que qualquer determinação desta Córte têm effeito de sentença;

Considerando que só a fórmula de sentença pôde compellir a uma execução verdadeira, na fórmula do requerido e de accordo com a lei, condemno a esposa do requerente a usar o collar de perolas neste referido do seguinte modo:

Que quando fór retirado da caixa de segurança para ser-lhe entregue, deverá se achar presente um official de policia, que não abandonará a sentenciada um só dia até completar o prazo legal.

Cumpra-se na fórmula da lei.

Usar um collar de perolas é coisa agradável, porém, usal-o acompanhado de um official de policia, não é nada attraente. A sentença foi cumprida para curar a enfermidade das perolas.

Este caso faz lembrar o occorrido com preciosissimo collar da viuva do grande Thiers. A viuva do grande presidente da Republica Franceza, por sua morte deixou um collar de 150 formosissimas perolas, avaliado naquelle tempo em um milhão de francos. Este collar esteve durante annos guardado no Louvre; as perolas começaram a fallecer. Consultados os especialistas a respeito, recommendaram dois meios, um dos quaes diminua o tamanho das perolas.

O governo francez decidiu confiar o riquissimo collar a uma joven e linda fran-

ceza, para restabelecer o oriente e a vida das gemmas.

Para essa commissão foi escolhida mlle. Grenze, uma das mais conhecidas estrellas do theatro francez daquelle tempo.

A grande artista franceza, jámais soube, porém, esteve debaixo de arguta fiscalização de um sem numero de policiaes.

A illusão de liberdade para uso de um rico collar é bem mais suave do que a sentença do juiz Thomaz F. Graham.

As perolas nasceram para ornar o corpo da mulher, para fazer esplender a graça feminina, capricho da natureza, uma enfermidade curada pela vaidade e pelo garbo...

D' "O Jornal".

TUDO NOS UNE

"E' incrível até que ponto a literatura no Brasil revela no paiz irmão os mesmos costumes que no nosso. Salvo no que se refere aos negros, as novellas e os contos dos grandes escriptores brasileiros — os Coelho Netto, os Medeiros e Albuquerque, os Afranio Peixoto, os Graça Aranha, os Alcides Maya, para só falar nos contemporaneos — poderiam ser argentinos com uma simples mudança nos nomes e a differenciação de alguns pormenores. Os escriptores que não fazem ali obra nacional e seguem as correntes francezas, tambem se assemelham áquelles dos nossos que se encontram no mesmo caso. E nos melhores criticos da nova geração — Mucio Leão, Ronald de Carvalho e Tristão de Athayde — observamos uma rara analogia de sensibilidade e de cultura com os mais intelligentes dos nossos criticos contemporaneos, com a ressalva de serem bastante superiores os brasileiros, pois os criticos argentinos, de quem deveremos esperar grandes coisas, começam apenas sua obra, sendo ainda muito jovens.

Essa semelhança entre nossos costumes e os do Brasil já foi assinalada pelos criticos brasileiros que escreveram sobre a traducção do "El Mal Metafísico", editada no Rio de Janeiro, e sobre outros livros meus que leram no original. Porém, para nós, nada ha tão revelador a esse respeito como "Urupês", o vigoroso e solido volume de contos de Monteiro Lobato que acaba de apparecer em Buenos Aires vertido por Benjamin de Garay.

Em "Urupês", que não é sómente uma collecção de contos, encontramos os mesmos vícios da nossa vida nacional. Vemos apparecer alli a ruim politica, a pessima administração, a miseravel existencia das classes pobres. Tudo quanto Monteiro Lobato refere do mestiço, na penetrante analyse com que abre o volume, pôde applicar-se aos nossos "paísanos": a mesma preguiça, identica falta de aspirações, egual ignorancia e superstição. Aquelle Géca Tatu', celebre já no Brasil, onde o nome da personagem creada por

Monteiro Lobato deu ensejo ao apparecimento de uma série de vocabulos typicos, não é outro senão esse Juan Pueblo, esfarrapado e bruto que vemos, de quando em quando, nas caricaturas das nossas revistas illustradas. E, quando Géca Tatu', aconselhado a pôr uma cerca em seu rancho, coisa facil "havendo por ahi tanta madeira", responde com o mussumano "não vale a pena", não estamos ouvindo os nossos "criollos", a todos os nossos "criollos", desde os de Jujuy até os do Pampa?

E o protagonista desse conto magnífico, tão cheio de humorismo como os meliores de Mark Twain, que se chama "El gracioso arrependido", não se parece, tal uma gotta a uma gotta, com os nossos "graciosos" provincianos? O joven medico audaz e intrujão, de "Police verso", não terá porventura entre os seus collegas argentinos, innumerados similes? E vivedores, como aquelle do "El comprador de haciendas", outro conto bellissimo, não haverá muitissimos em nosso paiz? O livro de Monteiro Lobato, que não é apenas muito interessante e cheio de talento, senão que, por equal, contém muitos ensinamentos para todos nós, levamos a repetir a conhecida phrase de Saenz Peña: "Tudo nos une, nada nos separa". Os mesmos defeitos nacionaes e as mesmas virtudes; identicas esperanças e identico futuro. Poderá duvidar alguém que o Brasil seja um povo irmão, e que devemos sempre as estupidas rivalidades, indignas de nações democraticas, que devem olhar para o porvir e realzar os ideaes dos tempos modernos?

Manoel GALVEZ.

DO DR. AFFONSO D'E. TAUNAY RECEBEMOS A SEGUINTE CARTA QUE COM MUITO PRAZER PUBLICAMOS.

São Paulo, 20 de julho de 1921.

Havendo o ultimo numero da "Revista do Brasil" trazido uma noticia sobre a questão que mantenho em juizo contra uns falsificadores de "Innocencia", noticia, incompleta, sob certo ponto de vista, o que julgo lesivo aos direitos de minha Mãe, a Viscondessa de Taunay, venho solicitar-vos o obsequio de uma rectificação nas mesmas columnas de vosso tão conceituado periodico. Não ha sómente uma acção proposta contra os falsificadores, já a tal respeito se lavrou sentença no Juizo Federal do Rio de Janeiro sentença que condemnou os "piratas literarios", como bem lhes chamou um orgão da imprensa fluminense, ao confisco dos diversos milhares de livros da aladroadada edição, e á indemnisação, aos legitimos proprietarios do romance, de quantia correspondente ao total pelo qual seriam vendidos os exemplares confiscados, se pertencessem á

edição legitima, que é a da Livraria Francisco Alves.

E' esta a rectificação a fazer. O resto da noticia, relembrando que a obra do Visconde de Taunay, só cahirá no dominio publico a 1.º de janeiro de 1959, anno em que transcorrerá o sexagesimo anniversario do fallecimento do escriptor, é perfeitamente exacta. Agradeçovos esta demonstração de solidariedade literaria, tão necessaria num país como o nosso onde ainda se praticam attentados verdadeiros contra os direitos legitimos dos autores, tão mal remunerados de seus esforços pela cultura brasileira, geralmente, e onde tão pouco castigadas tem sido ainda a inacreditavel audacia de individuos que vivem sordidamente a explorar o trabalho intellectual alheio, como esses editores de que ha diversos specimens espalhados pelo país, genero José Joaquim de Azevedo.

Felizmente tambem podem os espoliados contar com a magistratura brasileira, como acaba de experimentar o assaltante castigado. Crente de que dareis em vossas columnas abrigo á rectificação que aqui fica tenho a honra de apresentar-vos a expressão de minha alta consideração.

A VELOCIDADE TANGENTE

Os seculos se assignalam na historia pela maior effieciencia que trazem á civilização, approximando os povos e gentes, diffundindo os conhecimentos humanos, tornando a vida associativa mais generalisada. E' a realisação lenta da integridade da familia humana, em demanda da perfeição de uma unidade social ideal. As eras da pedra lascada, da pedra polida, do ferro, do ouro, marcaram os surtos de conhecimentos que fomentaram as relações inter-gentes. Os seculos de Pericles, de Leão X, de Luiz XIV tiveram, em successão, o seculo do vapor. Era o começo da vertigem internacional que se ensaiava; era a febre de correr, vencer kilometros, leguas e grãos, ou sobre o dorso das terras, ou sobre o costado das vagas ou, o que é a maravilha do seculo, debaixo dos céos e sobre mares e terras.

Os restos da vida rustica, quasi são uma lembrança depois que os caminhos de ferro penetraram as regiões; as tropas e tropeiros passam ao dominio das coisas remotas; são saudades que gravam nas photographias e que servem como elementos de estudo as civilizações passadas.

Vimos ceder terreno ao trem de ferro, ao automovel, ao caminhão; vimos as historicas e lendarias fragatas rarearem, porque Fulton, lançou o barco a vapor que se transformou hoje nos confortaveis

transatlanticos. E' que o homem attingiu a maior necessidade de andar e correr; já se lhe vae tornando difficil a marcha dos expressos da P. L. M. ou dos vapores da Cunard-Line; o homem pretende voar, pretende não, voa. E' o aproveitamento do tempo, é a actividade dos negocios que transformou a vida num commercio disputado; o progresso é um paeo entre povos, será vencedor quem correr mais, quem chegar em menos tempo ao ponto de partida.

E' o seculo da velocidade; ate a existencia passa em vertigem; quando a vida parece-nos sorrir é o piso alvar da morte que nos apavora e se escancára na bocca do tumulto que nos traga.

Um anno, um mez, uma semana, um dia, um minuto desaparecido no curso da vida é um seculo de commercio perdido, de negocios não feitos, de vida não vivida.

De Rouanet bateu o "record" da velocidade no seu celeberrimo vôo, 307 kilometros a hora, esse foi, de facto o grande "record" não ultrapassado até agora. Compete ao homem — o seu grande sonho industrialisar essa velocidade e applical-a ás relações da vida.

Com tal velocidade, tomando por base a distancia da estação Central do Brasil poderiamos ir e voltar a S. Paulo ou a Bello Horizonte, respectivamente, por dia, oito vezes a capital paulista e seis a capital mineira.

O engenho do homem tem ultrapassado tudo, na sua carreira excepcional.

O velivolo, por minuto percorre 5.116 metros, segundo o vôo de De Rouanet (307.000 metros por hora), ao passo que a andorinha, a mais veloz das aves, vence 3.270 metros, a aguia real, 2.225 metros; o falcão, 2.120 metros; o cavallo de corrida 1.500 metros (a passo 72 metros, a trote 180 metros); uma lesma 60 millimetros.

Nessa ascendente corrida todos os obstaculos são vencidos, ou galgados por sobre montes, por sobre mares.

O aeroplano já venceu a velocidade dos ventos e da tempestade, do som; o homem agora investiga os meios de vencer a velocidade da luz e da electricidade. Quando o engenho humano attingir a esse grão de adeantamento, que pôde ser para breve como para o seculo 4.000, os vehiculos aereos em constante carreira cobrirão as cidades. Os primeiros ministros, os industriaes, etc., poder-se-ão reunir em qualquer ponto do globo e voltar á sua terra, em minutos de viagem.

— Amanhã ás 10 horas vou dar um passeio desta capital a Bombaim, com escalas pela America do Sul e Europa, parando em todas as grandes cidades. Pretendo estar em minha casa ás 4 horas

da tarde para jantar com a família. Assim dirá o homem futuro.

— Procurem-me amanhã às 3 horas quando eu regressar de Londres.

E' o sonho de Marinetti que se realiza — a velocidade tangente da vida.

A EDUCAÇÃO DA MULHER E AS CRIANÇAS

Os milhares de seres humanos que morreram, as centenas de milhares que sobrevivem para arastar saudes enfraquecidas, os milhões que augmentam com constituições menos fortes do que deviam ter, nos dão e ideia do mal feito pelos paes que ignoram as leis da vida.

H. SPENCER. *Da Educação.*

I

Na educação da mulher brasileira ha uma importante lacuna a preencher: nada se lhe ensina sobre o corpo, a saude e a vida das creanças. E' assumpto de que não cogitam os programmas dos estabelecimentos publicos ou particulares. Dizem-se casas de educação, isto é, logares onde se ministram ás meninas e ás moças conhecimentos que visam "a felicidade, a perfeição e o destino social" da mulher, sem comtudo prever a possibilidade de virem a ser mães.

Não é facil tarefa procurar a explicação deste silencio incoherente e absurdo. Será porque se considerem taes conhecimentos menos dignos e portanto pervertedores da pureza e da innocencia das jovens educandas, ou será mais uma destas provas humilhantes da nossa falta de cultura, a demonstrar claramente não possuímos ainda a noção exacta da responsabilidade maternal na saude do filho desde que este nasce, senão desde o inicio da sua vida fetal?

Sejam quaes forem os motivos, o certo é que as alumnas estudam milhares de cousas e deixam de lado o essencial, justamente o que deviam saber.

No curso primario, enche-se-lhes a cabeça de grammatica, de geographia, de historia, de figuras geometricas, no que consomem 4, 5 e 6 annos, e, quando saem, tanto no conversar como no escrever, resumido é o numero das que não denunciam, na lingua, por exemplo, profunda falta de conhecimento das regras elementares de concordancia e orthographia, e quanto a historia, se lhes perguntarem porque se festeja o 7 de setembro talvez não saibam responder. Nos institutos de ensino secundario ou nas escolas normaes, o curso comprehende o francez, noções mais complexas de lingua portugueza, geographia, historia; a

physica, a chimica, as sciencias naturaes, de cór e theoreticamente, estudam em lições fastidiosas e interminaveis. Nos estabelecimentos de luxo, frequentados pelas familias abastadas, ensinam-se de preferencia religião, arte e prendas, com o intuito de deslumbrar os paes nos dias festivos e solemnes, embora muito dos trabalhos assignados pelas filhas tenham sido executados pelas mãos dos mestres ou das mestras. Dest'arte as jovens brasileiras, terminado o curso, retiram-se dos collegios, "preparadas", desconhecendo porém, na realidade, as noções mais rudimentares e imprescindiveis de anatomia, physiologia, hygiene, isto é, de tudo quanto lhes podia garantir e salvaguardar a saude propria e a dos filhos.

Em consequencia dessa lamentavel ignorancia vão-se succedendo gerações e gerações de creanças rachiticas e sem cór, precocemente condemnadas, se sobrevivem a serem vencidas, amanhã, na vida. E quantos vexames inuteis e quantos desesperos ruidosos deante de uma crise sem importancia, e ás vezes natural propria da idade infantil! Por outro lado, quantos incommodos, a principio insignificantes, se aggravam, alarmantemente, e levam um pequeno ser ao tumulo devido á falta de prudencia das mães ou por não ter sido, em tempo tomada uma providencia indispensavel e que devia ser conhecidissima!

A essa profunda ignorancia das mães é que devemos attribuir a maior porcentagem da excessiva mortalidade infantil, que se tem verificado tanto nas capitães como no interior do paiz, sem despertar, aliás, a apathica indifferença dos governos e educadores nacionaes, attitudo tão em contraste com os demais paizes civilisados, onde a diminuição crescente dos obituarios infantis constitue hoje em dia uma das maiores preoccupações dos homens de sciencia e de governo.

II

Attendendo-se ao destino provavel da mulher, nada mais racional do que instituir nos estabelecimentos de educação feminina um curso a parte, no qual, sem exageros de technica scientifica, fossem dadas noções de physiologia e de anatomia humana e especialmente da creança. Taes conhecimentos repetidos e amplificados nos cursos complementar e secundario, interessantes como são, seriam recebidos com muito prazer pelas alumnas, graças a sua curiosidade e á sua predilecção natural pelo assumpto.

Conheceriam, então, que a creança não é um ser inteiramente formado e sim uma creatura extremamente fragil, cujos musculos, nervos e orgãos de leite só pouco a pouco se desenvolvem e adquirem solidez.

A certeza absoluta da fragilidade da creança fará com que as mães futuras dispensem os cuidados devidos a tudo quanto possa favorecer ou prejudicar o

natural desenvolvimento dos seus órgãos. Mãe alguma tem hoje o direito de ignorar que nesse período da vida taes imperfeições organicas e funcionaes criam para os pequenos seres condições de extrema susceptibilidade que lhes pôde prejudicar gravemente a saude e a vida.

Um curso de educação materna assim iniciado, completar-se-ia com as lições indispensaveis sobre alimentação das idade infantil, meios de cural-as, cuida-creanças, dentição, molestias proprias da dos hygienicos preventivos, etc.

Quanto á alimentação, preconizadas as virtudes do leite materno, aconselhar-se-ia, mesmo no aleitamento artificial, a observancia do tempo que deve intermediar as refeições, o numero destas no correr do dia, a ausencia completa de alimento á noute, durante as horas de repouso, aproveitando-se a oportunidade para dar instruções sobre a alimentação mais convenientes ás mulheres que amamentam, o repouso physico e moral que devem ter, visto que qualquer infracção neste sentido pôde repercutir fataalmente sobre a saude da creança. A estas juntar-se-iam ainda recommendações proveitosas sobre o meio de conhecer o leite puro, como esterelisa-lo, a maneira menos penosa de desmamar os filhos, a alimentação preferivel que ha de substituir o leite pouco a pouco, etc. De conveni-mentos praticos que permitem ás mães niencia seria tornar então conhecidos os precisar a dimensão e o peso dos seus proprios filhos.

Tratando-se do vestuario, despertar-se-iam na mente das alumnas as medidas de precaução a tomar devido ao facto de serem as creanças mais susceptiveis de resfriamento que os adultos, por terem a pelle mais fina, mais irrigada e menor resistencia geral ás consequencias da perda de calor. Proporcionalmente ao volume, sendo maior a superficie exposta, nessa idade, se impõe a maior attenção afim de proteger a creança contra o frio.

Ensinar-se-á o indispensavel sobre, o asseio, o repouso e os exercicios mais convenientes ás creanças. Nesta parte aconselhar-se-á que devem ser systematicamente evitados nas creanças exercicios rudes e intempestivos, em vista dos seus ossos muito frageis, das suas cartillagens muito tenras e musculos incapazes, fazerem recar deformações e até maiores males.

Quanto á evolução dos movimentos e a maneira de estimul-os até a creança conseguir caminhar com os seus proprios pés, deve-se evitar o emprego de aparelhos mais ou menos complicados para o inicio dos primeiros passos. O emprego de taes aparelhos fatiga rapidamente as creanças; e o excesso de trabalho mus-

cular nessa idade pôde ser das peiores consequencias.

Relativamente á dentição, devem as alumnas ficar sabendo o necessario para habital-as a prever as diversas phases desse periodo da vida infantil. Scientes do apparecimento normal de todos os dentes, tornar-se-ão conhecedoras tambem dos cuidados indispensaveis que devem ter as mães para evitar-lhes a carie que alem de precipitar a queda poderia até comprometter os dentes da segunda dentição.

Noções especiaes devem ser dadas sobre o falar das creanças, desde o começo, aconselhando-se ás futuras mães falarem com os filhos desde a mais tenra idade, e sempre correctamente, absten-do-se o mais cedo possivel de imitar a linguagem infantil.

Num curso de educação materna ha, sobretudo, uma serie de conhecimentos de importancia excepcional: os que dizem respeito á saude das creanças. Alem dos males de intestinos, que são os mais comuns, deviam as mães conhecer o symptoma de molestias proprias da infancia, como o sarampo, crup, variola, coqueluche, etc., de modo a poderem orientar o medico, em caso de gravidade, e tomar providencias acertadas e efficazes na ausencia deste.

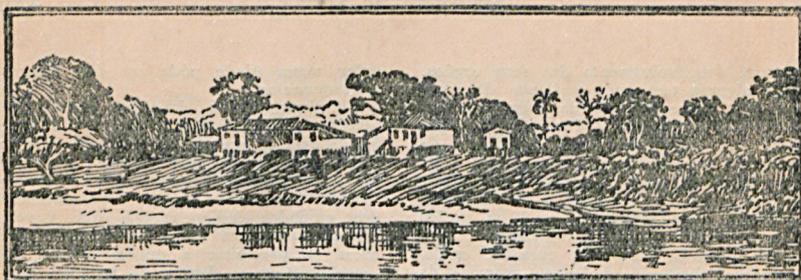
Ha molestias infantis particulares a certas regiões, cujas manifestações deviam todas as mães procurar conhecer afim de poderem não sómente tomar medidas preventivas como tambem saber o caminho a seguir na hypothese de verem os seus filhos atacados.

Juntando-se a estes ensinamentos noções uteis e oportunas sobre a hygiene da casa, do quarto de dormir do lugar onde a creança passeia e outras, acredito que muitos males seriam evitados e muito menor se iria tornando o coefficiente da mortalidade infantil em nossa terra. Alem disso, as futuras mães, conhecendo o corpo e o organismo infantil, sabendo cuidar da sua conservação e augmentar-lhe o vigor physico, implicitamente, ficarão mais aptas para iniciar a educação moral e intellectual dos proprios filhos, de que sempre estiveram arredadas devido á sua absoluta e reconhecida incapacidade.

Um curso desta natureza, de tão elevado alcance humano e social, alem de proteger na creança de hoje, o futuro do homem e o da nossa nacionalidade, terminaria por dar á mulher brasileira uma consciencia exacta da mais nobre e mais sagrada das missões — a missão materna, — desdenhada e ridicularisada apenas pelos povos covardes e pelas raças decadentes.

FRANCISCO FALCÃO





ARTES E ARTISTAS

EXPOSIÇÃO LUCILIO-GEORGINA EM BUENOS AIRES

Ha tempos a Sociedade Estimulo de Bellas Artes, de Buenos Aires, promoveu uma exposição de pintura argentina no Rio, por intermedio dos pintores Antonio Alice e Benito Martin. Em paga dessa amabilidade e para reforço do intercambio em inicios, a Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro promoveu a ida á Argentina do Prof. Lucilio de Albuquerque e sua exm.^a esposa, como embaixadores da arte nacional.

O facto é auspicioso e vem contribuir para quebrar-se a velha frieza reinante entre as grandes republicas vizinhas. Mais que a acção official, concorrem para a approximação dos povos os respectivos artistas, visto como na arte todos os povos se irmanam. Assim, só a literatura, a pintura, a escultura e a musica terão forças suficientes para irem apontando os colmilhos da rivalidade brasileiro-platina, reviviscencia inconsciente, e atavica, da rivãlidade luso-castelhana. Curioso! Nós, na America, a emcamparmos a hostilidade de dois reinos europeus, um delles já extincto!

Mas estes residuos raciaes tendem a ser aniquilados pela cultura. Romancistas, como Manoel Galvez, cujas obras, traduzidas, começam a circular entre nós, escriptores como Aluizio, Afranio, Lobato cujo pensamento circula na Argentina, são os obreiros da grande obra de approximação á qual Lucilio e Georgina vem de juntar nova pedra.

Artistas dos mais sinceros, honestos e operosos que possuimos, sahiram-se com galhardia da espinhosa missão.

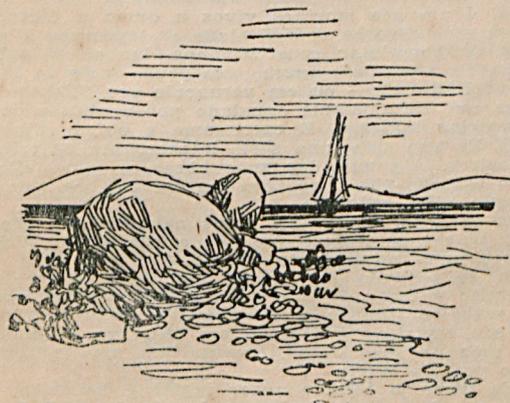
Espinhosa sim, porque Buenos Aires é o maior centro de cultura sul-americano e o mais exigente em materia de arte. Allí se abrem com notavel frequencia exposições de grandes artistas europeus, espanhoes sobretudo. O numero de amadores é grande e a absorpção de telas por parte do publico cada vez mais intensa.

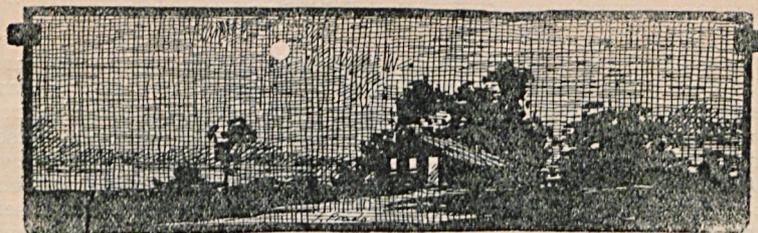
Ha galerias particulares riquissimas, comparaveis ás dos grandes amadores do velho mundo. E a critica já se faz allí com severidade, não sendo possivel o engazopamento que se nota entre nós, pobre povo sem orientadores serios, entregue sem defesa á labia dos Faillutis e Ximenes, cav. de alto bordo.

Viu-se isto com a exposição Lucilio-Georgina, que, apesar do caracter retributivo que tinha, não levou a critica a abdicar das suas prerogativas. As telas foram analysadas com rigor e fizeram-se restricções quando era caso disso. Nada devia lisonjear tanto os nossos compatriços como esse rigor, do qual se sahiram magnificamente. O total dos pontos de louvor attingiu esse algarismo elevado que redundava em consagração. Os quadros de figura, de Georgina, agradaram sem reservas, e o nú, de Lucilio, que hoje reproduzimos, teve os mais francos louvores. Infelizmente, certa rivalidade entre a associação promotora e o governo impediu que ficasse nos museus officiaes alguma das telas expostas. Mas se faltou o concudso da officialidade não faltou o da mentalidade.

Os nossos pintores tiveram a honra de ser saudados, no banquete que lhes foi offerecido, pelo grande argentino Estanislau Zeballos, a figura de maior destaque da Argentina moderna depois de Ingenieros.

A victoria, pois, foi completa. Lucilio e Georgina tiveram um premio merecidissimo e uma pedra mais se assentou nos alicerces da cordealidade que deve reinar entre os dois povos visinhos.





NOTAS DO EXTERIOR

UMA VISITA A WELLS

Os triumphos artisticos e financeiros de Herbert G. Wells — o “retiro” campestre do grande escriptor inglez — Sua projectada viagem a Russia — A historia do mundo — “Dentro em cem annos haverá um “governo federal universal” ou se iniciará a dec“dencia do genero humano”.

A principio romancista e sociologo, e ultimamente theologo e historiador, Wells é a celebridade menos espectacular da Europa.

Certo, Wells, é um dos mortaes vivos a quem a fortuna mais tem galardoado com seus favores. A Felicidade o elegeu seu dilecto.

Pouco antes de completar seus 30 annos, lançou á publicidade sua “Machina de medir o tempo”; agora, com pouco mais de 50 annos, edita sua “Outline of History” — ou em vernaculo seu “Esboço de Historia” — que alcança um exito jámais egualado por nenhuma outra obra nos fastos das livrarias inglezas. E entre uma e outra edição, a carreira litteraria de Wells tem sido uma serie ininterrupta de triumphos artisticos e financeiros. Algumas das suas obras, e entre ellas “O senhor Britting”, têm bastado por si só para manter em boa vida um qualquer homem de gosto aliás exigente.

De todos os escriptores inglezes vivos nenhum está tão amplamente divulgado nos paizes de lingua que não a sua, como Wells, principalmente graças a suas novellas de imaginação.

Mesmo não se levando em conta seu incontestavel genio, Wells tem pleno direito á fama de que goza e aos milhões que possui, por sua vida de trabalho intenso e infatigavel e pelas nobilissimas preoccupações de seu espirito. Collocados em pilha os exemplares diversos, um de cada uma de suas obras, levantariam uma columna bem mais alta do que o proprio Wells.

Porque, vale dizer, o celebre autor inglez é baixinho, e possui pés pequenínissimos e leves que fariam a inveja da mais indiscutivel das bellezas profissionaes da loira Albion. Além disso, nada de extraordinario, á primeira vista, no aspecto do romancista, gordo de carnes, corado, risonho, parecendo contar muito menos idade que a que realmente conta, apenas com alguns fios brancos em seu bigode ruivo.

A principio sorprehende e choca essa gordura de corpo no visionario da “Visita maravilhosa”, da “ilha do dr. Moreau”, e do “O Paiz dos cegos”. Alguns instantes de reflexão, porém, fazem comprehender que essas obras correspondem a uma imaginação inventiva mas ordenada, logica, scientifica, forrada de bom humor sadio, como a que tem guiado e aconselhado Wells, em suas mais funambulescas incursões pelo imperio do Desconhecido. E creio bem que se olhassem attentamente aquelles olhos de um pardo azulino, cordeaes e amaveis embora um tanto vagos, acabariam vendo boiar reflectindo nelles, as mysteriosas imagens daquelle seu conto do ovo de crystal.

Quando o fui visitar, Wells nos veio esperar á estação em seu automovelzinho minuscuro; descreveu-nos detalhadamente seu retiro campesino de Easton Gebe, cheio de flores, "sem lá dentro um unico animal preso", nem cachorro nem canario, — e gentilmente nos offereceu nelle um almoço excellente. Mistress Wells, amavel senhora extremamente nervosa e atarefada, que se occupa da gestão das obras e de passar a limpo os manuscriptos hieroglyphicos do marido, preside o almoço, e Philippe (Gyp, em familia) e Frank, dois rapazes, dos quaes o primeiro já tem 20 annos, amenizam o ágape com sua jovialidade espontanea.

Wells nos fala da America do Sul e da Russia, que considera os povos de raça branca de mais risonho futuro. Fala-nos de sua proxima viagem á Republica dos Soviets, na qual lhe servirá de interprete Gyp, que ha tres annos estuda o russo. Passará alguns dias no campo com Gorki, e irá a Moscou falar com Lenine. Disseram-nos mesmo, em Londres, que este o chamara para ouvir-o em consulta sobre alguns assumptos de ordem pratica, mas não tivemos delle proprio confirmação ou negação do que nos disseram. O que nos disse é que quando voltar contará tudo em uma serie de artigos, como ainda ha pouco fez Bertrand Russel em "The Nation".

Saboreando o café, conduziu-nos Wells a um banco de seu jardim, onde ha um lago, e lotus e nenuphars, e falou-nos de seu "Schema da Historia".

Esse livro é o que vem culminar a gloria e a fortuna de Wells.

Publicado primeiramente em fasciculos, de que se venderam cerca de duzentos mil exemplares, acaba agora de editar-se em tomo, e annuncia-se já delle uma edição de luxo.

Nessa obra, Wells, auxiliado pelos especialistas mais competentes, traça a historia physica e social do nosso planeta, desde a "nebulosa" até nossos dias, e, como era de esperar de tal autor, não se detém nelles e atreve-se a uma ligeira excursão pelo futuro.

Muito haveria que dizer de uma historia assim ambiciosa, sem precedentes na literatura, singular compendio de raças e civilizações. Limite-me, porém, nesta chronica, a reproduzir algumas das palavras que ouvi de seu autor.

"Este livro — começou Wells — é uma experiencia. A idéa dele me veio ha muitos annos. Ao constituir-se a Liga das Nações, comprehendí a necessidade de pô-lo em obra, redempondo todo o nosso ensino da Historia, se é verdade que a Liga se destina a ser mais que uma empresa de liquidação diplomatica.

Propuz a idéa a pessoas que, por seus trabalhos anteriores, mais indicadas me pareciam; como, porém, ninguem a ella se atrevesse, tive afinal que pôr eu mesmo mãos a obra. Este schema não pretende ser obra de investigação original. E' um simples diagramma, cuja originalidade unica consiste na disposição das partes que o compõe e na proporção concedda a cada thema.

Minha idéa é apresentar uma visão mais ampla da Historia, ao invés do que hoje se dá ao leitor. Sempre me pareceu que o ensino da Historia é demasiadamente estreito, demasiadamente nacionalista. Grande parte das perturbações politicas de hoje em dia deve-se a essa erronea concepção da Historia. Cada historiador escreveu como si o pequeno traço de terra em que nasceu fosse o centro e a alma do mundo. Mas essa idéa de patria é inhumana, e se o homem deve continuar a viver, terá que attender a outros idolos cahidos, ou a humanidade chegará a uma unidade sem fronteiras, ou a sciencia aniquillará os homens. Não vejo outro dilemma para um futuro mais proximo, sem duvida, do que muito creem.

Por outro lado, a Historia, tal como hoje se ensina, vem a ser um conglomerado scientifico de retalhos e remendos, e não pôde ser outra coisa enquanto não se a prenda ligada a um fundo de ensino historico universal, como procurei fazer em meu "Schema", pois só assim se terá a visão da unidade do humano destino e da interdependencia do bem estar de uma parte do mundo como o bem estar das demais...

A coisa mais sorprendente que, ao escrever este livro, aprendi foi a importancia da Asia central e da China. Um dos mappas mostra como a expansão do imperio chinês nos primeiros annos da era christã impelliu os povos nomades para o Occidente, originando assim a queda da civilização romana. Essa região do mundo foi e continua a ser o eixo do destino humano... Na ultima parte da minha obra atrevo-me a

levar as induções além dos tempos de hoje. Meu capitulo final se intitula — "O proximo scenario da Historia".

Ha uma velha phrase que diz que todo o romance deveria terminar com um ponto de interrogação. Com mais verdade se poderá dizer o mesmo da historia.

Uma historia contemporanea que não deixa o leitor em suspenso, ansioso por descobrir o futuro immediato, deve ser coisa morta. E, se a historia que nos ensinam nos collegios não nos desperta o desejo de ler os jornaes para saber o que no momento ocorre no mundo, prova que esse ensino é um fracasso.

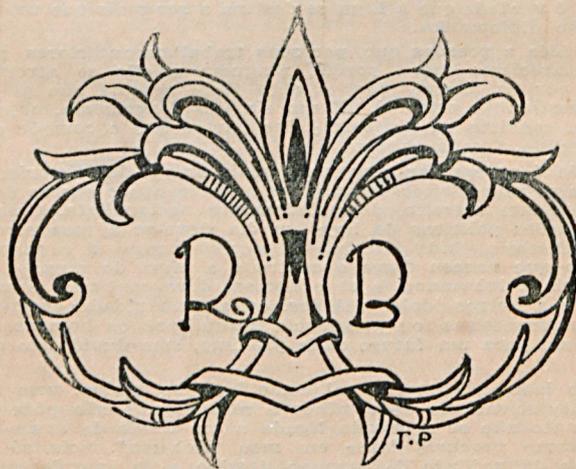
Claro, que nem eu nem ninguem pôde predizer o que será o mundo dentro de um milhão de annos, mas quasi podemos affirmar que dentro dos cem mais proximos ou haverá no mundo um governo federal universal, ou se terá iniciado a decadencia do genero humano. Antes de mais nada teremos que extirpar do mundo o "homem militar e o cerebro militarista". O maior perigo para a civilização não reside hoje no bolchevismo, mas nos venturosos aristocratas e monarchicos que dirigem a politica internacional em varios paizes. Essa gente não tem a menor noção do que sejam "limitações" e constitue uma verdadeira conspiração contra a paz e o bem estar da humanidade. Tanto farão, que provocarão uma convulsão social que a todos nos prenderá.

E' preciso, a qualquer preço, impedi-lo. Se não atalharmos suas aggressões insensatas e suas intrigas, elles destruirão o desenvolvimento ordenado do systema actual, e nos levarão não já a uma revolução, mas ao aniquillamento de toda a ordem social. Veremos então uma decadencia e fim de Roma..."

Wells levanta, então, um dos nenuphars e crava no horizonte os olhos de um pardo azulineo já povoado e cruzado de imagens milagrosas...

"O Jornal"

RICARDO BAEZA



CARICATURAS DO MEZ

Em Futilopolis



E dizer-se que o cachorrinho é que é o irracional!

As surpresas do sport



O «Street Football Club» entregou os pontos.

J. CARLOS (D. Quixote).

"REIS DE BARALHO"

CONFORME A NOVA CHAPA
ADOPTADA NA CAMARA



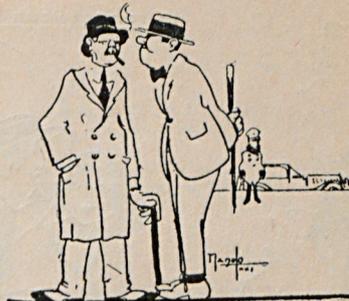
RAUL (Jornal do Brasil).

Gente activa



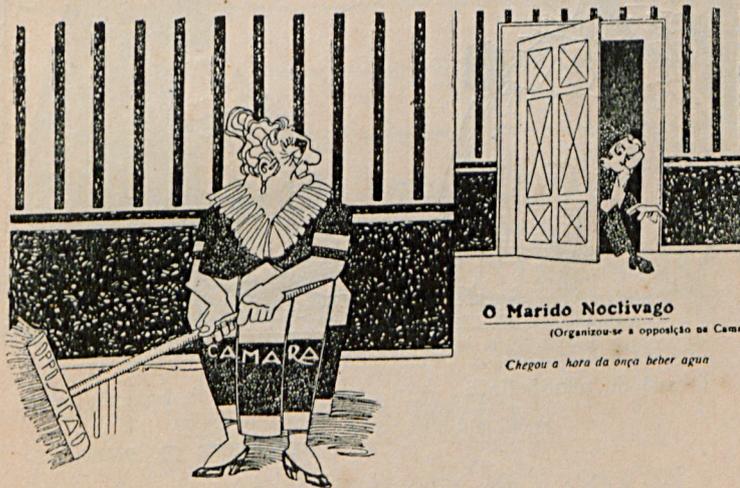
— Vamos oranjar um emprego?
— De que?
— De secreta, para prender os desoccupaídos.

O trocadilho do dia



— O dinheiro? Desde que cá não o vemos,
cá... vemol-o!

(D. Quixote).



O Marido Noctivago

(Organizou-se a opposição da Camara)

Chegou a hora da onça beber agua

O rendez-vous chic



Ella - Eu hoje vi, na festa livre...
Ele - Repolhos e chuchuchus?
Ella - Não, Fabrici... Vi uma
senhora com uma pelle de lantra admirável.

O avô do almofadinha

A hora da missa

BELMONTE (D. Quixote).

**BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE
DO SUL**

FUNDADO EM 1858

CAPITAL 40.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVA 20.000:000\$000
*Sede: Porto Alegre — Filiaes e agencias nas principaes praças do Estado —
Correspondentes no Brasil e estrangeiro. — Filial no Rio de Janeiro.*

O Banco empresta dinheiro em conta corrente e promissórias, desconta saques, recebe dinheiro em deposito, pagando varias taxas, conforme as condições preferidas pelo depositante, fornece carta de credito para o Brasil e estrangeiro e faz todas as operações bancarias.

SECÇÃO DE COFRES FORTES — Em sua casa forte tem, á disposição do publico, mediante modica contribuição, cofres para alugar, destinados a guarda de jóias, documentos e valores.

CAIXA DE DEPOSITOS POPULARES — Esta secção, a primeira e mais antiga do seu genero no Brasil, recebe dinheiro em deposito, desde 20\$000 até 5:000\$000 abonando juros, capitalizados semestralmente, sendo permittidas retiradas até 1:000\$000 por semana sem prévio aviso.

PORTO ALEGRE

Rua Uruguay N.º 5, esquina da rua 7 de Setembro

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.:
"LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

**ACABA DE APPARECER
SENHORA DE ENGENHO**

Romance de costumes pernambucanos

POR MARIO SETTE

A' VENDA NA "REVISTA DO BRASIL"

PREÇO 4\$000 O VOLUME

LIVROS A' VENDA
NA
REVISTA DO BRASIL

DE MARIO SETTE:

SENHORA DO ENGENHO

Romance de successo, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

ROSAS E ESPINHOS

Finos contos. Exemplar broc. 4\$000

AO CLARÃO DOS OBUZES

Contos de successo. Exemplar broc. 4\$000

DE CANTO E MELLO:

RELIQUIAS DA MEMORIA

Romance de successo, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

ALMA EM DELIRIO

Interessante romance, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

BUCOLICA

Poemeto 1\$000

DE AMADEU AMARAL:

DISCURSO. 2\$000

DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA:

CONFERENCIAS 4\$000

DE MARTIM FRANCISCO:

NO JURY DE ARARAS 2\$000

RINDO. 3\$000

DA SOCIEDADE EUGENICA DE S. PAULO:

ANNAES 8\$000

A SCIENCIA NO LAR MODERNO

D. EULALIA VAZ

Nova collecção de receitas de doces, iguarias, petiscos e tudo o que diz respeito á arte culinaria. Receitas provadas pela autora.

Livro util e necessario ás boas donas de casas.

QUINTA EDIÇÃO

Melhorada e ampliada. — Preço: 5\$500 o exemplar

DESCONTO AOS REVENDEDORES



Ultimas Edições da "Revista do Brasil"

Contribuindo, por Martim Francisco

Em seguida ao RINDO, publicado em 1919, dá-nos o grande Andrada mais uma obra notabilíssima onde estuda numerosos vultos da nossa historia.

Brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Jardim das Confidencias, Ribeiro Couto

Um livro de versos verdadeiramente encantador, com uma nota pessoal toda nova, rica de sentimento e finuras emotivas.

Brochado 3\$500

O Professor Jeremias, Léo Vaz

Este livro vencedor entra agora na quarta edição e continua a ser vendido pelos preços antigos.

Brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Vultos e Livros, Arthur Motta

Biographia, bibliographia e critica das mais eminentes figuras literarias do Brasil. Primeira serie de uma obra em cinco volumes, deveras notavel.

Brochado 5\$000

A Lingua Nacional, João Ribeiro

Ultimo trabalho do grande philologo, recebido pela critica com o respeito que as obras sérias a todos impõem.

Brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Pedidos a Monteiro Lobato & Cia.



H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os annuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

e Bondes de Santos.

Viação Ferréa R. G. Sul.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

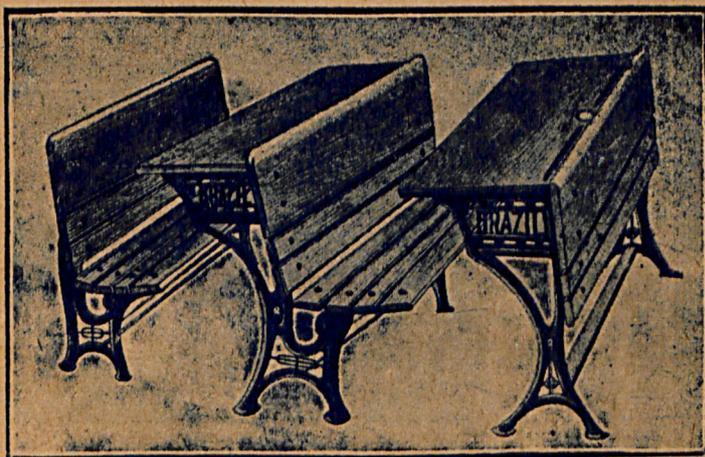
Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo



MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechnico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----



AS MACHINAS
LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

